

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO  
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO E ARTES  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO E PODER**

**TUANI AWADE NUNES DA MATA**

**A COBERTURA DA FOLHA DE SÃO PAULO E DO G1  
SOBRE OS IMPACTOS AMBIENTAIS NA GUERRA DA  
UCRÂNIA**

**CUIABÁ-MT  
2024**

**TUANI AWADE NUNES DA MATA**

**A COBERTURA DA FOLHA DE SÃO PAULO E DO G1 SOBRE OS  
IMPACTOS AMBIENTAIS NA GUERRA DA UCRÂNIA**

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de mestre no Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Poder da Universidade Federal de Mato Grosso, na linha “Política e Cidadania”.

Orientadora: Prof. Dr. Jociene Carla Ferreira Pedrini

**Cuiabá-MT  
2024**



**MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO**  
**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO**  
**PRÓ-REITORIA DE ENSINO DE PÓS-GRADUAÇÃO**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO**

**FOLHA DE APROVAÇÃO**

TÍTULO: A cobertura da Folha de São Paulo e do G1 sobre os impactos ambientais na guerra da Ucrânia.

AUTORA: MESTRANDA TUANI AWADE NUNES DA MATA.

Dissertação defendida e aprovada em 29 de fevereiro de 2024.

**COMPOSIÇÃO DA BANCA EXAMINADORA**

1. Professora Doutora Jociene Carla Bianchini Ferreira Pedrini (Presidente da Banca/Orientadora/PPGCOM/UFMT)  
INSTITUIÇÃO: Universidade Federal de Mato Grosso
2. Professor Doutor Deyvisson Pereira da Costa (Examinador Externo/PPGECCO/UFMT)  
INSTITUIÇÃO: Universidade Federal de Mato Grosso
3. Professor Doutor Rodrigo Daniel Levoti Portari (Examinador Interno/PPGCOM/UFMT)  
INSTITUIÇÃO: Universidade Federal de Mato Grosso
4. Professor Doutor Cristóvão Domingos de Almeida (Examinador Suplente/PPGCOM/UFMT)  
INSTITUIÇÃO: Universidade Federal de Mato Grosso
5. Professor Doutor Audrey do Nascimento Sabbatini Martins (Examinador Suplente/Faculdade Iteana de Botucatu/ITE)  
INSTITUIÇÃO: Faculdade Iteana de Botucatu (ITE)

**CUIABÁ, 29 DE FEVEREIRO DE 2024 .**



Documento assinado eletronicamente por **JOCIENE CARLA BIANCHINI FERREIRA PEDRINI, Docente da Universidade Federal de Mato Grosso**, em 29/02/2024, às 16:12, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Rodrigo Daniel Levoti Portari, Usuário Externo**, em 04/03/2024, às 16:57, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Deyvisson Pereira da Costa, Usuário Externo**, em 07/03/2024, às 19:18, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).

---



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site [http://sei.ufmt.br/sei/controlador\\_externo.php?acao=documento\\_conferir&id\\_orgao\\_acesso\\_externo=0](http://sei.ufmt.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0), informando o código verificador **6627509** e o código CRC **7B68D976**.

---

### **Dados Internacionais de Catalogação na Fonte.**

D111c Da Mata, Tuani Awade Nunes.  
A cobertura da Folha de São Paulo e do G1 sobre os impactos ambientais na guerra da Ucrânia [recurso eletrônico] / Tuani Awade Nunes Da Mata. -- Dados eletrônicos (1 arquivo : 101 f., il. color., pdf). - 2024.

Orientadora: Jociene Carla Bianchini Ferreira Pedrini.  
Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Mato Grosso, Faculdade de Comunicação e Artes, Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Cuiabá, 2024.  
Modo de acesso: World Wide Web: <https://ri.ufmt.br>.  
Inclui bibliografia.

1. Jornalismo Ambiental. 2. Guerra da Ucrânia. 3. Meio ambiente. I. Pedrini, Jociene Carla Bianchini Ferreira, *orientador*. II. Título.

Ficha catalográfica elaborada automaticamente de acordo com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

Permitida a reprodução parcial ou total, desde que citada a fonte.

## AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, agradeço a Deus por ter me dado forças para não desistir. Quando digo desistir, não me refiro apenas ao processo do Mestrado, mas como em vários momentos da minha vida acadêmica. Apesar de adorar estudar e ver na educação um processo de mudança, foram vários os desafios que eu tive que superar e vencer para ser hoje uma jornalista formada por uma universidade federal e pós-graduada na mesma. Hoje em dia, olhando de fora, vejo que tudo isso, embora tenha me dado muitas dores de cabeça, me deixou mais resistente para novos desafios. E, talvez, não mudasse nada nesse processo se tivesse escolha.

Também agradeço a minha avó, *dona Maria*, que mesmo tendo falecido na metade minha graduação foi fundamental para tudo que eu sou e faço no cotidiano. Ser persistente e tentar não me abalar com críticas foram apenas um dos aprendizados que eu tive com ela. Ela sempre soube que minha dedicação seria mais importante que qualquer talento, então-me dizia que tudo bem não passar de primeira, nem de segunda, e sim, compreender que nada nesta vida viria de graça. Muito pelo contrário, que devemos lutar por aquilo que acreditamos e, em algum momento, isso daria certo.

Ao meu pai, Tulio Nunes, que sempre foi a melhor figura paterna que eu poderia ter tido. A quem também muito recorri em momentos de angústias e que sempre me acolheu com um abraço forte. Tenho muito orgulho de ter esse homem como meu pai.

Aos meus amigos, familiares, professores do mestrado. Em especial à minha orientadora, que sempre foi muito carinhosa e atenciosa comigo, mesmo eu dando várias páginas para ela ler, muitas vezes sem necessidade (risos).

E, por fim, mas não menos importante às minhas cachorrinhas, Tita, Nina, Sara e, principalmente, a Lolly, que sempre foi minha melhor amiga. Para alguns pode até ser banal, no entanto, só eu sei o quanto a minha pequena foi necessária e fundamental em minha vida.

## RESUMO

Esta dissertação analisa as reportagens da Folha de São Paulo e do Site G1, do Grupo Folha e do Grupo O Globo, respectivamente, sobre os impactos ambientais na Guerra da Ucrânia, observando as características do Jornalismo Ambiental que foram aplicados. Para isso, foi usada como metodologia a Análise de Conteúdo (AC), de acordo com os moldes propostos por Bardin, para observar as matérias dos dois veículos de comunicação de forma tanto quantitativa como qualitativa nos dois meses iniciais do conflito, momento em que houve muito destaque midiático sobre o assunto. É interessante observar que a guerra da Ucrânia inicia oficialmente no dia 24 fevereiro de 2022, quando o então presidente da Rússia, Vladimir Putin, bombardeia várias cidades da Ucrânia após a aproximação do antigo aliado da Organização do Tratado do Atlântico Norte (Otan). Contudo, a guerra geopolítica passa por várias motivações históricas com o decorrer do tempo, como o não reconhecimento da independência da Ucrânia pela Rússia, que a enxerga como uma extensão do seu território. Desta forma, esta pesquisa se fundamenta, sobretudo, pelo pouco destaque dado à temática ambiental em conflitos armados e ênfase em quantidade de mortes ou questões econômicas. Em geral, o tema meio ambiente acaba sendo descartado, e o destaque é dado ao ser humano, enquanto são ignoradas as consequências que determinado conflito pode trazer para o ecossistema.

**2PALAVRAS-CHAVES:** Jornalismo ambiental; Guerra da Ucrânia; meio ambiente.

DA MATA, Tuani Awade Nunes. A cobertura da Folha de São Paulo e do G1 sobre os impactos ambientais na guerra da Ucrânia. Cuiabá, 2024. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Faculdade de Comunicação e Artes, Universidade Federal de Mato Grosso, 2024.

## ABSTRACT

This dissertation analyzes the reports of Folha de São Paulo and the G1 website, Grupo Folha and Grupo o Globo, respectively, on the environmental impacts of the War in Ukraine, observing the precepts of Environmental Journalism that were applied. To this end, Content Analysis (CA) was used as a methodology according to the molds proposed by Bardin to observe the articles of the two media outlets, both quantitatively and qualitatively, in the first two months of the conflict, a moment in which there was a lot of media prominence on the subject. It is interesting to note that the war in Ukraine officially began on February 24, 2022, when the then-president of Russia, Vladimir Putin, bombed several cities in Ukraine, after the approach of the former ally the North Atlantic Treaty Organization (NATO), however the geopolitical war goes through several historical motivations over time, such as the non-recognition of Ukraine's independence by Russia, which sees it as an extension of its territory. Thus, this research is based mainly on the little emphasis given to the environmental theme in armed conflicts, as emphasized by the author Shinar (2013), who explains that in armed conflicts the emphasis is given to issues that involve human beings in a direct way, such as the number of deaths, or economic issues. In general, the environment ends up being treated as something discarded, which should not present so much evidence, and, therefore, often the emphasis is given only to human beings, while the consequences that a given conflict can bring to the ecosystem are ignored.

**KEYWORDS:** Environmental journalism; Ukrainian War; Environment.



## LISTA DE FIGURAS

Tabela 1 – Estado de Arte.....	22
Tabela 2- Materiais analisadas sobre Guerra da Ucrânia .....	45
Figura 1- Print da pesquisa avançada do Google .....	41
Figura 2- Print da palavra-chave na pesquisa avançada do Google .....	42
Figura 3- Print da matéria “Tereza Cristina diz que não faltará trigo no Brasil e que problema é preço do alimento” .....	48
Figura 4 - Print da matéria “Guerra na Ucrânia deve encarecer o pãozinho, entenda”.....	49
Figura 5- Print da matéria “MT tem a Rússia como principal fornecedor de fertilizantes” .....	50
Figura 6 - Print da matéria “Guerra na Ucrânia faz preço do potássio triplicar em um ano” ..	51
Figura 7- Print da matéria “Por que os preços globais de alimentos estão em choque?” .....	53
Figura 8- Print da matéria “Guerra da Ucrânia atinge agro, e ministra diz já ter plano A e B” .....	55
Figura 9 - Print da matéria “Comida do futuro: as plantas pouco conhecidas que podem nos alimentar em 2050” .....	57
Figura 10- Print da matéria “Empresa de adubos de MG decide elevar 7 vezes produção” ....	58
Figura 11- Print da reportagem “Brasileira grávida que mora em Kiev faz apelo para trazer cachorro” .....	60
Figura 12- Print da reportagem “Stepan, gato influencer ucraniano faz vaquinha” .....	61
Figura 13- Print da reportagem “Como os animais estão sendo resgatados durante a guerra na Ucrânia”.....	62
Figura 14 - Print da matéria: “Avião da Fab com brasileiros, estrangeiros e pets vindos da Ucrânia chega a Brasília” .....	63
Figura 15 - Print da matéria “Cachorro de tropas russas é resgatado e agora atua do lado ucraniano na Guerra”.....	64
Figura 16 - Print da matéria “A gasolina vai subir no Brasil com a Guerra na Ucrânia?” .....	66
Figura 17- Print da reportagem “Russos tomam a maior usina nuclear da Europa” .....	67
Figura 18 - Print da matéria “Ataques russos destroem gasoduto e depósito de Combustível na Ucrânia, dizem autoridades” .....	73
Figura 19 - Print da matéria “Saiba o que outros países fazem para segurar o preço dos combustíveis” .....	74
Figura 20 - Print da matéria “Por que preocupação é com Petróleo e não com trigo?, questiona ex - diretor da ANP” .....	76
Figura 21 - Print da matéria “Bolsonaro defende que Petrobras reduza lucro para evitar alta no combustível”.....	77
Figura 22- Print da matéria “O que são as bombas de fragmentação, que os EUA fornecerão para a Ucrânia” .....	80
Figura 23- Print da matéria “Guerra na Ucrânia: Como sobrevivi a bomba de 500kg que atingiu teatro de Mariupol”.....	81
Figura 24- Print da matéria “O que são armas químicas e biológicas que Rússia e Ucrânia se acusam mutuamente de possuir?” .....	82
Figura 25- Print da matéria “Brasileiros na Ucrânia ouvem explosão, vão para abrigo antibomba e tentam sair do país”.....	82
Figura 26 - Print da matéria “Rússia e EUA trocam acusações sobre armas biológicas na Ucrânia em sessão da ONU” .....	86
Figura 27- Print da matéria “Imagens mostram impacto de bombardeios russos na Ucrânia” ..	87
Figura 28 - Print da matéria “Conheça as armas usadas por Rússia e Ucrânia na Guerra” ....	88

Figura 29 - Print da matéria “Guerra na Ucrânia faz disparar cotação do ouro” .....	91
Figura 30- Print da matéria “Bolsonaro usa possível falta de fertilizantes da Rússia para defender mineração em terras indígenas” .....	93

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>12</b>
<b>2</b>	<b>O JORNALISMO AMBIENTAL E SUAS CARACTERÍSTICAS .....</b>	<b>14</b>
	2.1 Jornalismo de Guerra e a cobertura ambiental dos conflitos.....	21
<b>3</b>	<b>GUERRA NA UCRÂNIA: RESGATE HISTÓRICO DO CONFLITO.....</b>	<b>30</b>
	3.1 Impactos ambientais na Guerra da Ucrânia e os riscos das Usinas de Chernobyl e Zaporizhzhia .....	34
<b>4.0</b>	<b>PERCURSO METODOLÓGICO .....</b>	<b>39</b>
	4.1 Resultados e Análises .....	44
	4.1.1 - Alimentos .....	47
	4.1.2 – Fauna .....	59
	4.1.3 – Fontes de Energia .....	65
	4.1.4- Poluição.....	77
	4.1.5 - Mineração.....	89
<b>5</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>94</b>
<b>6</b>	<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....</b>	<b>97</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como objetivo fazer uma análise sobre a cobertura da *Folha de São Paulo* e do site *GI* sobre os impactos ambientais na Guerra da Ucrânia, observando se as características do Jornalismo Ambiental são aplicáveis em suas reportagens, usando como metodologia a Análise de Conteúdo (AC), segundo Bardin.

No dia 24 de fevereiro de 2022, diversas cidades da Ucrânia foram bombardeadas pelo presidente da Rússia, Vladimir Putin. Os motivos passam pelo não reconhecimento da independência da Ucrânia pelo antigo aliado, assim como a sua aproximação da Organização do Tratado do Atlântico Norte (Otan), fazendo com que a Rússia perca o controle e influência sobre a região.

Neste contexto, são várias as consequências que conflitos armados podem trazer para a sociedade, como a morte de várias pessoas, consequências econômicas e ambientais. Esta última traz inúmeros prejuízos os quais, muitas vezes, necessitam de vários anos para recuperação ou são irreversíveis para o ecossistema, afetando não apenas o ser humano de forma imediata, como também as próximas gerações, o equilíbrio natural, o clima, entre outros.

Diante do exposto, esta pesquisa tem como objetivo responder a seguinte pergunta-problema: “Como os sites *GI* e *Folha de São Paulo* cobriram os impactos ambientais na guerra da Ucrânia em fevereiro e março de 2022?”. O recorte temporal é justificado pelo fato de se acreditar que foi o momento em que o evento obteve maior destaque na mídia.

A escolha dos dois objetos de pesquisa, por sua vez, tanto *GI*, do Grupo O Globo, quanto a *Folha de São Paulo*, pertencente ao Grupo Folha, se dá pela sua popularidade entre os brasileiros. Os dois jornais, de acordo com dados do Instituto Verificador de Comunicação (IVC) de 2020, são considerados os líderes quando somadas as assinaturas do jornal impresso e do digital, sendo a primeira posição ocupada pelo Grupo Folha, com 337.853 exemplares diários pagos por mês, enquanto o Globo apresenta 332.176<sup>1</sup> exemplares. Em relação aos visitantes únicos, a *Folha de São Paulo* foi responsável por 73,8 milhões de visitantes únicos apenas em abril de 2020<sup>2</sup>, enquanto no ano de 2018, o *GI* acumulou 3,1 bilhões de visitas e 56 milhões de visitantes únicos, sendo considerado o principal produto da marca Globo<sup>3</sup>.

---

<sup>1</sup> Informações retiradas do site: <<https://www1.folha.uol.com.br/poder/2021/01/folha-encerra-a-decada-como-o-jornal-com-mais-assinantes-do-pais.shtml>> acesso em 15/05/2023

<sup>2</sup> Informações retiradas do site: <<https://www1.folha.uol.com.br/poder/2021/01/folha-encerra-a-decada-como-o-jornal-com-mais-assinantes-do-pais.shtml>> acesso em 15/03/2023

<sup>3</sup> Informações retiradas do site: <<https://g1.globo.com/economia/midia-e-marketing/noticia/2018/11/26/grupo-globo-bate-recorde-de-acessos-no-digital-e-passa-de-100-milhoes-de-usuarios-unicos.ghtml>> acesso: 15/03/2023

Este trabalho está dividido em cinco capítulos, sendo o primeiro a Introdução. Em seguida, no segundo capítulo, discute-se os preceitos e as características do Jornalismo Ambiental, usando como principais autores Bueno (2007), Belmonte, Steigleder e Motter (2014) e Loose e Camana (2015). Neste mesmo capítulo, argumentamos sobre os impactos ambientais em conflitos armados, algo que se torna extremamente relevante para nossa pesquisa, usando principalmente Shinar (2009) e Borges (2015). O terceiro capítulo, por sua vez, é dedicado à compreensão das causas da guerra da Ucrânia. Tal elemento passa por questões históricas, como o não reconhecimento da independência do país pela Rússia, principal representante da antiga União Soviética, e pela aproximação do país com a Otan. Neste capítulo, também abordaremos os possíveis impactos ambientais da guerra da Ucrânia, envolvendo questões como o aquecimento global potencializado pela queima de combustível fóssil e a contaminação de recursos hídricos, além de um resgate histórico do maior desastre nuclear do mundo, que ocorreu em *Chernobyl*, atualmente pertencente à Ucrânia.

No quarto capítulo, foram discutidas teoricamente a metodologia usada neste trabalho: a Análise de Conteúdo (AC), de Bardin, explicando a forma que foi feita esta pesquisa. Para então, no sétimo capítulo, abordarmos sobre as análises coletadas. Por fim, no último capítulo, estão as Considerações Finais, trazendo os principais resultados da amostra coletada e discutida neste trabalho.

## 2 O JORNALISMO AMBIENTAL E SUAS CARACTERÍSTICAS

O meio ambiente acaba se tornando um elemento essencial na vida do ser humano, pois é por meio dele que temos acesso aos recursos necessários para a nossa sobrevivência. No entanto, por muito tempo, ele acabou sendo tratado como algo inesgotável e sem tanta importância. Desta forma, a primeira Conferência das Nações Unidas (ONU), realizada em Estocolmo no ano de 1972, é considerada um marco, pois foi onde, pela primeira vez, houve o debate sobre a necessidade da conservação do meio ambiente. Autores como Belmonte (2017) explicam que, após o evento, o meio ambiente começou a ser mais discutido em jornais internacionais, mas no Brasil a cobertura ainda era menos evidente, algo que se tornou mais forte posteriormente, entre o Rio 92 e o Rio+10.

A Conferência das Nações Unidas (ONU), desta forma, é marcada pela tensão entre os países desenvolvidos e países em desenvolvimento, como é explicado por Tannous e Garcia (2008, p.185):

Os países desenvolvidos estavam preocupados com os efeitos da devastação ambiental sobre a Terra, propondo um programa internacional voltado para a conservação dos recursos naturais e genéticos do planeta, pregando que medidas preventivas teriam que ser encontradas imediatamente, para que se evitasse um grande desastre. Por outro lado, os países em desenvolvimento argumentavam que se encontravam assolados pela miséria, com graves problemas de moradia, saneamento básico, atacados por doenças infecciosas e que necessitavam desenvolver-se economicamente [...]

Ou seja, neste evento, temos uma divisão em relação às ideias de cada país marcado pelo seu desenvolvimento, afinal de contas, aqueles considerados mais desenvolvidos acreditavam que os menos desenvolvidos não deveriam usar de seus recursos naturais para não afetar o ecossistema. Enquanto os menos desenvolvidos viam nesta exploração uma forma de conseguir riquezas e, conseqüentemente, se desenvolver.

Em 1992, ocorreu a Conferência do Rio, também conhecida como Eco - 92, onde é usado pela primeira vez o termo “desenvolvimento sustentável” como uma medida no qual os seres humanos devem usar a natureza como um recurso esgotável, priorizando por ações que não afetassem o meio ambiente (BIATO, 2005). Com isso, foram desenvolvidas políticas focadas na sustentabilidade, entre elas a Agenda 21, que foi além de ações envolvendo questões ambientais e questionou os problemas sociais, tal como a pobreza dos países em desenvolvimento (BASSANI, DE CARVALHO, 2004). No mesmo evento, surge o termo “Jornalismo Ambiental”, assim como mais intensidade das pautas verdes”. (TANNOUS, GARCIA, 2008).

Com o desenvolvimento desses eventos se observa um maior interesse do Brasil em relação à temática, com o surgimento de revistas focadas no assunto e uma maior dedicação das

grandes empresas em desenvolver práticas sustentáveis. Após Rio 92 e Rio+10, evento ocorrido em 2012, quando comemorou-se os 20 anos da primeira conferência, tido adesão pelo sistema capitalista, logo foi incorporada por grandes empresas.

O Jornalismo Ambiental começa a se configurar na Europa a partir da década de 1960. No Brasil, ele se consolidou no último quarto do século 20, atrelado ao jornalismo científico, mas é nos Estados Unidos que ele teve maior destaque, pois em 1941 e 1948, o jornal do país já havia ganhado dois *Prêmios Pulitzer* com reportagens envolvendo o meio ambiente (BELMONTE, 2017).

Ao contextualizar o Jornalismo Ambiental, é importante observá-lo como mais do que uma simples especialização, mas como uma forma de conscientizar o ser humano a desenvolver hábitos sustentáveis. O meio ambiente deve ser tratado como recurso esgotável e, por isso, não deve ser deixado em segundo plano (BELMONTE, STEIGLEDER, MOTTER, 2014). Wilson Bueno (2007), desta forma, complementa que o Jornalismo Ambiental deve cumprir três funções: a informativa, a política e a pedagógica.

A função informativa tem como propósito trazer os conceitos de forma mais compreensível para a sociedade, levando em consideração a complexidade do Jornalismo Ambiental. Assim, a pedagogia, acaba ensinando como o ser humano deve lidar com a natureza para, por fim, executar a função política que tem como objetivo promover a cidadania, com a promoção de ações sustentáveis (BUENO, 2007). Caso não tenhamos um jornalismo focado nestas questões, assim como a conceitualização da notícia e vários pontos de vista, temos apenas um jornalismo sobre meio ambiente, visto de forma mais superficial, pois não há o envolvimento em conscientizar o fato (BELMONTE, STEIGLEDER, MOTTER, 2014).

No Jornalismo Ambiental é dado destaque aos grandes desastres ambientais no cotidiano. Antes do conceito de Jornalismo Ambiental, já havia debates em relação ao uso inconsciente do meio ambiente, provocado por grandes tragédias que impactaram a vida do ser humano. Desta forma, o princípio da precaução acaba se tornando um grande aliado do Jornalismo Ambiental, como é explicado por Girardi, Loose, Steigleder et al. (2020, p. 285): “[...] A precaução é chamada quando não há conhecimento dos danos ou não certeza de sua ocorrência e alcance de impacto”. Ou seja, tal princípio tem como objetivo priorizar o meio ambiente quando não há certeza se recursos tecnológicos ou científicos o podem resolver, ou então o prejudicar, dando prioridade ao meio ambiente.

Tomemos como o exemplo o caso que ocorreu em 1968, quando foi registrado o primeiro grave acidente ambiental ocasionado por contaminação industrial no Japão, após a alta rejeição de mercúrio na baía de Minamata (DE MORAES, FANTE, 2018). Estima - se que

cerca de cinco mil pessoas foram atingidas pela doença que apresentava sintomas como fortes convulsões, surtos de psicose, perda de consciência e febre, após consumirem os peixes da região, além da morte de 900 pessoas<sup>4</sup>. Em relação a estas tragédias, o que podemos observar é a quantidade de mortes, não apenas do ser humano como de todo um ecossistema, o que afeta o equilíbrio natural. É importante observar que neste episódio, o princípio da precaução não foi respeitado, pois caso fosse, o meio ambiente não teria sido prejudicado (GIRARDI, LOOSE, STEIGLEDER, ET AL, 2020).

Nesta questão, ainda temos a questão da morte no qual, segundo Belmonte, Steigleder e Motter (2014, p.8 - 9):

[...]Está presente na noção de risco, não apenas a morte dos seres humanos, mas também dos demais seres vivos, podendo-se ir além considerar ainda as mortes imateriais de modos de vida e culturas, expostas à ganância do sistema econômico cujo fundamento tem sido o processo de acumulação de capital pela criação incessante de novas necessidades de consumo.

O capitalismo, sendo assim, acaba sendo visto como principal culpado, já que, muitas vezes, o meio ambiente é destruído com o objetivo de lucro, embora exista todo um ciclo natural no ecossistema que afetará mais tarde o ser humano. Desta forma, estas atividades intensas do homem sobre a natureza acabam fazendo com que ocorra uma riqueza temática no Jornalismo Ambiental, caracterizado por vários assuntos os quais podem ser explorados, como é apontado por Bueno (2007, p.35):

[...] o desenvolvimento e a proteção da fauna e da flora; a diversidade biológica ou biodiversidade; a poluição em suas várias formas (atmosférica, visual, sonora, etc.); as mudanças climáticas; as condições da água e do solo; o consumo consciente; a sociodiversidade, que prevê a relação do homem com o seu entorno; os resíduos domésticos e o lixo industrial; as condições de produção de alimentos (a agroecologia, os transgênicos e os aditivos alimentares, por exemplo); a produção, conservação e utilização de energia; as condições de habitação (favelização, edifícios doentes, etc.); [...] e assim por diante.

Se o Jornalismo Ambiental se caracteriza pela riqueza temática onde o repórter poderá encontrar pautas interessantes, quando associado à questões políticas acaba ocorrendo uma cobertura limitada nas grandes mídias nacionais. Loose e De Moraes (2018, p. 121), ao relatarem este problema, também explicam que: “[...] Jornalistas possuem normas profissionais, rotinas de produção e critério de noticiabilidade fortemente vinculados a um tempo presente (e não futuro) e às materialidades do cotidiano [...]”. O mesmo também é comentado novamente por Loose em outro artigo (2019, p.95) “[...] espera-se o risco se tornar concreto para depois apurar o que poderia ser feito para evitá-lo”

---

<sup>4</sup> Informações retirada do site:

<[https://www.wwf.org.br/natureza\\_brasileira/reducao\\_de\\_impactos2/politicaspUBLICAS/convencao\\_minata/](https://www.wwf.org.br/natureza_brasileira/reducao_de_impactos2/politicaspUBLICAS/convencao_minata/)>  
acesso 26/12/22



O risco acaba sendo o principal critério de noticiabilidade do Jornalismo Ambiental, onde embora a diminuição desse risco pode ser pautada, como uso de energia renovável e outras questões que podem amenizar o impacto do ser humano no meio ambiente, o seu aumento acaba tendo mais relevância, sobretudo pelos impactos sociais e econômicos para a sociedade (BELMONTE, STEIGLEDER, MOTTER, 2014). Em relação ao risco, há autores como Bouzon (2009) que acreditam que ele tende à interpretação do indivíduo, e que nem sempre será visto como consenso entre os indivíduos. Loose e Camana (2015, p. 122) ao fundamentar, o explicam:

O risco pode também ser compreendido como um perigo calculável ou, de outro modo, como um acontecimento previsível (seja devido a sinais prévios, seja devido à repetição do processo que permite o estabelecimento de uma frequência). Deste modo, um acontecimento totalmente imprevisível não pode ser visto como risco, já que está no domínio da incerteza.

Desta forma, de acordo com as autoras, o risco acaba sendo variável. Às vezes, sendo mostrado como um acontecimento habitual, que tendem a ser ignorados ou até mesmo não percebidos pela população e autoridades.

Além da noção de risco, outra matriz que acaba sendo bastante importante no Jornalismo Ambiental é a noção de limite, como é assegurado por Belmonte, Steigleder, Motter (2014, pag.4): “É a constatação da falta de limite que estrutura todo questionamento feito ao modelo de desenvolvimento capitalista globalizado, predador e excludente, ajudando a compreender as causas dos problemas ambientais [...]” Loose e Camana (2015, p. 121) asseguram: “Pressupõe-se, assim, que o Jornalismo Ambiental pode contribuir para o enfrentamento e compreensão dos riscos inerentes à sociedade contemporânea”.

Para compreendermos melhor, usaremos como exemplo as mudanças no clima, uma das principais pautas do Jornalismo Ambiental. Por meio dela, temos a intensa queima de gases poluentes como um dos principais responsáveis pelo evento. Ocorreu aí, a falta de limite ocasionada sobretudo pela Revolução Industrial, que tinha como objetivo industrializar as operações de trabalho, colocando o meio ambiente como segundo plano, com prejuízo sendo mais tarde contestado, como é explicado por Loose e De Moraes (2018, p.113):

Os cientistas observaram que o aumento da temperatura da terra em ritmo mais significativo nos últimos séculos é acompanhado por uma maior incidência dos fenômenos atrelados às ações humanas, como uma maior quantidade de emissão de gases de efeito estufa (GEE), que contribuem para a aceleração e intensidade das mudanças do clima. Desta forma inundações (causadas por chuvas intensa e por grande período), ciclones, tornados secas, calor intenso, entre outros, podem ser interpretados como eventos climáticos extremos quando se manifestam de um jeito mais acentuada ou frequente.

Por meio deste esclarecimento, também podemos observar uma das principais características do Jornalismo Ambiental que é a sua interação com outros campos de informações. Loose e Camana (2015) explicam que a pluralidade de vozes pode ser um elemento bastante limitado, pois a produção acaba sendo controlada por um número reduzido de pessoas, na maioria grandes empresários/políticos, fazendo com que suas informações sejam vistas como universais:

O resultado disso, muitas vezes, é o discurso uníssono, que importa somente a uma elite em detrimento de bilhões de pessoas, e que, por ser repetido e legitimado através dos meios de comunicação de massa, passa a ser compreendido como ‘verdade’ (ou como afirmações indiscutíveis). (LOOSE, CAMANA, 2015, p.124)

Mesmo assim, é interessante observar o Jornalismo Ambiental como um campo criado em conjunto, com o auxílio de outros profissionais, os quais irão ajudar a compreender um determinado fenômeno, como afirma Muniz (2009, p. 9): “A amplitude do Jornalismo Ambiental manifesta-se na interdependência que estabelece entre os mais diversos conhecimentos e saberes: sua complexidade não permite reduzir os acontecimentos a descrições e análises simplistas”.

Na área do meio ambiente acaba se tornando necessária a opinião de especialistas relacionados ao evento, como biólogos, geólogos e cientistas, o que deve ser visto como uma opinião de credibilidade e não uma verdade absoluta, como explicado por Loose e de Moraes (2018, p.115):

No caso específico de riscos, as fontes com expertise dominam as vozes das notícias que envolvem ameaças ou incertezas. Estes indivíduos foram legitimados na modernidade como aqueles capazes de gerenciar todos os problemas possíveis, ainda que a verdade não seja esta.

Esta ideia também é defendida por Belmonte (2017, p.9) quando afirma que "o Jornalismo Ambiental só se configura quando em relação com outras forças sociais". Por isso, reportagens com problematizações ecológicas e/ou socioambientais geralmente são influenciadas em parte pela presença do ativismo ecológico. Tal informação, inclusive, acaba sendo explicada em grande parte quando observamos que historicamente o Jornalismo Ambiental era considerado uma subdivisão do jornalismo científico (BELMONTE, 2017).

Além da interação com outras áreas de atuação, é importante sobretudo o relato dos cidadãos, pois em sua maioria são eles os mais prejudicados em um desastre, por exemplo. Afinal de contas, o Jornalismo Ambiental é comprometido com a cidadania ambiental (BELMONTE, STEIGLEDER, MOTTER, 2014). E esse tipo de jornalismo, como citado anteriormente apresenta como suas funções a política e a pedagógica (BUENO, 2007), sendo

importante para estabelecer hábitos mais sustentáveis à população e, por isso, nada mais justo que ouvir seus cidadãos.

O jornalismo deve ser imparcial, ou seja, não manifestar apenas uma opinião sobre um determinado assunto. A temática ambiental acaba rompendo com essa definição, já que por meio dele é esperado que o ser humano veja a natureza como algo importante e, por isso, é necessário estabelecer um limite. Sobre isso, Loose (2019, p.94) enfatiza: "[...]é um jornalismo posicionado a favor da vida, do bem-estar coletivo e do interesse público. Quando se diz que o jornalismo serve ao interesse público, não há questionamentos sobre sua pretensa objetividade". Portanto, o engajamento do jornalista acaba enfatizando essa prática onde mais do que simplesmente ouvir, deve se comprometer com os problemas ambientais, afinal de contas, por meio dele, temos a cidadania global estimulando as mudanças (BACCHETTA, 2000).

Belmonte (2020, p.195) explica que o conceito de engajamento do repórter pode ser definido como: "[...] O engajamento dos jornalistas na luta por justiça ambiental com uma prática multimídia característica das novas formas de produção de notícias e dos processos de convergência digital." O autor ainda menciona que atualmente o engajamento também pode ser visto nas principais redes sociais como o Instagram, por exemplo.

Loose e Girardi (2017), entendem o engajamento como algo necessário, porém que não deve ser função apenas do jornalista, mas como de um todo social:

É preciso que o jornalismo se encarregue de qualificar as informações (e aqui entramos no quarto pressuposto) de forma frequente para subsidiar as ações dos cidadãos, porém é necessário saber que não somente disto depende o engajamento das pessoas no que se refere às questões climáticas (e, de forma geral, ambientais) (LOOSE, GIRARDI, 2017, p.167)

As autoras afirmam que o jornalista deve deixar as informações claras para a população, levando em consideração a complexidade do Jornalismo Ambiental. No entanto, cabe aos cidadãos compreender para assim buscar medidas efetivas, sendo o jornalista ambiental o empoderador. Uma das formas possíveis para chamar atenção do leitor é o aproximar do risco fazendo com que ele busque possíveis soluções (LOOSE, 2019).

Belmonte (2017), assim como Loose e Girardi (2017), compreendem que o Jornalismo Ambiental para ser engajado precisa de auxílio de outros setores, para entender e estimular a conscientização da população.

Assim como o Jornalismo não espelha a realidade, mas participa do processo intersubjetivo de construção social da realidade, comunicação não é transmissão, mas interação. Assumir essa perspectiva interacionista tem consequências. A principal delas, do ponto de vista do jornalismo ambiental como profissionalismo engajado, é reconhecer que não basta divulgar um texto transversal, bem elaborado, com diversidade de fontes. Esse texto, ou informação, só vai gerar ação se o seu sentido

for construído em parceria com outros setores da sociedade (BELMONTE, 2017, p.120).

Esta interação com outros campos acaba refletindo a natureza complexa do Jornalismo Ambiental, associado a outras questões como o fato de muitas vezes o meio ambiente ser visto como algo que deve ser discutido após os problemas que afetam diretamente o ser humano, como a política, a economia e outros. Por isso, ele dificilmente terá uma editoria fixa. Tal fato acaba auxiliando no entendimento que o meio ambiente não é tão importante ao ponto de ter um local apenas para ele (HOLANDA, KAAPA, COSTA, 2022). Mas, ao mesmo tempo, pode ser visto como algo benéfico, já que ao construir reportagens em conjunto com outras editorias pode levar à migração de leitores que irão observar a importância de discutir a preservação do meio ambiente (BUENO, 2007).

Levando isso em consideração, autores da área como Belmonte, Steigleder, Motter (2014, p.9) evidenciam que:

[...]O jornalista deve estar atento a uma abordagem equilibrada em que as vozes acionadas em seu discurso possam ter espaços igualitários e, dessa maneira, não corra o risco de se distanciar do interesse público. Nos discursos jornalísticos, principalmente dos grandes veículos, geralmente não há uma contextualização dos temas abordados e nem uma discussão aprofundada das temáticas ambientais. [...]

Como dito anteriormente, o Jornalismo Ambiental acaba não sendo a temática com maior destaque pela mídia, o que pode ser justificado pela sua necessidade imediata e pela complexidade do campo. No entanto, Holanda, Kaapa, Costa (2022, p.3) chama atenção para outros problemas, como o seu alto valor:

[...] Os custos envolvidos na produção da cobertura de fatos ligados ao meio ambiente, envolvendo viagens e o grande número de entrevistas em locais de difícil acesso, representam barreiras para muitas empresas da mídia. Os jornalistas ambientais, muitas vezes, necessitam de mais tempo, além de uma infraestrutura dispendiosa, para produzir reportagens especializadas. Todos esses pré-requisitos para cobrir questões complexas podem transformar reportagens ambientais em uma produção cara. (HOLANDA, KAAPA, COSTA, 2022)

Isso também é assegurado por Loose (2017, p.8):

A especialização em ciência e/ou meio ambiente no meio jornalístico é, do ponto de vista social, uma forma de proporcionar acesso de qualidade ao conhecimento científico a um grande público, o que não costuma acontecer de outra maneira. Já do ponto de vista econômico, os profissionais especializados oneram as empresas, já que as redações estão cada vez mais enxutas e requerem profissionais generalistas e multiplataforma, como ciência e meio ambiente são áreas de pouca audiência, se comparadas a esportes, política e economia, por exemplo, os jornalistas dessas áreas são logo suprimidos.

Devemos compreender, além disso, que muitas vezes uma cobertura ambiental poderá trazer prejuízos para determinados grupos sociais, pois envolvem elementos como os lucros, consequentemente, como é assegurado por Loose, Camana (2015, p.22):

[...] a suposta validade do risco apontada pelos cientistas (a validação dos argumentos do problema ambiental) nem sempre significa que medidas para combatê-lo serão tomadas, visto que a conjuntura social e demais fatores políticos e econômicos também estão atrelados aos interesses de evidenciar ou não um risco ambiental.

Holanda, Kaapa, Costa (2022, p.4) trazem a questão, explicando que durante o movimento verde muitos grupos políticos divergiram da proposta, o que fez com que muitos ambientalistas não tivessem o apoio da mídia:

[...] A chamada grande mídia, geralmente controlada por esses grupos, ofereceu diversas abordagens sobre o tema, forçando ambientalistas a procurar possibilidades alternativas de divulgação para defender suas causas. Nesse caso e em situações semelhantes, os ambientalistas não tiveram sucesso”

Assim, o Jornalismo Ambiental não deve ser visto como uma simples especialização, mas como uma forma de conscientizar a população a adotar práticas as quais não prejudiquem o meio ambiente. Para isso, os jornalistas devem apresentar uma natureza comprometida, focada no engajamento e na interação com outros campos sociais, seja por meio da associação com outras editorias, ou, por meio de fontes. Devido à complexidade do campo, o que se observa, na maioria das vezes, são reportagens focadas nas tragédias ambientais, com ênfase no aumento do seu risco. Porém, a redução dos riscos também pode ser pautada como medida que diminui os impactos ambientais. Sendo assim, no Jornalismo Ambiental temos duas grandes matrizes, o risco e a noção de limite. A última, muitas vezes, associada ao capitalismo, tratado como grande vilão.

Após contextualizarmos o Jornalismo Ambiental, trataremos do jornalismo de guerra, associado como a cobertura ambiental, elementos importantes para este trabalho, cujo tema está vinculado à discussão proposta.

## **2.1 Jornalismo de Guerra e a cobertura ambiental dos conflitos**

O jornalismo de guerra, embora tenha alto valor notícia diante das notícias do mundo, parece ser algo esquecido no meio acadêmico. Ao pesquisarmos informações que pudessem contribuir com esta pesquisa, encontramos poucos artigos acadêmicos que explicam a trajetória do jornalismo em diversos conflitos que ocorreram na humanidade. A situação se torna mais escassa quando interligamos a questão com o meio ambiente, ponto também enfatizado por Shinar (2013) ao relatar que em guerra, as consequências ao meio ambiente acabam sendo o tópico menos evidenciado, sendo destacados acontecimentos pontuais, como o número de mortes e as questões econômicas. Sendo assim, este capítulo é dedicado à trajetória do

jornalismo de guerra e suas características, assim como os principais conflitos responsáveis por este conceito e denominação.

Por isso, um estado da arte sobre resgates históricos de algumas guerras se torna importante devido à temática ambiental em conflitos de guerra e sua pouca discussão acadêmica. Desta forma, foi realizado um estudo no mês de setembro de 2023, no Portal Periódicos da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), com as seguintes palavras-chaves “Guerra da Ucrânia”; “Meio ambiente e Guerra da Ucrânia”, “Meio ambiente” e “Meio ambiente e Guerra” e, por fim, “Cobertura do jornalismo em guerra” e “Cobertura do jornalismo em guerra e meio ambiente”.

Tabela 1 – Estado de Arte

Palavras de busca	Portal Periódico da Capes
Guerra da Ucrânia	98 resultados
Guerra da Ucrânia e Meio ambiente	2 resultados
Meio ambiente	49.899 resultados
Meio ambiente e Guerra	414 resultados
Cobertura do Jornalismo de Guerra	35 resultados
Cobertura de Jornalismo de Guerra e Meio Ambiente	7 resultados

Na primeira busca, a amplitude de questões relacionadas à Guerra da Ucrânia fez com que fossem encontrados 98 artigos, destas, 69 revisadas em periódicos por pares. Contudo, a restrição da temática com as palavras-chave “Guerra da Ucrânia e Meio Ambiente” abordaram apenas dois resultados, ou seja, apenas 2,04% das buscas. A palavra-chave “meio ambiente”, por sua vez, gerou cerca de 49.899 trabalhos, sendo 24 mil revisados em periódicos por pares, “Meio ambiente e Guerra” trouxe 414 resultados, ou seja apenas 0,82% dos trabalhos com temática do meio ambiente trabalham a questão desses conflitos. A “cobertura do jornalismo em guerra”, gerou 35 resultados, destes, 26 periódicos revisados por pares. Por fim, a “cobertura do jornalismo em guerra e meio ambiente” trouxe sete resultados, todos eles revisados por pares. Sendo assim, cerca de 20% dos trabalhos sobre a cobertura do jornalismo em conflitos armados abordam elementos sobre o meio ambiente.

Com relação às questões históricas, o primeiro registro que se tem acesso em relação ao jornalismo de guerra ocorreu na Guerra da Crimeia, a qual se iniciou em 1853, envolvendo os russos contra Reino Unido, Itália, França e Império Turco-Otomano (a atual Turquia), e tendo

como objetivos controlar a Rússia na sua expansão de territórios e o mar Mediterrâneo. Neste contexto, *William Howard Russell*, jornalista do grande jornal *The Times*, de Londres, foi encaminhado para cobrir o conflito. Antes desse episódio, a cobertura de guerras era bastante restrita, pois acontecia por meio dos relatos dos soldados que estavam no local, fazendo com que muitos fatos fossem esquecidos ou então não mencionados (BORGES, 2005). *Russell*, apesar de no cotidiano ser visto como nome de destaque, se tornou um empecilho para as grandes autoridades, já que ao relatar os acontecimentos do conflito para a população fazia com que certas atitudes dos governantes fossem contestadas pelo seu povo. Peixoto (2020), ao explicar alguns acontecimentos da guerra da Crimeia, enfatiza como principais características a alta censura a que o jornalista foi exposto não apenas pelas autoridades locais, mas pelos donos dos jornais. Peixoto (2020, p. 17) assegura: "[...] ainda na guerra da Crimeia surgiram as primeiras preocupações com a divulgação de dados que pudessem colocar a segurança das tropas em risco e, com isso, o próprio jornal *The Times* precisou controlar o trabalho de *Russell* [...]". Os editores, portanto, concordaram que os relatos antes de publicados deveriam ser mandados às autoridades, o censurando de certa forma.

Borges (2005) dá destaque também para outro personagem, o fotógrafo *Roger Fenton*, que foi contratado como forma de desmoralizar as palavras de *Russell*. Borges (2005, p. 21) explica:

Para provar que ele estava errado ao denunciar as más condições da guerra, foi enviado para a Criméia o fotógrafo Roger Fenton, a fim de registrar os acontecimentos. Trata-se, aqui, do primeiro fotojornalista de guerra. O que suas lentes registraram mostrava uma guerra asséptica, onde tudo parecia em ordem e todos estavam felizes.

O jornalista do *The Times* era visto como um vilão para uma parcela da população, algo que se intensificou com a morte do líder da expedição (algo parecido com um Ministro de Guerra), *Lord Raglan*, a quem ele costuma atacar e chamar de incompetente. Apesar disso, *Russell* fez com que as autoridades abrissem os olhos em relação aos campos de guerra e enviar médicos e enfermeiras para cuidar dos soldados feridos, algo que não acontecia até o momento (BORGES, 2005).

O papel do jornalista acabou se tornando fundamental para elementos que não eram tão evidentes para as grandes autoridades, ao mesmo tempo que contribuiu para aquilo que hoje entendemos como jornalismo de guerra. Este período, além disso, é chamado por autores como Carvalho (2013) como o período de glória do jornalismo, pois, apesar de alguns problemas, “os correspondentes passaram a ser vistos como heróis, não só pelos leitores, mas também por si mesmos, colocando-se no centro das histórias que contavam e cultivando a sua própria figura [...]” (2013, p.13).

No jornalismo de guerra, os jornalistas estão sempre sedentos por informações de última hora e por cobrir o melhor “furo”. Conseqüentemente, diante da tensão do momento, centrado nos critérios de noticiabilidade, a cobertura ambiental acaba não sendo prioridade. Segundo Shinar (2013), a preferência da mídia pela guerra decorre de aspectos culturais, psicológicos e dos próprios interesses dos meios, dando ênfase a situações as quais afetam diretamente o homem. Loose (2017, p.7), ao explicar o pouco destaque dado às temáticas ambientais em geral, enfatiza: “[...]Os jornalistas esperam eventos “reais” porque sua prática fundamenta-se no acontecimento e não na previsão dele. [...]”

Quando retomamos as questões históricas do jornalismo de guerra, se nota que apesar de grande parte dos erros cometidos na guerra da Crimeia terem sido causados pelas censuras dos governantes, entre 1861 e 1865, a Guerra Civil Norte - Americana foi marcada por falhas também dos próprios jornalistas (BORGES, 2005). Então, assim que ocorreu o movimento separatista da região sul dos Estados Unidos, diversos jornalistas se deslocaram até o local com objetivo de noticiar a população sobre o evento, potencializado pelo telegrama, instrumento o qual fazia com que as notícias fossem enviadas de forma instantânea para os editores.

O auxílio do novo recurso e de jornalistas de diversos países não desestimulou a divulgação de notícias falsas, incentivados pelos próprios editores. Borges (2005, p.25) assegura: “De fato, a instrução que os editores passaram para os seus repórteres era a de telegrafar todas as notícias que possuías e quando estas acabassem, que eles enviassem rumores”. Nesta guerra ainda, pela primeira vez, ocorreu a divulgação de boletins de guerra como uma tentativa do governo de lidar com as notícias falsas divulgadas pelos jornalistas.

Em relação à primeira grande guerra, Moretti (2004) afirma que, mais uma vez, o mundo teve que lidar com constantes mentiras, justificadas pelas grandes censuras do período. O autor assegura (2004, p.95):

O resultado é que em nenhum outro período da história se escreveram tantas mentiras deliberadas quanto na Primeira Guerra Mundial. Os correspondentes tinham o objetivo de proteger das críticas o alto comando e escreviam a respeito da vida nas trincheiras, silenciando sobre os massacres e deixando-se absorver pela máquina de propaganda dos governos. A censura foi usada como nunca (...)

No Brasil, o jornal *Folha de São Paulo*, nos quatro anos de conflito, foi responsável pela publicação semanal do *Boletim Semanal Da Guerra*, que além das informações do dia a dia, continha comentários do jornalista Júlio Mesquita. Entre declarações do diretor do periódico, percebe-se algumas contradições em seu posicionamento em relação a algumas atitudes dos Estados Unidos, mas é notável o seu favorecimento em relação aos aliados. Almeida (2015), por meio do artigo “A Grande Guerra (1914-1918) e os Boletins de Júlio Mesquita”, recorte da



sua dissertação de Mestrado, assegura que já é possível notar nos primeiros registros o posicionamento da *Folha de São Paulo* (2015, p.8):

É notável que, já no primeiro semestre dos combates, Júlio Mesquita colocasse em evidência a compreensão da Guerra como uma cruzada contra o militarismo alemão que pretendia, segundo ele, devorar a Europa. Mesquita dava como certa a vitória da França e dos seus aliados logo no início da Guerra, além de conferir ao conflito o sentido de uma cruzada da civilização liberal contra o militarismo, postura mantida no decorrer de todos os anos. (...) O posicionamento do Estado a favor dos Aliados não foi fruto de maturação demorada, mas ocorreu de forma imediata à deflagração da Guerra. (ALMEIDA, 2015, p.8)

Já no continente Europeu, pela primeira vez ocorreu a divulgação de propagandas em uma guerra, onde o governo britânico transforma os alemães em grandes vilões para a população. Os jornalistas responsáveis pela cobertura do conflito também mostravam um posicionamento pouco neutro. Sobre isso, Moretti (2004, p.29) afirma:

Nesse contexto, o correspondente de guerra serviu ao interesse do governo britânico e passou a ser um disseminador da propaganda governamental. Eles foram úteis, especialmente, para escrever sobre os casos de interesse humano, retratando como os alemães eram perversos, cometiam assassinatos a sangue-frio e atrocidades. Nada que os aliados também não fizessem, com a diferença de que a Alemanha não se utilizava das mesmas armas. (MORETTI, 2004, p. 29)

Em relação a esse período, observamos que os correspondentes de países sem nenhuma posição apresentavam mais liberdade e, por isso, tanto os alemães quanto os britânicos lhe davam toda a assistência necessária com objetivo de uma boa propaganda. Com a entrada dos Estados Unidos na guerra, no entanto, diversos correspondentes do país foram obrigados a ceder a liberdade de suas matérias e, assim como os britânicos, os EUA usaram da propaganda para convencer a população apoiar *afront*, mas evitavam a divulgação. Ou seja, embora houvesse jornalistas no evento, para cobrir o conflito, mais uma vez a guerra foi marcada pela censura e divulgações falsas, intensificadas pelo uso da propaganda (MORETTI, 2004).

Na Segunda Guerra Mundial, entre 1939 e 1945, por sua vez, houve a ascensão de um novo meio de comunicação: o rádio, o qual fez com que a população tivesse acesso aos principais eventos da guerra de forma instantânea, algo considerado extremamente inovador para época, pois a televisão só seria conhecida após o final da guerra. Assim sendo, esse meio de comunicação era responsável por uma transmissão bastante emotiva e dinâmica, fazendo com que a cobertura de uma guerra fosse vista como um entretenimento, potencializado por locução semelhante a um jogo de futebol (HENN, 2013). A *British Broadcasting Corporation (BBC)*, a maior emissora de rádio da época, embora tenha sido vista como imparcial em várias situações, na cobertura da segunda guerra mundial fez um intenso trabalho de propagandas para

os aliados, algo justificado pela empresa ser britânica e pela censura redobrada na cobertura do conflito.

Devemos observar que os meios de comunicação sempre tomaram partido em um determinado conflito. Levando isso em consideração teremos, em geral, uma história transformando um dos envolvidos em vilão, enquanto o outro é herói, mesmo quando os dois apresentam suas motivações. Na Segunda Guerra Mundial, o destaque de herói foi dado aos Estados Unidos e o vilão era a Alemanha, algo que podemos observar sobretudo em alguns desenhos e filmes da época (LIBERI, 2022). Na Guerra da Ucrânia, por outro lado, Vladimir Putin, presidente da Rússia, é tido como figura que deve ser combatida, enquanto Volodymyr Zelensky, presidente da Ucrânia, acaba sendo exaltado por “enfrentar” um país extremamente poderoso mesmo com as limitações do seu país.

Dos Santos (2022) explica que as questões geopolíticas sempre existiram e existirão, só que dessa vez se tornaram mais evidentes por não estarem localizadas nos espaços chamados opacos, países pobres e poucos desenvolvidos e, sim, no continente europeu. Sobre isso, ele explica (2022, p.):

[...]É necessário destacar que não existe o “vilão” e o “mocinho”. A geopolítica é pragmática e os ucranianos pela posição geoestratégica do seu território, estão sofrendo, da maneira mais dolorosa possível, a disputa entre a Rússia e o Ocidente, pela hegemonia global. Enquanto o Ocidente, incapaz de impedir um conflito armado nas suas fronteiras, tenta realizar a manutenção da sua cambaleada hegemonia, através das políticas de contenção contra a Rússia; os russos acreditam ser inadmissível que o bloco de poder ocidental tente capturar atores que jamais devem sair da sua esfera de influência, e para tal, iniciam um conflito armado para demonstrar o seu poder.

Importante ainda observar que, se na Segunda Guerra Mundial tivemos o marco da rádio, na Guerra do Vietnã, entre 1959 até 1975, tivemos pela primeira vez um conflito sendo transmitido pela televisão. Segundo Carvalho (2013, p. 17) “Com a imagem em movimento aumentam as diferenças de opinião na população, que, julgando pelo que observa no aparelho, passa a traçar a sua própria visão dos acontecimentos”. Desta forma, o jornalista acabou ficando em segundo plano, pois a população visualizava o conflito, traçava suas próprias interpretações e se chocava com as imagens reais de morte e violência, algo que não era frequente na época. Ainda assim, a televisão se tornou um meio de credibilidade para o público, onde pela primeira vez era possível ver os fatos narrados, embora com dois ou três dias de atraso.

A importância da televisão também é observada posteriormente na Guerra do Golfo, conflito que ocorreu entre 1990 e 1991. A *Cable News Network (CNN)* foi responsável pela transmissão imediata do conflito, atualizando a sua audiência sempre, algo que se tornou possível com o surgimento do canal a cabo, não sendo necessário a divergência de programações. Apesar da instantaneidade das informações e do avanço dos recursos

tecnológicos, o evento foi marcado por uma quantidade de informações sem qualidade, a intensa censura e a falta de imparcialidade (CARVALHO, 2013).

Na Guerra do Afeganistão, que teve início em 2001, e a do Iraque, em 2003, ocorreu a consolidação da cobertura vista na Guerra do Golfo com a presença do repórter na cobertura do evento. Na Guerra do Afeganistão, entretanto, não era permitida a entrada de jornalistas ocidentais para a cobertura do conflito, conseqüentemente, muitas vezes esses canais ocidentais se disfarçaram para poder realizar a cobertura do fato. A Guerra do Iraque, por outro lado, se tornou a mais real até o momento, algo observado principalmente por meio da declaração de guerra do então presidente dos Estados Unidos, George W. Bush, avisando que os ataques ao país iriam iniciar em instantes. Desta forma, o início dos bombardeios foi é transmitido novamente ao vivo pela televisão. (PEDRO, 2011). Segundo Neto (2005, p.7):

Se na primeira Guerra do Golfo a cobertura realizada pela mídia, especialmente pela TV, se beneficiou da tecnologia da transmissão ao vivo, o que permitiu a aplicação da estética do videogame ao combate, na Guerra do Iraque foi a linguagem da reality TV, surgida no final dos anos 90, que definiu o estilo em que foram mostrados bombardeios, domínio de cidades e invasão de edifícios do antigo governo iraquiano.

Além disso, na Guerra do Iraque houve o desenvolvimento do videofone rompendo com a transmissão via satélite. Desta forma, associado com a figura do repórter, o público tinha a sensação total de realidade, como é afirmado por Pedro (2013, p. 137) “[...]A cobertura de TV busca não deixar dúvidas de quando e onde a guerra está acontecendo. São as imagens ao vivo do “teatro de operações”, via satélite através do videofone, de onde quer que o repórter queira estar, para os telespectadores nos seus respectivos sofás”.

No cotidiano, com o avanço da internet e das redes sociais a cobertura da guerra se tornou um trabalho mais simples para os jornalistas, os quais não precisam se deslocar até o local para ter acesso às informações necessárias. Entendemos, então, que ocorre uma limitação da necessidade desses profissionais diretamente no evento e, conseqüentemente, uma redução dos custos dos meios de comunicação. Agnez (2015, p. 317), ao explicar sobre o assunto, enfatiza as diferenças entre cada jornalista quando é enviado para outro país:

O correspondente internacional é o jornalista fixo em um país, geralmente em sua capital. É responsável por cobrir os acontecimentos daquela região, de todo país ou, até mesmo, de todo o continente, com frequência. São profissionais que precisam ter um senso crítico muito apurado para que faça a seleção do que é noticioso naquele lugar e, ao mesmo tempo, importante para o seu país de origem. Já o enviado ao exterior é o jornalista que, por um motivo pré-determinado (guerra, epidemia, crise etc.), viaja para outro país para produzir uma matéria ou uma série de matérias sobre o assunto e enviar para o seu país de origem. Muitas vezes não é importante para a empresa jornalística ter um correspondente ou, até mesmo, um enviado em determinados locais e, por isso, muitos jornalistas acabam indo de forma independente. Esses jornalistas são conhecidos como stringers e, geralmente, prestam serviços para várias empresas ao mesmo tempo.

Com estas diferenças é possível compreender o motivo pelo qual, muitas vezes, uma mesma reportagem acaba sendo exibida em diversos meios de comunicação, já que eles podem ser executados pela mesma pessoa, *os stringers*, evitando o alto custo da viagem para cobrir o fato. Agnez (2015, p.317) afirma que:

Ter uma produção autônoma de notícias internacionais, contando com correspondentes próprios, tornou-se um luxo. No Brasil, somente os grandes veículos de comunicação, concentrados nos principais centros econômicos do país, ainda contam com profissionais no exterior. As emissoras de televisão e rádio regionais fornecem pouco ou nenhum conteúdo internacional

A pouca quantidade dedicada aos profissionais responsáveis pela cobertura de guerra acaba limitando o número de assuntos os quais podem ser enviados aos meios de comunicação, entre eles os impactos ambientais. Shinar (2013) acredita que o pouco destaque dado a esta temática é resultante de um menor valor - notícia dada à cobertura ambiental em geral, associado à necessidade de exigir um conhecimento prévio, tornando-se extremamente trabalhoso. Maia Filho (2010, p.16), por sua vez, afirma que a falta de notícias e informações do meio ambiente deve-se à visão antropocêntrica, onde o homem é colocado acima em comparação às demais espécies que convivem com ele no mesmo ambiente. Segundo Loose, no entanto, (2017, p.4):

[...] os jornalistas constroem as notícias a partir de uma série de valores e técnicas da cultura jornalística, das rotinas, orientações e constrangimentos da organização na qual está inserido, das trocas provenientes do contato com as fontes de informação e do próprio conhecimento que têm sobre o tema. Portanto, a constituição da notícia revela-se complexa, com diferentes interesses e objetivos que se sobrepõem (das fontes consultadas, da empresa, do jornalista que apura e escreve o texto, do editor que o corta e modifica, daquele que propôs a pauta, do possível público-alvo etc.).

Portanto, em geral, as mídias acabam dando prioridade àquilo que irá afetar o homem de forma direta e imediata, colocando o meio ambiente como algo que deve ser tratado posteriormente. E quando feito é sem tanto aprofundamento, como é afirmado por Borges (2016, p.6) “Os impactos ambientais normalmente são excluídos do rol de danos decorrentes de uma guerra, e quando são levados em conta, o são de maneira superficial”. Então, o que se nota é o pouco destaque dado aos impactos ambientais em conflitos armados, fazendo com que, indiretamente, a sociedade veja o meio ambiente como algo irrelevante.

Assim, percebe-se que o Jornalismo Ambiental, devido a sua complexidade, como a necessidade de dados baseados no critério de noticiabilidade, acaba não sendo prioridade em conflitos armados e guerras. No próximo capítulo, abordaremos as principais motivações na

Guerra da Ucrânia, algo que, diferente dos impactos ambientais no conflito, acabou se tornando destaque dos meios de comunicação.

### 3 GUERRA NA UCRÂNIA: RESGATE HISTÓRICO DO CONFLITO

No dia 24 de fevereiro de 2022, Vladimir Putin, o presidente da Rússia, iniciou uma “operação militar especial” com bombardeios em várias cidades ucranianas. Desde então, o conflito se tornou destaque em vários noticiários mundiais, que abordavam sobretudo a aproximação da Ucrânia com a Organização do Tratado do Atlântico Norte (Otan) como o principal motivo para os ataques. Desta forma, a fim de contextualização, explicaremos um pouco da história dos países envolvidos, assim como as motivações da guerra.

A invasão da Rússia à Ucrânia ocorreu no início de 2022, sendo considerado uma espécie de estopim. Foi o momento em que as relações conturbadas se tornaram mais evidentes, pois a tensão e o conflito entre os dois países passam por diversos momentos históricos. Então, o dia 24 de fevereiro de 2022 é tido como a data oficial devido a alguns elementos físicos, como os bombardeios e a invasão da Rússia. Porém, o início da guerra é mais antigo, desde a queda da antiga União Soviética e, com isso, a independência da Ucrânia.

Historicamente, a Rússia é considerada um dos países mais poderosos do mundo, com a maior extensão territorial e a maior população do continente europeu, com cerca de 145 milhões de habitantes, de acordo com dados de 2020<sup>5</sup>. De 1922 até 1991, quando pertencia à União Soviética (URSS), o país foi marcado pelo envolvimento em várias guerras conhecidas, como a Primeira Guerra Mundial, a Segunda Guerra Mundial e a Guerra Fria.

Mesmo após a extinção da URSS, a Rússia foi vista como parte fundamental para continuar manifestando o controle sobre os demais países. Afinal de contas, ela é conhecida também pelo seu poder bélico. Tal fato é enfatizado por Mielniczuk (2006, p.223): “[...]algumas disputas envolvem as aspirações de autonomia das antigas repúblicas, as quais passam a enxergar a Rússia como sucessora da União Soviética no papel de opressor. Por isso a postura russa em relação a seus vizinhos é crucial [...]”.

Por outro lado, historicamente, enquanto a Rússia é considerada a maior representante da antiga nação, a Ucrânia é marcada pela falta de identidade. No século IX, ela pertencia ao Estado de Kiev, em conjunto com russos e bielorrussos e ucranianos. Posteriormente, do século XIII ao XV, os três povos tomaram rumos diferentes, sendo dividido entre Rússia, Áustria e Polônia. Em 1922, a Ucrânia fez parte da antiga União Soviética e apenas com sua extinção após 1991, tornou-se independente (DA SILVA, DE FIGUEREIDO,2018). O país, apesar disso, apresenta uma população de 44 milhões de habitantes, sendo o segundo maior país em

---

<sup>5</sup> Dados retirados do site <<https://brasilecola.uol.com.br/geografia/russia.htm>> acesso em 06/03/22

extensão da Europa, atrás apenas da Rússia, de acordo com dados divulgados pelo Banco Mundial no final de 2020, enfatizando a sua importância global.

Sendo assim, podemos perceber que uma das suas principais características é a falta de reconhecimento, pois, desde o início ele foi visto como uma junção de outros países, compartilhando culturas e histórias. Consequentemente, muitos cidadãos da Rússia acabam não reconhecendo a Ucrânia como país independente, como observado no dia nove de maio de 2022, onde em comemoração ao Dia da Vitória, data em que os russos celebram a vitória da União Soviética na Segunda Guerra Mundial, o presidente Putin reforçou o discurso de “desnazificação” da Ucrânia (KIRBY, 2022).

Aparecido e Aguiar (2022), ao estudarem as motivações do conflito entre os dois países, trazem como uma das questões o nacionalismo. Os autores dizem (2022, p.2):

Por um lado, há o nacionalismo ucraniano, que foi pró-ocidental desde o início e cuja construção nasceu do desejo que seu país fosse reconhecido como um Estado independente, não como uma parte marginal de outro. Do outro lado está o nacionalismo russo, que moldado ao longo dos séculos por decorrentes de comparações, opõe-se ao Ocidente, entendendo-o como modelo a ser confrontado. De vocação imperial, ele vê a Ucrânia como parte de si mesmo e tem dificuldade em aceitar sua existência soberana. Ainda mais porque essa busca para estar mais próxima do Ocidente dificulta os planos da Rússia de maior influência regional.

Já Da Silva e De Figueiredo (2018, p. 3) explicam que a independência da Ucrânia foi inicialmente desacreditada pela Rússia e, posteriormente, não foi aceita por ela:

A declaração de independência da Ucrânia emergiu após a tentativa do golpe na União Soviética em 19 de agosto de 1991. Quando membros mais conservadores opostos ao Presidente Mikhail Gorbachev tentaram, sem sucesso, afastar o presidente e assumir o controle do país. Na Ucrânia, aproveitando o momento, foi elaborado uma declaração de independência, rapidamente aprovada pela maioria dos políticos e, posteriormente, pela maioria da população via referendo (DA SILVA, DE FIGUEIREDO, 2018).

Os autores ainda relatam que após a sua independência, a Ucrânia teve problemas com a questão energética, pois metade da energia que abastecia o país era produzida pela Rússia.

Em relação a algumas motivações que poderiam ter tencionado a guerra está, como dito anteriormente, a falta de reconhecimento da Rússia em reconhecer a Ucrânia como país independente, algo que acaba sendo apoiado pelo leste da população ucraniana, que defende medidas contra o pró-ocidente. No entanto, essa tensão acaba sendo vista como uma alerta para o restante da população, como é comentado por Mielniczuk (2006, p.225):

Assim como os países bálticos, a Ucrânia também teme que a preocupação com o status da minoria russa que vive em seu território seja utilizada pela Rússia como pretexto para interferir na política interna ucraniana. Porém, a presença russa na Ucrânia tem um potencial de desestabilização muito maior. Dos 50 milhões de habitantes do país, 25 milhões falam russo como primeiro idioma e mais de 10 milhões são originários da Rússia. Essa “grande” minoria russa se concentra nas regiões leste

e sul da Ucrânia, exatamente na parte que faz fronteira com a Rússia (MIELNICZUK, 2006, p.225)

Em uma pesquisa realizada do Instituto Republicano Internacional também é observada essa divisão. Perguntou-se como as pessoas votariam caso ocorresse um referendo sobre a Ucrânia ingressar na Otan, a população do Leste foi contrária ao movimento, enquanto a do Oeste foi a favor.

A discussão sobre a divisão do país acabou se tornando um elemento essencial no território da Crimeia, onde mais da maioria é considerada russa. O local desde sua origem é marcado por conflitos, um deles acaba fazendo com que o país se reconheça como independente, como é defendido por Pereira, Pinheiro e Luque (2021, p. 6):

No referendo de “Independência da Ucrânia” ao desvincular-se da URSS, aos habitantes da Crimeia não foi dada a opção de retornarem a ser um território russo ou manterem-se parte de uma Ucrânia independente. Essa falta de consulta não passaria despercebida, e, em 26 de fevereiro, do próximo ano, o Soviete Supremo da República Autônoma Socialista Soviética da Crimeia, sem consulta ou consentimento de Kiev, altera o nome oficial do território para República da Crimeia. Não sendo o suficiente, em 5 de maio do mesmo ano o parlamento da República da Crimeia declara independência e promulga sua primeira constituição. Não obstante, no dia seguinte sob pressão de Kiev, essa constituição foi alterada para incluir explicitamente que a Crimeia estava integrada dentro da república ucraniana. E no dia 19, do mesmo mês, a Rada, parlamento federal ucraniano, anula a declaração de independência da Crimeia, mas retém o status de região autônoma da península [...]

Os conflitos pela disputa do local podem ser justificados sobretudo por ela sua importância, por se tratar de uma região estratégica, o qual margeia o Mar Negro e serve de ponte entre a Europa Oriental e a Ásia Ocidental, (DA SILVA, DE FIGUEIREDO, 2018). Posteriormente, a Crimeia foi anexada pela Rússia, mas ainda assim é marcada por uma relação de disputa de poder, que os maiores países do mundo se negam a perder. Sobre essa anexação, Da Silva e de Figueiredo (2018, p. 6) explicam:

É notável, na questão da Crimeia, o jogo de interesses no sistema internacional na busca constante pelo poder e influência. Os Estados Unidos, com sua hegemonia, e a UE, com sua liderança na Europa, consideraram a anexação da Crimeia pela Rússia ilegítima, levando a uma multipolarização considerada um resquício da Guerra Fria.

Como dito anteriormente, a aproximação da Ucrânia com a Organização do Tratado do Atlântico Norte (Otan) é um dos principais motivos para a invasão da Rússia na Ucrânia. Criada em 1949, em contexto de guerra fria, a aliança militar também é uma representação da queda da antiga nação, quando a União Soviética e os Estados Unidos eram vistos como os principais países do mundo. A disputa entre capitalismo e socialismo fez com que ocorressem organizações entre os países, o Pacto de Varsóvia deixou de existir com o fim da União Soviética, mas Otan continua existindo até o cotidiano.



Em relação ao conflito, o que se nota é que a expansão da Otan acaba se tornando um problema para a Rússia, pois se trata de uma suposta ameaça e, com a integração da Ucrânia, os riscos se tornam maiores não apenas em contexto de conflitos, mas como em influência e controle da região, como é assegurado por Aparecido e Aguilar (2022, p.5):

(...) Na prática, a aproximação da Ucrânia com o Ocidente, sobretudo da OTAN, significou a rejeição da Rússia e poderia significar o mesmo para os países que compõem a área natural de influência russa. A situação se agravou, pois, a Rússia não consegue aceitar que essa rejeição é o resultado de três questões fundamentais. Primeiro, a suspeita de que os acordos firmados com os russos serem apenas uma maneira de subjugação econômica e política para garantir sua influência. Segundo o modelo político e de governança russa que privilegia uma pequena casta de escolhidos à custa da população em geral e, nesse sentido, permeado por corrupção e negligência por parte de oficiais governamentais, sobretudo no nível regional. Assim, não é considerado atrativo para a população desses países em comparação com o modelo ocidental. Terceiro, questões históricas.

De acordo com os autores, a questão, além de ter relação com a influência regional, também passa por questões econômicas (2022, p.6):

A Rússia está convencida de que a OTAN é um instrumento de dominação ocidental, especialmente os interesses econômicos americanos. Os EUA usam a retórica sobre democracia e direitos humanos como desculpa para fazer valer seus interesses econômicos pela força (...) (APARECIDO, AGUILAR, 2022, p.6)

A Guerra da Ucrânia deve ser considerada como uma guerra também geopolítica, sendo uma forma da Rússia evidenciar o seu controle diante dos demais. Tal questão pode ser observada pela extrema dependência do Leste Europeu e da Europa Central em relação ao fornecimento do gás russo, transportado via gasodutos que passam pelo território ucraniano, onde o produto se torna necessário, sobretudo, para a população se aquecer em frios rigorosos. Em 2006, a Rússia reduziu o fornecimento de gás para a Ucrânia em razão de uma disputa comercial e por causa da acusação de desvio no fornecimento de gás realizado pelas autoridades ucranianas. Em 2009, ocorreu outro corte, tanto da antiga aliada como dos demais países da Europa, porém o abastecimento voltou com o aumento significativo do preço para a Ucrânia. Posteriormente, a Ucrânia buscou uma alternativa a esta situação com a exploração das reservas de gás de xisto em seu território, produto pelo qual algumas empresas norte-americanas mostraram interesse com objetivo de conquistar o mercado de países próximos e, assim, reduzir a dependência em relação à Rússia. Mesmo assim, o controle do país mais poderoso da Europa continuou a existir quando os países - membros se recusaram a aceitar a Ucrânia e a Geórgia na organização em 2008, posição apoiada sobretudo pelos países europeus, como a França, a Alemanha, Itália, Bélgica e outros, os quais tinham como objetivo manter uma relação estável com a Rússia devido às suas dependências energéticas. (POTY, 2019)

Esta disputa geopolítica não deve ser vista como sinônimo de uma Segunda Guerra Fria, já que as questões envolvidas são diferentes. Afinal de contas, não há a necessidade da consolidação de um novo bloco econômico e, sim, a busca pelo controle do espaço, a exploração de commodities, a influência econômica, política e militar e a conquista de novas zonas. No entanto, algumas ideias estão vinculadas à antiga disputa, como o pensamento uranista, ideia onde a inclusão de novos territórios deve vir daqueles que em outro momento pertenceram ao Império Russo. É importante observar, porém, que se trata de uma região extremamente relevante, com elementos como a riqueza em recursos minerais e a ligação entre a Rússia e a Europa, se tratando de um espaço “*Heartland*”, local estratégico de uma determinada região como é proposto pelo geógrafo britânico Halford John Mackinder (DOS SANTOS, 2022).

Portanto, este capítulo foi dedicado às principais motivações em relação à guerra da Ucrânia, assim como para abordar um pouco da história dos dois países com o objetivo de contextualização. Sendo assim, o que se observa é que, apesar da Otan ser vista como uma das principais causas, o conflito passa por questões históricas, como o não reconhecimento da independência da Ucrânia pela antiga aliada, o medo de uma suposta invasão pela Rússia e o medo do controle e influência no continente Europeu.

A história da Ucrânia passa pelo vasto domínio da Rússia, seja de forma histórica enquanto URSS, ou então, pela tentativa de controle. A sua população acaba sendo dividida entre aqueles que acreditam que a Ucrânia deveria seguir como independente, se aproximando de características ocidentais, e aqueles que ainda a veem como uma parte da Rússia. Associa-se ainda a Criméia como parte fundamental no conflito por se tratar de um local estratégico e anexado pela Rússia.

De forma conclusiva, o que se observa é que são várias as motivações do conflito entre Rússia e Ucrânia, o qual até o momento em que essa dissertação estava sendo escrita parecia longe do seu fim. Consequentemente, são vários os impactos decorrentes do conflito, como as questões ambientais que discorreremos logo abaixo.

### **3.1 Impactos ambientais na Guerra da Ucrânia e os riscos das Usinas de Chernobyl e Zaporizhzhia**

A Ucrânia, de acordo com dados divulgados pelo Banco Mundial no final de 2020, apresenta uma população de 44 milhões de habitantes, sendo a segunda maior nação da Europa, atrás apenas da Rússia. O país é marcado por riqueza natural, com 35% da biodiversidade do continente. São mais de 70 mil espécies raras e endêmicas de flora e fauna e reservas naturais,

como a da Biosfera do Mar Negro, que apresenta mais de 120 mil aves migratórias. Estima-se, ainda, que 16% da área terrestre do país é coberta por florestas<sup>6</sup>.

A Rússia, por sua vez, é considerada um país extremamente valioso, tanto pela repercussão histórica em conflitos armados quanto pela sua extensão territorial. Soma-se ainda o fato de que em 2020 o país foi considerado o segundo país mais rico, de acordo com PIB Per Capita. Ele também é responsável por cerca de 22% das florestas ambientais do mundo, abrigando diversos animais em extinção como o *tigre siberiano* e a *coruja Blakiston*.

Em questões ambientais, devemos compreender que conflitos armados muitas vezes não apenas afetam aqueles que habitam a região, mas como parte da população mundial e, inclusive, as futuras gerações. Anthes (2022) na reportagem “Atingida pela guerra na Ucrânia, a natureza é ‘a vítima silenciosa’” explica: “[...] As guerras podem tornar as paisagens tão perigosas ou inóspitas para os humanos - ou criar tantas barreiras à exploração dos recursos naturais - que os ecossistemas têm uma rara oportunidade de se recuperar”.

A ocorrência de substâncias tóxicas no ar, consequência das munições usadas pelos soldados, e os bombardeios a refinarias de petróleo, os quais podem contaminar solos e os recursos hídricos, se tornam nocivos tanto à natureza quanto ao homem. Existem ainda, de acordo com Bolzani, Leves e De Camargo (2023, p.184) “[...] mísseis e minas não detonados em florestas, incêndios florestais provocados por explosões e a poluição decorrente, a contaminação do solo com metais pesados e substâncias tóxicas que vazam de munições[.]”

Entre alguns danos calculados pelos ucranianos em razão do conflito está o da poluição do ar e a emissão de cerca de 33 milhões de toneladas de gás carbônico. O resultado foi divulgado pelo presidente do país na 27ª Conferência das Mudanças Climáticas das Nações Unidas (COP-27), ocorrida em novembro de 2022, onde ainda foi constatado que cerca de 600 espécies de animais e 750 plantas e fungos se encontram em risco<sup>7</sup>. Tal dado se torna problemático, pois não existem informações concretas sobre a recuperação do meio ambiente, assim como a estimativa é da necessidade de cerca de 37,8 bilhões de euros para a recuperação do solo e outros 25,5 bilhões de euros para a recuperação da poluição do ar.

Associa-se ainda o fato de que o conflito fez com que muitos países deixassem de comprar o gás natural da Rússia, como forma de sanção, o que pode ter feito-os optar em muitos casos pela queima de carvão. Em relação ao meio ambiental, tanto a queima do carvão como o

---

<sup>6</sup> Informações retirados do site:<<https://veja.abril.com.br/agenda-verde/bomba-ambiental-como-a-guerra-na-ucrania-massacra-a-natureza/>>Acesso em 28/09/22

<sup>7</sup> Informações retiradas do site:< <https://epocanegocios.globo.com/sustentabilidade/noticia/2022/11/na-cop-27-ucrania-alerta-que-20-de-areas-protegidas-estao-em-risco-por-invasao.ghtml>>acesso 20/01/2023

petróleo acabam se tornando vilões para o aquecimento global, contribuindo também para a ocorrência de chuvas ácidas, poluição visual e o desenvolvimento de doenças para o ser humano. O gás natural, por sua vez, é considerado o mais vantajoso em relação aos outros combustíveis fósseis, já que libera menos gases que intensificam o aquecimento global (DE SOUZA, 2012).

Além de tudo isso, em março de 2022, a Rússia foi responsável por tomar o controle da maior usina nuclear da Europa, a usina Zaporizhzhia, responsável pelo consumo de cerca de  $\frac{1}{3}$  da energia da Ucrânia. A questão fez com que ocorresse o receio mundial de um novo desastre nuclear muito semelhante ao de *Chernobyl*, ocorrido no local quando o país era pertencente à União Soviética (URSS). *Zaporizhzhia*, embora seja considerada mais segura que a antiga usina, poderia ter uma explosão dez vezes pior. Desta forma, a invasão logo se tornou destaque dos noticiários mundiais diante da gravidade do assunto. Também despertou o medo da população de reviver um novo desastre muito similar àquele do qual ainda não se recuperaram. Pertencente tanto à história da antiga URSS quanto a da Ucrânia, a cidade onde se encontrava localizada a usina de *Chernobyl* era soviética e, mais do que isso, era um local de destaque e extrema importância. Afinal de contas, entre 1947 até 1991, os Estados Unidos e a União Soviética disputavam entre si o domínio do mundo por meio de suas ideologias: o primeiro espalhava ideias capitalistas e o segundo, socialistas.

Neste contexto, a usina de Chernobyl se torna um símbolo marcante, já que ela era a maior do país, sendo responsável por cerca de 10% de toda energia produzida na região, refletindo na construção da cidade de *Pripyat* (localizado a 20 km de Chernobyl), com cerca de 49 mil habitantes, onde operários e sua família moravam, e na construção de mais dois reatores, o 5 e o 6, mostrando a importância pelo país para o local. De Lima, Melo, Carneiro e Andrade afirmam (2020, p.110): “A usina era um símbolo de progresso da União Soviética, mas acabou se tornando um símbolo de tragédia”. A catástrofe é tida por alguns especialistas como um dos motivos pelo declínio da URSS.

No dia 25 de abril de 1986, a usina havia recebido ordens do comitê estatal para fazer a manutenção do reator nº4 e, aproveitando isso, deveriam fazer testes sobre a capacidade de refrigeração na falta de energia. No entanto, o experimento foi realizado no pior momento, pois havia as seguintes situações: todos os sistemas de segurança foram desligados, a barra de combustível estava em seu ciclo final, neste momento a falta de resfriamento ficou mais perigosa já que o produto da fissão no final de ciclo gerou uma quantidade maior de calor e ficou altamente instável. Após a explosão do vapor ocorreram ainda várias outras, liberando materiais como plutônio, cério, estrôncio, urânio e grafite altamente contaminados para fora da

usina. Algumas fontes consideram que o material teve impacto dez vezes maior que o da bomba de Hiroshima (CASTILHO, SUGUIMOTO 2014).

As principais medidas tomadas pela URSS ocorreram em apenas 30 horas, como a distribuição de pílulas de iodo e a evacuação em massa da cidade de Pripyat. Esta segunda ocorreu em duas horas, sem nenhum pânico da população, que nos leva a acreditar que muitos não sabiam da gravidade da ação, embora tivessem que sair sem nenhuma bagagem. A cidade de Chernobyl só foi evacuada no dia 27, por apresentar uma população maior (CASTILHO, SUGUIMOTO 2014). Como consequência, muitos animais de estimações foram exterminados, porém, existiam cães que conseguiram escapar e foram se reproduzindo na zona de exclusão, mas eles não devem ser tocados por visitantes, por poderem transmitir algum tipo de radiação. Com relação à radiação a qual os moradores foram expostos, alguns dos seus efeitos não foram sentidos de forma imediata, no entanto, mais tarde se constataram prejuízos de algum tipo à saúde.

Segundo os dados oficiais em relação ao desastre de Chernobyl, o número de mortos reconhecido internacionalmente aponta que apenas 31 pessoas morreram como resultado imediato, já a Organização das Nações Unidas (ONU) estima que 50 mortes podem ser diretamente atribuídas ao acidente. Em 2005, previa-se que mais quatro mil poderiam eventualmente ter morrido como resultado da exposição à radiação. No entanto, uma pesquisa realizada pela universidade de *Brown* estima que cerca de cinco milhões de cidadãos foram afetados.

Cerca de 6% do PIB ucraniano ainda é destinado aos efeitos da tragédia, como pagamento de indenização às vítimas, e tanto Chernobyl quanto Pripyat são conhecidas como cidades fantasmas por não poderem ser mais habitadas. Especialistas divergem com relação ao tempo para que as antigas cidades possam voltar a serem seguras. Há aqueles que acreditam que serão necessários cerca de 300 mil anos, como os cientistas russos, enquanto os especialistas mais otimistas relatam que, no mínimo, três mil anos.

É importante mencionar que o desastre também foi sentido pelas plantas, animais e microrganismos. Uma das consequências é a reduzida biodiversidade, fruto de áreas com muita radiação. Além disso, a baixa população de aves e mamíferos possuem cataratas nos olhos e cérebros menores em relação as demais (DE LIMA, MELO, CARNEIRO, ANDRADE, 2020). Em pesquisas sobre o meio ambiente na Ucrânia, pesquisadores divergem a respeito das consequências do meio, alguns relatam que os animais estão sobrevivendo em melhores condições em torno de Chernobyl do que em outras reservas naturais do Leste Europeu e outros

evidenciam as consequências negativas da radiação, como as taxas mais altas de mutações (BARRAS, 2016).

Em fevereiro de 2022, uma das primeiras medidas da Rússia após invadir a Ucrânia, foi invadir a cidade de Chernobyl. A atitude foi vista como estratégica, pois a usina de Chernobyl está localizada próximo da fronteira entre Belarus, um dos principais aliados da Rússia, e a 100 km de Kiev, capital da Ucrânia. Com o grande número de soldados em um local inabitável, ocorreu uma preocupação global quando o nível de radiação voltou a subir no ambiente. De acordo com as autoridades ucranianas, os militares saíram do local, pois foram contaminados.

Desta forma, *Chernobyl* evidencia desastres os quais não estão no controle do homem, e, por isso, devem ser evitados a todo custo, mesmo que em uma guerra. Afinal de contas, muitos dos seus prejuízos podem ser eternos. Assim, os impactos ambientais se tornam importantes em consequência do conflito armado, causando a poluição de recursos hídricos, do ar, das florestas e a morte dos animais, ambos necessários para a sobrevivência do homem. Os prejuízos, para serem recuperados, necessitam de alto investimento, o qual se torna um problema diante o momento vivido pela Ucrânia. Desta forma, é bem provável que o ser humano e os demais seres vivos tenham que viver de forma limitada, com o aumento de doenças, aquecimento global, mutações e mortes.

Portanto, neste capítulo retomamos alguns impactos ambientais que a guerra da Ucrânia pode agravar, como o aquecimento global, a poluição de recursos hídricos, das florestas e outros. Também abordamos uma questão importante da história da Ucrânia, o acidente de *Chernobyl*, que antes era pertencente à antiga União Soviética, que até hoje não pode ser habitada devido a quantidade de radiação no ambiente. Sendo assim, quando os russos invadiram a maior usina da Ucrânia, a *Zaporizhzhya*, ocorreu uma tensão mundial a respeito de se reviver uma tragédia semelhante à de *Chernobyl*.

Após abordarmos os impactos ambientais das guerras da Ucrânia, o próximo capítulo será dedicado à metodologia usada nesta pesquisa, a Análise de Conteúdo segundo Bardin, a qual será explicada posteriormente.

#### 4.0 PERCURSO METODOLÓGICO

Em relação ao nosso percurso metodológico, em um primeiro momento se torna necessário falar sobre a natureza da Análise de Conteúdo (AC), a qual pode ser tanto qualitativa quanto quantitativa. Ou então, como é defendido por Triviños (1987), pode ainda ser aplicada uma versão com os dois elementos, usando recursos quantitativos e qualitativos. Nesta pesquisa, optamos em trabalhar com as duas formas conjuntas e, com isso, termos resultados tanto disponíveis em dados numéricos quanto de forma discursiva e subjetiva.

O que podemos observar em relação à análise qualitativa é que ela passa por questões da subjetividade, o qual ocorrem variações de acordo com o próprio indivíduo (BARDIN, 2002). Tal diferenciação acaba sendo notada também em seu percurso histórico, onde a análise qualitativa é aderida após as indignações dos cientistas sociais se o método de investigação das ciências físicas e naturais deveria servir como modelo para o estudo relacionados aos fenômenos humanos, afinal de contas se trata de campos distintos (FERREIRA, 2013).

Minayo (2007, p. 24) ao explicar a pesquisa qualitativa enfatiza que ela “[...] trabalha com o universo dos significados, dos motivos, das aspirações, das crenças, dos valores e das atitudes”. Consequentemente, com tais elementos sociais, o pesquisador tenderia a interpretar a realidade, não sendo algo considerado invariável, pois dependeria da interpretação de cada indivíduo. Isso também é afirmado por Flick (2009), quando ele explica que a pesquisa qualitativa está centrada na análise de casos de acordo com suas particularidades locais e temporais.

Em algumas pesquisas, os elementos qualitativos são observados em questionários, por exemplo, levando em consideração o universo subjetivo de cada indivíduo, entretanto, em nossa pesquisa, tal elemento será observado sobretudo por meio da interpretação das reportagens, afinal de contas, esta metodologia como defende Moraes (1999, p.8) “[...] ajuda a reinterpretar as mensagens e a atingir uma compreensão de seus significados num nível que vai além de uma leitura comum”. Estes significados podem representar natureza psicológica, social, política etc.

A pesquisa quantitativa, por sua vez, é relatada, como o próprio nome diz, por meio da frequência de determinados elementos (BARDIN, 2002). Ou seja, o que temos nesse tipo de pesquisa é, de acordo com Ferreira (2013, p. 113) “[...]o recurso de técnicas de estatísticas que medem a porcentagem, desvio padrão, análise de regressão, entre outros procedimentos”.

Bardin (2002, p. 115) ainda afirma que a análise quantitativa “[...]obtem dados descritivos através de um método estático. Graças a um desconto sistemático, esta análise é mais objetiva, mais fiel e mais exata, visto que a observação é mais controlada [...]” contudo,

para ser feita é necessário, de acordo com a autora (2002), um número elevado de corpus para que o resultado seja possível, enquanto na análise qualitativa pode funcionar com números reduzidos.

Compreendemos desta forma que a pesquisa quantitativa acaba se importando com a retratação dos dados em números, a sua quantificação, para explicar então alguma questão de forma mais objetiva possível (GOLDERBAG, 1998). Enquanto o lado qualitativo julga necessário o subjetivo para sua interpretação, sendo, de certa forma, considerados elementos inversos (MORAES, 1999).

Apesar de sua natureza contrária, a combinação entre os dois elementos acaba sendo considerada positiva, como é explicado por Ferreira (2013, p.114):

[...] acredita-se que o cruzamento das abordagens qualitativa e quantitativa tenha sido a mais apropriada já que foi capaz de satisfazer às questões propostas de uma maneira clara e objetiva, sendo primeiro realizada a análise estatística dos dados coletados e posteriormente feita a análise interpretativa dessas informações, situando-as em uma realidade com o intuito de compreendê-las.

Silveira e Córdova (2009, p. 31) afirmam que:

Tanto a pesquisa quantitativa quanto a pesquisa qualitativa apresentam diferenças com pontos fracos e fortes. Contudo, os elementos fortes de um complementam as fraquezas do outro, fundamentais ao maior desenvolvimento da Ciência.

Portanto, em nosso trabalho, optamos em trabalhar com Análise de Conteúdo de forma qualitativa e quantidade, onde poderemos interpretar os dados numéricos, por meio da quantidade das reportagens, que poderão ser interpretadas por questões subjetivas, como o contexto social, psicológico etc.

Ademais, neste trabalho, como dito anteriormente, usaremos a Análise de Conteúdo (AC) segundo Bardin, para analisar as matérias do *G1 e da Folha de São Paulo online* sobre os impactos ambientais da Guerra da Ucrânia nos dois primeiros meses do conflito (fevereiro e março de 2022), devido ser o período de maior repercussão do assunto na mídia brasileira conforme apuração desta pesquisadora.

A análise de conteúdo segundo Bardin ocorre por meio de três etapas. A primeira consiste na escolha do material analisado, onde muitas vezes nos deparamos com uma quantidade muito grande de *corpus*. Neste primeiro passo, ainda ocorre a preparação do material e uma “leitura flutuante” onde há um contato sem tanto aprofundamento, baseado em interpretações e hipóteses, as quais serão tidas como concretas apenas na próxima etapa. Nesta etapa ainda é feita a escolha dos documentos analisados, assim como a sua preparação.

Em nossa pesquisa, o método de coleta das matérias foi realizado pela pesquisa avançada do *Google Advanced Search*, um dos produtos da empresa *Google*, uma empresa



multinacional de serviços *online e software*, localizada nos Estados Unidos fundada em 1998. O seu acesso é dado por meio do site: [https://www.google.com/advanced\\_search](https://www.google.com/advanced_search), ou, então, pelo aplicativo da empresa.

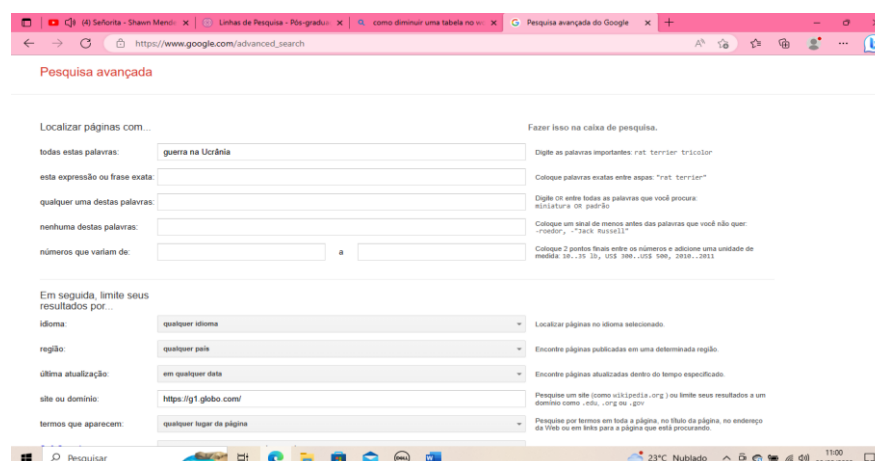
Por meio do sistema, é possível encontrar informações sobre determinado assunto de um determinado site, usando como meio as palavras-chaves, sendo também possível filtrar o período escolhido. Temos, então, um sistema simples e de fácil compreensão, onde também se pode escolher outras questões como o idioma, o país e até mesmo o local da página, como observado na figura 1.

Em nossa análise para identificar as matérias do *GI e da Folha de São Paulo* usaremos a palavra-chave: “Guerra da Ucrânia”. Com isso, teremos acesso às matérias que apresentam ligação com a temática, como observado na figura 2. No entanto, usaremos apenas aquelas com material ambiental, selecionando manualmente cada uma.

Figura 1- Print da pesquisa avançada do Google

Fonte: Google (2023)

Figura 2- Print da palavra-chave na pesquisa avançada do Google



Fonte: Google (2023)

Por meio da Pesquisa Avançada do *Google* foi possível ainda filtrar o período da análise, do dia 24 de fevereiro de 2022 até o dia 31 de março de 2022.

Na segunda etapa da metodologia ocorre a análise do pesquisador sobre os documentos. Bardin (2002, p. 101) descreve essa etapa como “[...]Longa e fastidiosa, consiste essencialmente de operações de codificação, desconto ou enumeração, em função de regras previamente formuladas”. Ela ainda explica a importância da codificação de um texto:

[...]A codificação corresponde a uma transformação - efetuada segundo regras precisas- dos dados brutos do texto, transformação esta que, por recorte, agregação e enumeração, permite atingir uma representação do conteúdo, ou da sua expressão, susceptível de esclarecer o analista acerca das características do texto, que podem servir de índices (2002, p. 103).

É importante observar que a codificação pode ocorrer de diversas maneiras, no entanto, para Bardin (2002), o agrupamento por categorias acaba sendo o mais usado e mais recente. Em relação às suas distinções, ela explica:

[...] As categorias, são rubricas ou classes, as quais reúnem um grupo de elementos (unidades de registo, no caso da análise de conteúdo) sob um título genérico, agrupamento esse efectuado em razão dos caracteres comuns destes elementos. O critério de categorização pode ser semântico por exemplo, todos os temas que significam a ansiedade, ficam agrupados na categoria «ansiedade», enquanto os que significam a descontração, ficam agrupados sob o título conceptual «descontração»), sintático (os verbos, os adjetivos), léxico (classificação das palavras segundo o seu sentido, com emparelhamento dos sinônimos e dos sentidos próximos) e expressivo (por exemplo, categorias que classificam as diversas perturbações da linguagem). (2002, pg. 117, 118)

Carlomagno e da Rocha (2016, p.184), enfatizam, por outro lado, alguns elementos, os quais servem para auxiliar na classificação:

Em termos simples: a) é preciso existir regras claras sobre os limites e definição de cada categoria; b) as categorias devem ser mutuamente exclusivas (o que está em uma categoria, não pode estar em outra); c) as categorias devem ser homogêneas (não ter coisas muito diferentes entre si, no mesmo grupo); d) é preciso que as categorias

esgotam o conteúdo possível (não sobre conteúdos não conteúdos que não se encaixam em alguma categoria); e) é preciso que a classificação seja objetiva, possibilitando a replicação do estudo

Ou seja, os autores (2016) evidenciam sistemas os quais podem ajudar a formação de categorias de forma mais compreensível ao pesquisador. Como por exemplo, devemos deixar claro quais são as características de determinada categoria e suas limitações, para que o leitor compreenda os motivos pelo qual ali ela foi encaixada. Caso tenhamos características as quais possam encaixar em duas categorias simultaneamente, uma nova categoria deve surgir.

Tal ponto também acaba sendo relatado por Bardin (2002, p. 119)"[...] A categorização (passagem de dados brutos a dados organizados) não introduz desvios (por excesso ou por recusa) no material, mas que dá a conhecer índices invisíveis, ao nível dos dados brutos. [...]". Sendo assim, para um perfeito entendimento, é necessário a explicação do fato, já que infinitas categorizações podem ser feitas.

O que temos nesta etapa, então, também se trata de uma organização dos dados recolhidos, de forma mais compreensível para o pesquisador, onde poderão ser interpretados assuntos que se repetem. De forma interligada, temos então, a terceira etapa, momento do resultado da pesquisa. Com isso, segundo Bardin (2002, p. 101): “[...]O analista, tendo à sua disposição resultados significativos e fiéis, pode então propor inferências e adiantar interpretações a propósito dos objetivos previstos, ou que digam respeito a outras descobertas inesperadas”. Sendo, então, importante a opinião do pesquisador.

Cardoso, de Oliveira e Ghelli também afirmam isso (2021, p.110):

Na pesquisa qualitativa, a interpretação assume lugar especial. É o momento de confrontação entre teoria fundante, objetivos, hipóteses e achados da pesquisa (os indicadores), a fim de proceder inferências e redigir sínteses interpretativas. Nesse processo de interpretação dos resultados obtidos pode-se recorrer às operações estatísticas como prova de validação, conforme o tipo de estudo e a natureza do material analisado.

Na terceira etapa, temos os resultados obtidos na pesquisa, onde, muitas vezes, para maior entendimento e visibilidade, o pesquisador usará de gráficos ou esquemas visuais para ficar mais fácil. Nesta etapa, a ênfase se dá por meio da interpretação do pesquisador, com relação aos dados coletados.

Portanto, após explicarmos a metodologia usada, iremos para a análise de nossa pesquisa, onde temos como objetivo observar de que forma *GI e Folha de São Paulo* analisaram os impactos ambientais na Guerra da Ucrânia, observando quais categorias foram priorizadas, como será visto posteriormente.

#### 4.1 Resultados e Análises

A partir da ferramenta de busca por palavras-chave do *Google Advanced Search* é que nos propomos à construção do quadro a seguir. Desta forma, após usarmos a palavra-chave “guerra da Ucrânia”, tivemos várias matérias com diversas temáticas em relação ao conflito no período temporal escolhido, porém, em nossa pesquisa, usamos apenas aquelas que apresentavam alguma relação com o meio ambiente, mesmo que muitas vezes, de forma indireta.

As matérias analisadas nos sites *GI* e *Folha de São Paulo* foram agrupadas nas seguintes categorias: 1º) Alimentação - aquelas que fazem alusão às consequências aos alimentos, englobando tanto o aumento do preço em virtude da guerra, os produtos exportados e importados pelo Brasil e pelos dois países, como os agrotóxicos; 2º) Fauna - matérias que tem relação com animais, sejam eles domésticos ou não, mostrando as suas implicações por causa do conflito armado; 3º) Fontes de energia - matérias que tem relação com os tipos de energia, entre elas o gás natural, nuclear, o petróleo e as renováveis, assim como a invasão dos russos a Chernobyl, causando um aumento na radiação nuclear do local. 4º) Poluições - nesta categoria englobam também as armas usadas no conflito, como as químicas, as biológicas e outras; assim como as bombas (neste tópico, também foram contabilizados os que mencionam os bombardeios do conflito), pois elas trazem poluição ao meio ambiente; e 5º) Mineração, aquelas que mencionam os minérios como o ouro e demais relações que impactam diretamente o meio ambiente.

A escolha da categorização se deu principalmente por fazerem relação com aquilo que modificações se tornam um problema para o ecossistema. Carlos Bueno (2007), ao destacar as temáticas englobadas pelo Jornalismo Ambiental, traz questões como as mudanças climáticas, as condições de produção de alimento, a utilização de energias, a fauna e flora e as diversas poluições, sendo considerados os elementos da categorização adotada. Abreu (2006), por sua vez, afirma que temas como aquecimento global, desmatamento, contaminação das águas, poluição do ar, excessiva produção de resíduos e fontes renováveis de energia, só passaram a integrar o Jornalismo Ambiental a partir da Conferência de Estocolmo. Por outro lado, De Aguiar (2005) chamam atenção para o fato de que em geral os veículos tradicionais acabam dando ênfase às eventuais catástrofes sem dar tanto destaque para outras temáticas do Jornalismo Ambiental.

Tabela 2- Materiais analisadas sobre Guerra da Ucrânia

Categorias	G1	Folha de SP	Total
Alimentos	27	54	81
Fauna	6	05	11
Fontes de energia	26	97	123
Poluições	35	53	88
Mineração	1	07	8
Total	95	216	311

De acordo com os dados coletados é possível concluir que *G1*, no período analisado, deu prioridade para as matérias que fazem relação com as poluições, com as armas usadas pelos russos e os ucranianos, assim como os bombardeios e a potência militar, correspondendo a cerca de 36,84%<sup>8</sup> das suas matérias.

É importante observar que, embora, muitas das reportagens não trazem consequências para o meio ambiente, apenas para o ser humano, elas costumam ser intensas, não afetando apenas o presente, mas como futuras gerações, algumas vezes se tornando irreversíveis. Os intensos bombardeios, os quais tiveram destaque nas matérias do *G1*, por exemplo, não matam apenas o ser humano, mas também animais, queimam as árvores e prejudicam o ecossistema que depende do gás oxigênio para sobreviver. Desta forma, é possível dizer que nesta categoria foi constatado o prejuízo para o ser humano no fator presente, desconsiderando as previsões futuras do ecossistema, por exemplo, algo que acaba sendo comum em cenários de guerras onde os danos ambientais são explorados de forma superficial, ou, então descartados (BORGES, 2016).

A segunda categoria mais explorada pelo *G1* é a de alimentos, com cerca de 28,42%, algo que pode ser justificado sobretudo pelos produtos exportados pelo Brasil neste setor, como os fertilizantes para a produção de alimentos, trigo, milho e outros alimentos. Sendo assim, acaba sendo evidente que a grande maioria destas matérias abordou como o nosso país será impactado pelo conflito, com o aumento do preço do trigo, do amendoim. Assim como o que o país poderá fazer com relação à dependência de fertilizantes, afinal de contas, tanto Rússia quanto Ucrânia são grandes exportadores de produtos alimentícios, representando 29% das exportações globais de trigo e 19% das de milho, segundo dados do banco JP Morgan.

<sup>8</sup> A porcentagem das matérias não corresponde a números inteiros, nem suas aproximações, desta forma, usamos até dois números após a vírgula para melhor visualização.

De forma interligada também temos a intensa exportação de gás natural e petróleo da Rússia, já que ele é o terceiro maior exportador desse gás no mundo. Consequentemente, o *GI* também deu prioridade para a forma de como isso impactaria o mundo e o Brasil, como observado na categoria: Fontes de Energia, com 27,36%, temos um cenário em que o aumento do preço do combustível será sempre atribuído à justificativa da guerra. Nesta categoria, também tivemos, embora em menor número, a invasão dos russos na usina nuclear de *Chernobyl* e a invasão na maior usina nuclear da Ucrânia, *Zaporizhzhia*, justificado pelo medo da população de reviver um novo desastre nuclear no país.

Com relação à *Folha de São Paulo*, ocorreu uma maior quantidade de matérias relacionadas à categoria de Fontes de Energia, com 44, 90% do total. No período analisado, o país apresentava uma constante oscilação no preço dos combustíveis, desta forma, a cada atualização, as matérias acabavam inserindo a guerra da Ucrânia como uma das justificativas, contribuindo com a grande quantidade de matérias a respeito do tema. Tal ponto acaba enfatizando o pensamento de Shinar (2013), que afirma que a preferência da mídia decorre também de questões culturais, por exemplo, ou seja, aquilo que é considerado necessário e importante para uma população.

As matérias da categoria alimentação aparecem em segundo lugar, com bastante similaridade das matérias do *GI* que abordaram o aumento dos alimentos, a importância dos agrotóxicos, contabilizando 25% do total. Enquanto no terceiro lugar, a categoria “Poluição” acaba se tornando uma surpresa, afinal de contas, o esperado é que o site dessa prioridade para o conflito armado com apenas 24, 53%.

Entre uma das categorias menos exploradas pelos dois sites estão a Fauna, sendo *GI* com 6,31% das matérias e *Folha de São Paulo* com 2,31%. Tal questão enfatiza a ideia que prevalece na comunidade em geral, onde o ser humano deve ser a prioridade em relação às demais espécies. Outra categoria pouco evidente é a de mineração, tendo o *G1*, 1,05% das matérias e *Folha de São Paulo*, 3,24%.

Diante do exposto, podemos dizer que tanto *GI* quanto *Folha de São Paulo* deram prioridade para os assuntos que afetam diretamente o ser humano no seu cotidiano de forma bastante imediatista, não pensando na importância de se falar em assuntos que afetem futuras gerações e os impactos ambientais que uma guerra pode causar como um todo. Desta forma, o maior número de matérias, quando somados os dois periódicos, abordam a categoria “Fontes de Energia” (39,54%), seguidas de “Poluição” (28,29%) e “Alimentos” (26,04%), os menos explorados, por outro lado, são “Fauna” (3,53%) e “mineração” (2,57%)

Para analisarmos os preceitos do Jornalismo Ambiental encontrados nas reportagens do site G1 e da *Folha de São Paulo*, foram analisadas quatro reportagens de cada um dos sites em cada uma das respectivas categorias, com exceção da “Mineração”, pois foi encontrada apenas uma matéria do site G1. Optamos, então, por analisar também apenas uma reportagem da *Folha de São Paulo* nesta categoria.

Com relação às análises temos:

#### 4.1.1 – Alimentos

Em relação a essa categoria temos 81 matérias, dessas 54 na *Folha de São Paulo* e 27 do site G1, o equivalente a 26,04% do total. De acordo com os esses números, podemos constatar que, embora não seja a categoria tida como mais importante pelos sites, ela apresentou grande relevância para mídia.

Foram inseridas na categoria alimentos, as seguintes matérias do site G1: “4 produtos exportados por Rússia e Ucrânia que devem ficar mais caros no mundo”; “Amendoim, adubo, máquinas- veja os principais produtos do comércio do Brasil com Rússia e Ucrânia”; “Brasil deve exportar mais milho com a guerra na Ucrânia”; “Conflito no Leste Europeu terá impacto na agricultura de SC 'Quem vai ser prejudicado é o consumidor', diz entidade”; “Da gasolina ao pãozinho; invasão da Ucrânia pode elevar inflação no Brasil; entenda”; “De onde vem o que eu como”; “guerra entre Rússia e Ucrânia impacta amendoim brasileiro”; “Escassez de óleo de girassol devido à guerra na Ucrânia aumenta procura por óleo de soja produzido em MT”; “Governo Bolsonaro teme que guerra da Ucrânia gere especulação de preços agrícolas”; “Guerra e sanções fazem inflação na Rússia atingir máxima em 7 anos”; “Guerra econômica- como funcionam as sanções contra a Rússia e como o país tenta superá-las”; “Guerra na Ucrânia afeta as exportações brasileiras”; “Guerra na Ucrânia deve encarecer o pãozinho; entenda”; “Guerra na Ucrânia eleva preço do trigo no Brasil”; “Guerra na Ucrânia faz preço do potássio triplicar em um ano; tonelada é vendida a US\$ 1,1 mil”; “Guerra na Ucrânia pode causar impactos no Porto de Santos, diz especialista”; “Guerra na Ucrânia será 'catastrófica' para alimentação global, diz gigante dos fertilizantes”; “Guerra na Ucrânia - por que o Brasil depende tanto dos fertilizantes da Rússia”; “Guerra na Ucrânia - sanções financeiras à Rússia podem levar mundo à recessão”; “MT tem a Rússia como principal fornecedor de fertilizantes e pode ter impactos com a guerra”; “Paralisada por guerra e sanções, estatal da Belarus que importa fertilizantes pode deixar o Brasil”; “Por que o Brasil importa fertilizante da Rússia”; “Saiba o que são nitrogênio, fósforo e potássio e por que a guerra da Ucrânia coloca o fornecimento em risco”; “Sanções à Rússia - como fica o comércio com o Brasil”; “Tereza Cristina diz que não faltará trigo no Brasil e que o

*problema é o preço do alimento”;*” *Veja como o agronegócio brasileiro pode ser impactado pelo conflito entre a Rússia e a Ucrânia” e*” *Ucrânia fecha portos e fornecimento de grãos fica ameaçado após invasão russa”*.

Dentre as apontadas, selecionamos “*Tereza Cristina diz que não faltará trigo no Brasil e que 'problema' é preço do alimento*” veiculado pelo *site G1*. No ano em que a matéria foi escrita, Tereza Cristina era a ministra da Agricultura, dessa forma, encontramos a junção de dois elementos na reportagem: o meio ambiente e a política, o que mostra que o jornalismo é holístico - buscando uma visão integral em relação aos fatos.

O jornalismo ambiental opta pela visão holística, contrária a mecanicista - que é o ponto de partida para o reducismo. A observação isolada, desligada de suas causas e consequências, torna os assuntos estereotipados, gerando um senso comum, e às vezes, até uma banalização dos fatos noticiados. O dever do jornalista ambiental é fugir do lugar comum, enxergar as problemáticas cotidianas, levando em contas as implicações para a vida no e do planeta. (LOOSE, 2010, p.40)

Nesta matéria, ocorre uma predominância de informações baseadas apenas na opinião da então Ministra, Tereza Cristina. É inegável que tais questões se tornam necessárias em matérias jornalísticas, no entanto, ao fazer uso de apenas da voz da figura política, *G1* descarta a opinião do cidadão, tida como figura essencial no Jornalismo Ambiental. Devemos observar que o Jornalismo Ambiental é focado no coletivo e, por isso, todos devem ser levados em consideração, não apenas as figuras políticas (BELMONTE, STEIGLEDER, MOTTER, 2014).

Figura 3- Print da matéria “Tereza Cristina diz que não faltará trigo no Brasil e que problema é preço do alimento”

The image is a screenshot of a news article from the G1 website. The header is red with the G1 logo and the word 'ECONOMIA'. The article title is 'Guerra na Ucrânia: Tereza Cristina diz que não faltará trigo no Brasil e que 'problema' é preço do alimento'. Below the title, there is a sub-headline: 'Ministra da Agricultura informou que Rússia e Ucrânia produzem 14% do trigo mundial; Brasil importa principalmente da Argentina. Preço já vinha subindo, mas acelerou com a guerra.' The author is 'Por Marcela Mattos, TV Globo -- Brasília' and the date is '24/03/2022 13h51 - Atualizado há um ano'. The main text starts with 'A ministra da Agricultura, Tereza Cristina, afirmou nesta quinta-feira (24) que a guerra entre a Rússia e Ucrânia não provocará a falta de trigo no Brasil e que o "problema" é o aumento do preço do alimento.' It continues with 'Tereza Cristina deu a declaração ao participar de uma audiência no Senado na qual foram discutidos os efeitos da guerra.' and 'Aos senadores, Tereza Cristina afirmou que o Brasil não é autossuficiente na produção de trigo e que Rússia e Ucrânia são responsáveis por 14% de todo o trigo produzido no mundo. O Brasil, contudo, importa o insumo principalmente da Argentina.' A quote follows: '"Esse é um problema [desabastecimento] que nós não deveremos ter, sob o ponto de vista de abastecimento do nosso país para o nosso pãezinho. Nós temos muitas perguntas. "Vai faltar?". Não. O nosso problema não é esse. O nosso problema hoje é preço, porque os preços das commodities são globalizados. Então, o preço já subiu de maneira exponencial no nosso mercado do trigo", afirmou.' The article ends with 'Conforme mostrou o jornal Nacional, o preço do trigo vem subindo desde o ano passado, mas acelerou em meio à guerra na Ucrânia (veja no vídeo mais abaixo).

Fonte: G1 (2022)



Em outra matéria analisada pelo site com o título “Guerra deve encarecer o pãozinho, entenda”, se observa que G1 se limitou a tratar apenas sobre a questão econômica, como observado no trecho a seguir na matéria da *Folha de São Paulo*:

Pesquisador do Cepea (Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada) e docente da Esalq/USP, Lucilio Alves disse que, embora os países envolvidos diretamente na guerra sejam Rússia e Ucrânia, os preços da Argentina subirão, impactando o Brasil. "Os preços internacionais sobem e o da Argentina vai subir porque, se não subir, outros mercados passarão a demandar mais produtos da Argentina. Isso acabaria causando reação também", afirmou. Para chegar ao consumidor, o preço deverá levar "algumas semanas ou mais", na avaliação de Alves. "O moinho tem de absorver e repassar ao próprio derivado do trigo. No repasse, incorpora outros tipos de custos, então esse repasse não é imediato. Depois tem o atacado e o varejo e, só depois, aí sim o consumidor. Num contexto médio nacional é para termos um certo delay (TOLEDO, 2022).

Tanto na reportagem “Guerra deve encarecer o pãozinho, entenda” quanto na reportagem “Tereza Cristina diz que não faltará trigo no Brasil e que 'problema' é preço do alimento” as notícias discorrem sobre as consequências apenas ao cotidiano do homem, não discorrendo sobre as consequências ao meio ambiente. Desta forma, embora as notícias tragam que um dos motivos do aumento do preço do pão é a falta de fertilizante, ela não explica sobre as consequências desse produto para o meio ambiente, se limitando aos aspectos econômicos.

Figura 4 - Print da matéria “Guerra na Ucrânia deve encarecer o pãozinho, entenda”

The image shows a screenshot of a news article from G1. The header is red with the G1 logo and the word 'AGRO'. The main title is 'Guerra na Ucrânia deve encarecer o pãozinho; entenda'. Below the title is a sub-headline: 'Preço do trigo disparou após conflito entre Rússia e Ucrânia, que são responsáveis por 30% das vendas mundiais do cereal. Especialistas dizem que impactos devem chegar, em breve, na farinha, pão e massas.' The author is 'Por Paula Salati, g1' and the date is '12/03/2022 11h00 - Atualizado há um ano'. There are social media sharing icons for Facebook, WhatsApp, and Telegram. Below the text is a photograph of several round, golden-brown loaves of bread. At the bottom right, there is a small red advertisement for a tractor: 'CONCORRÊNCIA 3 tratores 0km'.

Fonte: G1( 2022)

Outro ponto que nos chama atenção em relação a essas matérias é que, em todas elas, as fontes são limitadas às autoridades e especialistas sobre o assunto. Até mesmo aquelas em que a população acaba sendo a mais prejudicada, como nas reportagens sobre o aumento do preço do pão. Belmonte, Steigleder e Motter (2014), nesse contexto, afirma que apesar de no

Jornalismo Ambiental ser importante a interação com outras áreas de atuação, dando o posicionamento às autoridades sobre o assunto, é necessário também dar voz aos cidadãos.

Isso também é observado em relação a matéria “*MT tem a Rússia como principal fornecedor de fertilizantes e pode ter impactos com a guerra*” veiculada pelo G1. Afinal de contas, o site de notícia dá voz apenas ao presidente da Federação das Indústrias do Estado de Mato Grosso (FIEMT), Gustavo de Oliveira, enquanto descarta a opinião dos demais cidadãos, inclusive aqueles que trabalham com o campo.

Assim como ocorreu nas demais matérias anteriormente citadas, o G1 não abordou os impactos ambientais em relação aos fertilizantes, se limitando apenas a elaborar as consequências as quais o ser humano terá que enfrentar com a crise do produto, como observado no trecho a seguir:

"A Rússia é uma grande exportadora de fertilizantes para o estado e o nosso agronegócio depende fortemente disso. Se houver sanções econômicas à Rússia e o Brasil seja convidado ou compelido a seguir, o nosso fornecimento de fertilizantes vai ser impactado", explicou.

Figura 5- Print da matéria “MT tem a Rússia como principal fornecedor de fertilizantes”

The image shows a screenshot of a news article from G1. The article title is "MT tem a Rússia como principal fornecedor de fertilizantes e pode ter impactos com a guerra". The sub-headline reads: "A Rússia é a principal exportadora de fertilizantes utilizados pelo agronegócio mato-grossense. Estado vende carne suína para o maior país do leste europeu." The article text includes: "A guerra entre Rússia e Ucrânia pode trazer impactos econômicos a Mato Grosso, sobretudo na importação de fertilizantes e na exportação de carne suína, de acordo com o presidente da Federação das Indústrias do Estado de Mato Grosso (FIEMT), Gustavo de Oliveira." and "A Rússia é a principal origem do insumo usado nas lavouras brasileiras e Mato Grosso é o maior consumidor de fertilizantes agrícolas do país. Cerca de 23% dos adubos ou fertilizantes químicos importados pelo Brasil em 2021 vieram da Rússia, aponta o levantamento do Comex Stat, do Ministério da Economia." There are also social media sharing options for WhatsApp and Telegram.

Fonte - G1 (2022)

Em outra matéria do site G1 intitulada “*Guerra na Ucrânia faz preço do potássio triplicar em um ano; tonelada é vendida a US\$ 1,1 mil*” temos a presença das “síndromes do muro alto”, assim descrito por Bueno (2007), em relação às matérias que colocam opiniões de determinados campos sociais como verdade universal. Tal questão pode ser observada no trecho a seguir:

"Talvez um cidadão comum urbano tenha uma imagem de que é só plantar, que tudo dá no Brasil. Isso não é verdade. Os nossos solos são, em grande parte, pobres em nutrição e a gente precisa corrigir a capacidade nutricional para ter produtividade", diz Mizumoto.

Nesta reportagem, novamente não são enfatizadas as consequências que o fertilizante traz para o ecossistema. No entanto, G1 se atenta a explicar a forma como os produtos atuam, algo importante para aqueles que não compreendem tanto do assunto, como descrito no trecho a seguir: “Os fertilizantes químicos funcionam como um tipo de adubo, usados para preparar e estimular a terra para o plantio” (G1, 2022).

A matéria disponibiliza ainda três vídeos em que se nota o engajamento do repórter, ou seja, o seu comprometimento com a temática. Sobre isso, Belmonte (2020) afirma que tal engajamento pode ser visualizado com a exploração de ferramentas multimidiáticas, como por meio de vídeos. Ou, seja embora G1 não faça vídeos exatamente para a cobertura da matéria, pois é provável que tais recursos sejam usados em outras reportagens como nos jornais da televisão, encontramos o comprometimento com a temática de forma a deixar assuntos complexos, como o meio ambiente mais compreensíveis.

Figura 6 - Print da matéria “Guerra na Ucrânia faz preço do potássio triplicar em um ano”

The image shows a screenshot of a news article from G1. The header is red with the G1 logo and 'AGRO' on the right. The main headline is 'Guerra na Ucrânia faz preço do potássio triplicar em um ano; tonelada é vendida a US\$ 1,1 mil'. Below the headline, there is a sub-headline: 'Insumo é usado como fertilizante na agricultura; em 2021 ele era negociado por cerca de US\$ 300.' The article is dated '23/03/2022 14h05' and is marked as 'Atualizado há um ano'. There are social media sharing icons for Facebook, WhatsApp, and Telegram. The main image shows a hand holding a pile of colorful fertilizer granules. Below the image, there is a caption: 'Fertilizantes de nitrogênio, fósforo e potássio como matéria-prima — Foto: Globo Rural'. The article text states: 'A tonelada do potássio triplicou em um ano. O produto era vendido a US\$ 300 em fevereiro de 2021. Hoje, o valor chegou a US\$ 1,1 por tonelada, de acordo com dados do Itau BBA.' There is also a small red box on the right with the text 'CONCORRA A 3 tratores 0km' and an image of a tractor.

Fonte: G1(2022)

Em nosso outro objeto de pesquisa, a *Folha de São Paulo*, foram colocadas na categoria as seguintes matérias: “*A guerra e a dependência externa brasileira no setor de fertilizantes*”; “*A saída para a crise está no campo*”; “*Alta de preços agrícolas, incrementada pela guerra, chega a produtos brasileiros*”; “*Após disparada de 60%, preço do trigo cai no mercado externo*”; “*Brasil diversifica fornecedores de fertilizantes*”; “*Brasil importa 8 a mais*”; “*Brasil vai defender na FAO que fertilizantes fiquem fora de sanções contra Rússia*”; “*Comércio internacional não será o mesmo com as angústias da guerra na Ucrânia*”;

*“Comida do futuro\_ as plantas pouco conhecidas que podem nos alimentar em 2050”;*  
*“Concentração das importações brasileiras em poucos países vai além dos fertilizantes”;*  
*“Concentração de 28% na importação de fertilizantes da Rússia e de Belarus preocupa”;*  
*“Corrida global por estoques renova pressão sobre alimentos e inflação”;* *“Cresce o medo de fome por bloqueio russo no Mar Negro”;* *“Crise de fertilizantes com guerra na Ucrânia faz governo antecipar plano nacional para o setor”;* *“Disparada de alimentos deve seguir 'espremendo' os brasileiros”;* *“Empresa de adubos de MG decide elevar 7 vezes capacidade de produção”;* *“Empresas protelam vendas de fertilizantes, e preços explodem”;* *“Fabricantes russos de fertilizantes buscam opções para manter exportação”;* *“Fome de Crescimento”;*  
*“Fome no Brasil supera média global; atinge mais crianças”;* *“Gigantes do transporte marítimo se afastam da Rússia e TotalEnergies não vai mais financiar projetos”;* *“Governo dos EUA quer segunda safra anual de grãos”;* *“Guerra da Ucrânia atinge agro, e ministra diz já ter 'plano A e plano B’”;* *“Guerra deve acelerar inflação da comida e preocupa Guedes”;*  
*“Guerra faz economistas elevarem projeção de inflação no Brasil”;* *“Guerra gera mais custos ao setor de carnes do Brasil, mas também oportunidades”;* *“Guerra impacta produção de carros, aviões e alimentos; entenda”;* *“Guerra na Ucrânia estimula exportações de milho e trigo do Brasil e enxuga oferta”;* *“Guerra na Ucrânia não causou crise de fertilizantes, só a agravou”;* *“Guerra na Ucrânia pode desestabilizar setor agrícola mundial por longo prazo”;*  
*“Guerra na Ucrânia vai deixar pão mais caro no Brasil”;* *“Preço de alimentos no Brasil deve subir, diz ministra”;* *“preço do trigo já deixa mais caros massas e biscoitos”;* *“Invasão russa faz preço de grãos disparar e terá consequências sobre a inflação”;* *“Navio com fertilizante importado poderá furar fila nos portos brasileiros”;* *“O retrato da disparada da inflação no 'prato feito' brasileiro”;* *“ONU diz que Guerra na Ucrânia pode aumentar preço de alimentos em até 20%”;* *“Os efeitos da guerra começam a chegar pelo pãozinho”;* *“Para reduzir custo, EUA lançam plano de US\$ 250 milhões para fertilizantes”;* *“Planalto e agro determinam acenos à Rússia em manifestações sobre guerra na Ucrânia”;* *“Planeta fome”;* *“Planeta infértil”;* *“Preço do trigo dispara após Índia suspender exportações”;* *“Preços globais de alimentos disparam”;* *“Projetos frustrados e falta de planejamento explicam dependência do Brasil de fertilizantes”;* *“Próximo presidente encontrará uma agricultura em dificuldades”;*  
*“Risco de falta de fertilizantes cria onda desproporcional na Bolsa”;* *“Rússia pede suspensão da exportação de fertilizantes devido à guerra na Ucrânia; Bolsonaro fica sob pressão”;*  
*“Safra de soja poderá atingir 149 mi de toneladas em 2023”;* *“Sanções à Rússia podem travar comércio com o Brasil”;* *“Tebet cita impacto da guerra da Ucrânia e fertilizantes em propaganda na TV”;* *“Trigo atinge maior valor em 14 anos e pressiona preço do pãozinho”;*

“Ucrânia fecha portos e exportação de grãos fica ameaçada após invasão da Rússia” e “Vulnerabilidade do Brasil em fertilizantes está escancarada, diz fabricante”.

Em “Por que os preços globais de alimentos estão em choque”, veiculado pela *Folha de São Paulo*, encontramos a função informativa descrita por Bueno (2007). Na reportagem em questão, são tratados elementos necessários e importantes para a população, assim como as consequências que determinados eventos, como os fenômenos climáticos, trazem para o ser humano, interferindo na sua qualidade de vida. Tal questão pode ser observada em um dos trechos a seguir:

Desde então, fenômenos climáticos também trouxeram problemas com as principais culturas em muitas partes do mundo. O Brasil, o maior exportador de soja do mundo, sofreu com uma seca severa em 2012. Este ano, a safra de trigo da China está entre as piores de todos os tempos. As altas temperaturas na Índia 45 graus Celsius em março e abril – atingiram em cheio seu “cordão do trigo”, ao passo que sua supersafra no ano passado compensou parcialmente as safras ruins de outros exportadores, como Canadá e Argentina. [...] (FOLHA DE SÃO PAULO, 2022)

Ou seja, a *Folha de São Paulo*, por meio dessa reportagem, faz com que o leitor compreenda que um dos motivos pelos quais os alimentos estão com preços maiores é o clima, que conseqüentemente interfere na vivência do ser humano. Além disso, outros elementos também são enfatizados pela reportagem como a invasão da Ucrânia pela Rússia já que os dois são grandes exportadores de grãos.

Torna-se importante observar que poucas vezes o meio de comunicação fez relação aos fatores climáticos em suas reportagens, contudo nessa reportagem, *Folha de São Paulo* atribui essa questão como um dos fatores em relação ao aumento do preço dos alimentos. Girardi e Moraes (2012, p. 46) afirmam: “[...]O jornalismo tem uma função educativa e que por isso deve estimular o debate sobre questões relacionadas à qualidade de vida, que é afetada também pela qualidade do ambiente onde vivemos que, por sua vez, sofre inúmeras influências, entre elas a partir das mudanças climáticas”.

A reportagem em questão ainda traz algumas soluções de alguns países para o problema do aumento dos alimentos. Para isso, *Folha de São Paulo* menciona o relatório “Monitor Fiscal”, feita pelo economista Roberto Pirelli e ainda descreve:

Em muitos casos, subsídios diretos têm sido dados nos preços ao consumidor, enquanto outros estabeleceram subsídios para sementes e fertilizantes usados por fazendeiros, além de programas de distribuição de alimentos em espécie. A fragilidade fiscal herdada da pandemia está limitando tais programas públicos em muitos países em desenvolvimento.

Em tal trecho, além de algumas das soluções propostas por alguns países, ainda podemos observar a interação do Jornalismo Ambiental com outras áreas, elemento importante para dar mais credibilidade a matéria (LOOSE, CAMANA, 2015). Entretanto, também se

observou que mais uma vez não foram encontradas opiniões de nenhum cidadão, apenas fontes oficiais, como a Ministra da Alemanha, rompendo com a ideia da pluralidade de vozes, um dos preceitos do Jornalismo Ambiental, segundo Girardi, Loose, Steigleder, Belmonte e Massierer (2020).

Figura 7- Print da matéria “Por que os preços globais de alimentos estão em choque?”

INFLAÇÃO · JUROS

## Por que os preços globais de alimentos estão em choque

À combinação de pandemia, guerra na Ucrânia e secas agora se junta a fome, em cenário de praga bíblica



A combinação de praga da [pandemia](#), [guerra na Ucrânia](#) e [secas nos últimos dois anos](#) parece ter saído da Bíblia. Agora, essa combinação está possivelmente incorporando [a fome](#), com a crise de preços de alimentos, em parte do mundo.

Fonte- Folha de São Paulo, 2022

Outra matéria analisada da *Folha de São Paulo*, intitulada “*Guerra da Ucrânia atinge agro, e ministra diz já ter 'plano A e plano B'*” é notado mais uma vez a priorização de fontes ditas oficiais, enquanto se descarta a opinião do cidadão. Ao fazer isso, devemos levar em consideração, que o site rompe com seu comprometido com a cidadania ambiental (BELMONTE, STEIGLEDER, MOTTER, 2014). Afinal de contas, a conscientização e a importância do meio ambiente devem ser vistas como algo universal, ou seja, um dever de todos, não apenas dos seus representantes políticos. Sendo assim, o site também rompe com a função política descrita por Bueno (2007), pois o autor trata a questão como algo coletivo, ou seja, é um dever de todos buscar medidas sustentáveis para o ecossistema.

Na reportagem citada, é possível encontrar o cuidado do meio de comunicação em deixar a informação mais clara para o leitor, explicando de forma genérica para que serve o cloreto de potássio, fertilizante considerado fundamental nas culturas de soja e milho. No entanto, assim como ocorre em outras matérias, a *Folha de São Paulo*, apesar de abordar questões do meio ambiente, acaba não praticando o Jornalismo Ambiental por completo, pois acaba colocando esses elementos sem o devido destaque, não relatando, por exemplo, os

impactos que os fertilizantes trazem para o ecossistema. Tal questão vai contra a um dos pilares do Jornalismo Ambiental defendido por Loose e Girardi (2017, p.157), onde elas explicam que “[...]A ênfase em uma contextualização ampla, profunda e crítica (tecendo relações de causas e consequências) depende também de uma apuração o mais completa possível”.

É inegável que o jornalismo é holístico e, por isso, discussões em âmbito político, econômico e social são importantes e devem ser desempenhadas, mas o que se nota, muitas vezes, é o pouco destaque dado ao meio ambiente ou o seu não destaque em relação aos outros elementos. Desta forma, nesta matéria, se observa que a *Folha de São Paulo* aborda mais sobre questões econômicas, ou seja, aquilo que afetará diretamente o ser humano, como o processo de alguns produtos, consequências da guerra, enquanto o meio ambiente acaba não sendo aprofundado.

Figura 8- Print da matéria “Guerra da Ucrânia atinge agro, e ministra diz já ter plano A e B”

GUERRA NA UCRÂNIA · RÚSSIA · BELARUS

## Guerra da Ucrânia atinge agro, e ministra diz já ter 'plano A e plano B'

No comando do Ministério da Agricultura, Tereza Cristina afirma que já analisa alternativas para os problemas que vão afetar o setor



O Ministério da Agricultura já faz um levantamento dos múltiplos e variados problemas que o Brasil pode enfrentar por causa da [guerra da Rússia contra a Ucrânia](#).

Fonte- Folha de São Paulo (2022)

Em outra matéria intitulada “*Comida do futuro: as plantas pouco conhecidas que podem nos alimentar em 2050*”, a *Folha de São Paulo* usa como um dos motivos a Guerra da Ucrânia para fazer com que o ser humano encontre novas soluções para problemas enfrentados devido ao conflito, também são abordados elementos como o aquecimento global que poderão desencadear o aumento de determinados produtos. Assim como os fatores climáticos, o aquecimento global se torna um fator importante quando tratamos do Jornalismo Ambiental, afinal de contas, são elementos que podem trazer consequências para diversos setores como as

mudanças na composição da fauna e da flora, assim como na produção de alimentos, como mencionado pela reportagem.

A função informativa descrita por Bueno (2007) acaba sendo visível em vários elementos, sobretudo quando o cientista traz propriedades do meio ambiente com o objetivo de informar a população. Logo no início da matéria assim é descrito:

Diante disso, especialistas do Jardim Botânico Real de Kew, em Londres, iniciaram uma busca por ingredientes que ajudem a proteger nosso cardápio dessas incertezas futuras. E diversificar nossa alimentação é uma das soluções para aliviar a fome, reduzir a perda de biodiversidade e nos ajudar na adaptação às mudanças climáticas, diz Sam Pirinon, pesquisador do Kew

Ou seja, além da notícia tratar de situações envolvendo o meio ambiente que trarão prejuízos futuramente ao ser humano, como o aquecimento global o qual influenciará na alimentação do homem, o pesquisador traz questões como o fato de consumir esses produtos fará com que reduza a perda da biodiversidade do planeta. Em outro trecho da matéria, quando são apresentados os alimentos que o ser humano pode consumir, sobre o *pândano*, é explicado o seguinte:

O *pândano* (*Pandanus tectorius*) é uma pequena árvore que cresce em áreas costeiras de ilhas do Pacífico até as Filipinas. Suas folhas são usadas para dar sabor a pratos doces e salgados em grande parte do sudeste asiático, enquanto sua fruta, que tem semelhanças com o abacaxi, pode ser comida crua ou cozida. A árvore é capaz de tolerar condições climáticas desafiadoras, incluindo seca, ventos fortes e rajadas de sal, diz a pesquisadora do Kew Marybel Soto Gomez.

Desta forma, temos a função informativa, pois o jornalista traz informações necessárias para o entendimento do cidadão, como quais são as características do *pândano*, elemento que pode ser desconhecido por muitas pessoas. Associa - se ainda ao fato de trazer elementos biológicos, como em quais condições essa planta pode sobreviver.

A função pedagógica, descrita por Bueno (2007) como aquela responsável por ensinar o ser humano a lidar com a natureza, acaba sendo visualizada também em um trecho sobre o *pândano*, como descrito a seguir: “Se a *pândano* puder ser usada de modo sustentável, sem depauperar recursos de populações locais, podemos cultivá-la de modo mais amplo, ela argumenta” (BRIGGS, 2022). Ou seja, com isso, são trazidas informações necessárias para o aprendizado do cidadão em relação à planta, como o fato dela evitar ser cultivada de forma intensa, porém, podendo ser necessário isso ocorrer desde que de forma consciente.

Sendo assim, em relação a essa matéria, podemos observar que foram tratados de elementos importantes ao Jornalismo Ambiental, assim como ocorreu a contextualização necessária para aqueles que não apresentam tanta informação sobre o assunto, porém, na concepção desta pesquisadora, faltou explicar o que seria a perda de biodiversidade,



mencionado no início da matéria, e quais são suas consequências. Loose enfatiza que (2010, p.35) “[...]O Jornalismo Ambiental é a tentativa de se explicar as ciências da vida e da Terra por meio de uma linguagem acessível, de fácil compreensão para os leigos, de modo a alertar a sociedade sobre os sinais de desgaste que o meio ambiente nos apresenta[...]”

Devemos mencionar, por fim, que tal matéria não se trata diretamente da Guerra da Ucrânia, no entanto, a *Folha de São Paulo* usa o conflito para trazer aos seus eleitores novas formas de alimentação sem que para isso ocorra a dependência dos países envolvidos no conflito.

Figura 9 - Print da matéria “Comida do futuro: as plantas pouco conhecidas que podem nos alimentar em 2050”

## Comida do futuro: as plantas pouco conhecidas que podem nos alimentar em 2050

À medida que aquecimento global e geopolítica ameaçam colheitas, precisamos diversificar nossas fontes de alimentação



Helen Briggs

**BBC NEWS BRASIL** Cientistas elaboraram uma lista de plantas pouco conhecidas que podem ir parar no nosso cardápio até 2050, quando [o clima do planeta deve estar mais quente](#), forçando-nos a diversificar nossa dieta.

Fonte - Folha de São Paulo(2022)

Assim como ocorreu no site *GI*, na *Folha de São Paulo*, encontramos um recorte regional em relação a algumas reportagens, como podemos observar em uma intitulada “*Empresa de adubos de MG decide elevar em 7 vezes a capacidade de produção*”. Na matéria em questão, a Guerra da Ucrânia é tida como motivo principal para o fato de uma empresa do Estado ter ampliado a produção dos seus fertilizantes.

Ao fazer esse recorte regional, a *Folha de São Paulo*, mais uma vez, acaba aproximando os leitores em relação à questão, fazendo com que a população de determinada região compreenda as consequências que a guerra traz em contextos locais.

Nessa matéria, é dada prioridade apenas a uma fonte, tida como especialista sobre o assunto: Marcos Fava Neves, docente da USP (Universidade de São Paulo) especializado em agronegócio. De acordo com Belmonte:

[...]Não basta divulgar um texto transversal, bem elaborado, com diversidade de fontes. Esse texto, ou informação, só vai gerar ação se o seu sentido for construído em parceria com outros setores da sociedade. Para surgir, o jornalismo ambiental precisa de ativismo ecológico. Dificilmente ele brota do nada. Também precisa de parcerias para fazer sentido e contribuir com alguma mudança social. (BELMONTE, 2017, p. 112).

Assim como em outras matérias que abordam o uso de fertilizantes, não foram descritas as consequências que tais produtos trazem para o meio ambiente e nem mesmo informações como de que forma são produzidos.

Figura 10- Print da matéria “Empresa de adubos de MG decide elevar 7 vezes produção”

## Empresa de adubos de MG decide elevar 7 vezes capacidade de produção

Produtora de potássio, Verde Agritech decidiu acelerar nova fábrica em São Gotardo após guerra na Ucrânia ameaçar abastecimento



**Marcelo Toledo**

**RIBEIRÃO PRETO** A guerra deflagrada pela Rússia contra a Ucrânia fez a Verde Agritech, empresa com mina e fábrica em São Gotardo, no interior de Minas Gerais, decidir ampliar sua [produção de fertilizantes](#) potássicos ainda neste ano.

Fonte - Folha de São Paulo (2022)

Portanto, em relação à categoria de alimentos foram encontradas matérias de certa forma limitadas, afinal de contas, tanto a *Folha de São Paulo* quanto o G1 descartam a opinião da população, se limitando a fazer matérias com fontes tidas como especialistas na área, ou, então, focado em autoridades políticas. Com isso, os veículos de comunicação acabam rompendo com algumas das características tidas como fundamentais e necessárias no Jornalismo Ambiental, a sua articulação com diversos campos da sociedade. Associa - se ainda o fato de que nessa categoria encontramos elementos como aquecimento global e mudanças climáticas, os quais

acabaram sendo colocados como os motivos para o aumento do preço dos alimentos e da sua produção, assim como a pouca informação em relação às consequências ambientais dos fertilizantes para o ecossistema.

#### 4.1.2 – Fauna

Neste tópico, verifica-se 11 matérias no total, sendo 6 matérias no G1 e 5 na *Folha de São Paulo*, o que corresponde a 3,53% do montante total das análises. Esses dados mostram que matérias referentes à fauna não foram a de maior repercussão na mídia brasileira, mas, apresentam significativa importância, principalmente no que se refere à temática ambiental.

Foram analisadas nesta categoria 4 reportagens do site G1: *Brasileira grávida que mora em Kiev faz apelo para trazer cachorro ao Brasil: 'Não posso deixar pra trás'*"; *“Como os animais estão sendo resgatados durante a guerra na Ucrânia”*; *“Guerra na Ucrânia: avião da FAB com brasileiros resgatados pousa em Brasília”* e *“Stepan, gato influencer ucraniano, faz vaquinha para proteger animais durante a guerra”*.

Em relação a essas matérias se notou pouca ênfase da função informativa, uma das principais características imposta pelo jornalismo ambiental, conforme relembra Bueno (2007):

[...]A função informativa preenche a necessidade que os cidadãos têm de estar em dia com os principais temas que abrangem a questão ambiental, considerando o impacto que determinadas posturas (hábitos de consumo, por exemplo), processos (efeito estufa, poluição do ar e água, contaminação por agrotóxicos, destruição da biodiversidade, etc.) e modelos (como o que privilegia o desenvolvimento a qualquer custo) tem sobre o meio ambiente e, por extensão, sobre a sua qualidade de vida

Sendo assim, apesar de trazerem informações com relação aos animais em contexto do conflito, como por exemplo na matéria *“Como os animais estão sendo resgatados durante a guerra”*, é possível dizer que as reportagens se limitam a trazer as informações sem tanto aprofundamento e nem relatando a importância dos animais para o ecossistema, apenas compartilhando dados e posicionamento de algumas fontes, mas sem aprofundar na sua importância. Segundo Loose, “[...]Quem cobre meio ambiente (assim como demais assuntos específicos) deve munir - se de conhecimento prévio para não se tornar apenas porta-voz das fontes[...]” (2010, p.36).

Em reportagens como essas, seria necessário discutir os impactos que as mortes desses animais causam, como o desequilíbrio do ecossistema. Afinal de contas, todos os animais apresentam sua importância, inclusive aqueles vistos como indesejáveis para o ser humano, a sua inexistência dessa forma causaria impactos negativos para a cadeia alimentar, fazendo com que ocorresse um aumento em determinadas espécies em relação a outras, rompendo com o equilíbrio natural do ecossistema (LOPES; ROSSO, 2005).

Outro ponto que chama atenção em relação a esta categoria é que o site de notícias G1 dá prioridade para alguns tipos de animais, como os cachorros e os gatos. A importância dada a esses animais pode ser justificada de forma histórica, entre os séculos 15 e 18, como é levantado por Oliveira (2010, p.25):

Já nesta época já também existiam os animais privilegiados, que estão próximos aos seres humanos, em especial o cão, o que ainda é observado em nosso cotidiano. Eles eram divididos em duas categorias: os necessários, que ajudavam na labuta e tinham funções como puxar carroças, trenós e até arados; e os desnecessários, os cães de estimação adorados, sobretudo pela família real.

Sendo assim, como eram necessários para o seu cotidiano, muitas vezes, o próprio homem usava de práticas violentas perante esses animais, enquanto em relação aos animais domesticados tais atitudes eram vistas como desnecessárias. Desta forma, ocorria uma espécie de ligação sentimental, como vemos ainda no cotidiano a certos animais como os cachorros e os gatos, portanto, G1 dá prioridade para esses animais que se aproximam mais da vida cotidiana dos seres humanos.

Figura 11- Print da reportagem “Brasileira grávida que mora em Kiev faz apelo para trazer cachorro”



Fonte: G1 (2022)

É possível encontrar a função política, outro preceito do Jornalismo Ambiental citado por Bueno (2007), na reportagem “*Stepan, gato influencer ucraniano, faz vaquinha para proteger animais durante a guerra*”. Bueno (2007, p.35-36) explica que essa função “tem a ver com a mobilização dos cidadãos para fazer frente aos interesses que condicionam o agravamento da questão ambiental”. Na reportagem citada, ocorre por meio de apelo do gato (a narração é descrita como se o gato falasse) para que as pessoas façam doações. Com a personificação do gato, segundo Seixas (2014, p.63) “[...]há uma tentativa do veículo em

humanizar as atitudes do animal e convoca uma comoção no público leitor, uma vez que descreve o animal associando-o a sentimentos e ações que normalmente são atribuídos a pessoas.”

Figura 12- Print da reportagem “Stepan, gato influencer ucraniano faz vaquinha para proteger animais durante a guerra”



Fonte: G1 (2022)

Em outra reportagem intitulada “*Como os animais estão sendo resgatados durante a guerra da Ucrânia*”, é possível encontrar a função pedagógica onde são relatadas soluções momentâneas para o problema em questão, como podemos observar no trecho a seguir:

A PETA (People for the Ethical Treatment of Animals) da Alemanha enviou reforços para a fronteira para tentar "guiar os animais com segurança", de acordo com Jennifer White, da organização de direitos dos animais. Além da IFAW, ela diz que está trabalhando com outras organizações parceiras na vizinha Romênia que conseguiram entrar na Ucrânia para resgatar animais abandonados e vacinar cães e gatos (BBC, 2022).

Desta forma também encontramos uma das práticas do Jornalismo Ambiental que seria a importância de ouvir cidadãos engajados com a causa, afinal de contas o Jornalismo Ambiental deve ser comprometido com a cidadania ambiental (BELMONTE, STEIGLEDER, MOTTER, 2014). Esta reportagem, por outro lado, acaba rompendo com uma das características das demais, pois acaba chamando atenção para a importância dos outros animais:

E quando se trata da evacuação dos animais, não são apenas animais domésticos que precisam ser retirados do país. "Sempre que uma área é atingida pela guerra, os animais presos no zoológico se tornam dependentes", diz White. Relatos sugerem que animais do santuário de ursos Save Wild, localizado perto de Kiev, foram transportados para a Polônia, onde um zoológico lhes ofereceu refúgio durante a guerra. Mas isso não acontece em lugares e funcionários do zoológico de Kiev já disseram que a oportunidade de evacuar seus animais passou. "É quase impossível evacuar os animais, porque é impossível fornecer serviço veterinário e transporte adequados", diz Kyrylo Trantin, chefe do zoológico. (BBC, 2022)

Figura 13- Print da reportagem “Como os animais estão sendo resgatados durante a guerra na Ucrânia”



Fonte: G1(2022)

Ou seja, nesta reportagem tivemos uma atenção para outros animais que não fossem os domésticos, algo quase não observado nas reportagens analisadas. Ainda assim, podemos dizer que o G1 acaba dando prioridade para os animais que apresentam o vínculo com o homem, mais uma vez evidenciando a questão do antropocentrismo<sup>9</sup> de forma indireta, pois o site coloca esses animais como “prioridade” em relação aos outros, por apresentar ligação com o homem.

Em relação à *Folha de São Paulo*, nesta categoria, foram analisadas as seguintes matérias: “*Gato ucraniano Stepan recebe prêmio de influenciador em Cannes*”; “*Competições vetam cães e gatos da Rússia em meio à guerra*”; “*Cachorro militar troca de lado e agora atua com ucraniano*” e, em último, “*Avião da FAB com brasileiros, estrangeiros e pets vindos da Ucrânia chega a Brasília*”.

Logo de maneira imediata, a primeira questão que chama atenção em relação a essas matérias é que algumas delas poderiam ser colocadas em múltiplas editorias, não apenas em relação ao Meio Ambiente.

Assim como ocorre no site G1, também observamos que as matérias sobre a categoria fauna acabam englobando os animais domesticados pelo ser humano, como os gatos e os cachorros, enquanto os demais acabam sendo de certa forma esquecidos. Tal questão acaba sendo visível, por exemplo, apenas posteriormente como em agosto de 2023, quando *Folha de*

<sup>9</sup> De acordo com a visão antropocêntrica o homem deve ser colocado como o centro em relação aos demais elementos, pois ele é tido como ser superior.

*São Paulo* publicou que cerca de cinco mil golfinhos foram mortos no Mar Negro em decorrência da guerra.

Ainda assim, na matéria “*Avião da FAB com brasileiros, estrangeiros e pets vindos da Ucrânia chega a Brasília*” é evidente a importância dada ao homem frente aos animais do seu convívio. É como se ocorresse uma espécie de pirâmide onde o destaque é dado ao homem, seguido dos animais domesticados e, por fim, aos outros animais. Tal questão pode ser observada no trecho a seguir, onde a reportagem não sabe informar a quantidade exata de animais transportados, apenas o número dos homens, assim como não divulga informações relacionadas à saúde desses animais, apenas dos seres humanos.

De acordo com o Itamaraty, estavam no voo 43 brasileiros, sendo 12 menores de idade; 19 ucranianos com familiares brasileiros, sendo três crianças; cinco argentinos, entre eles uma criança; e um colombiano. No total, 52 adultos e 16 menores de idade. Também foram transportados por volta de dez animais de estimação, cães e gatos — não se informou a quantidade exata de cada espécie. Ao chegar ao país, brasileiros e estrangeiros foram encaminhados para o processo de imigração e testes de Covid-19 [...] (HOLANDA, 2022).

Figura 14 - Print da matéria: “Avião da Fab com brasileiros, estrangeiros e pets vindos da Ucrânia chega a Brasília”

## Avião da FAB com brasileiros, estrangeiros e pets vindos da Ucrânia chega a Brasília

Voo recebido por Bolsonaro traz 52 adultos, 16 crianças e 10 animais de estimação que fugiram da guerra



Marianna Holanda

BRASÍLIA [O avião da FAB \(Força Aérea Brasileira\)](#) que resgatou brasileiros, estrangeiros e animais de estimação da guerra na Ucrânia aterrissou em Brasília por volta do meio-dia desta quinta-feira (10).

Fonte - Folha de São Paulo (2022)

A função pedagógica acaba sendo visualidade na reportagem “*Cachorro de tropas russas é resgatado e agora atua do lado ucraniano na guerra*” onde, embora não seja o foco da reportagem, é ensinado como o ser humano deve lidar com animais abandonados, no caso o acolhendo.

Segundo a Guarda Nacional da Ucrânia, Max foi acolhido após derrota russa na região de Mykolaiv. No dia 14 deste mês, uma foto do cachorro foi publicada ao lado de militares. De acordo com o jornal Daily Star, o pastor belga foi encontrado faminto e poderia até morrer. Quando foi encontrado, usava uma coleira para cães militares russos. (MARRA, 2022)

Por outro lado, também devemos observar que esses animais acabam sendo tratados como armas de guerras.

A mobilização da população em relação a importância do resgate dos animais em contexto das guerras também é encontrada na reportagem “*Competições vetam cães e gatos da Rússia em meio à guerra*”, embora também possa ser vista como uma publicidade, onde a jornalista da matéria relata:

Ao condenar a invasão na Ucrânia, o Kennel Club, que organiza o evento, também anunciou a doação de 50.000 libras (cerca de R\$ 330.000) para uma ONG com objetivo de ajudar criadores, tutores e cães na Ucrânia e Polônia — destino de muitos dos refugiados. Além disso, o Kennel Club excluiu das competições que organiza ao redor do mundo juízes caninos com licenças na Rússia e em Belarus.

Figura 15 - Print da matéria “Cachorro de tropas russas é resgatado e agora atua do lado ucraniano na Guerra”

## Cachorro de tropas russas é resgatado e agora atua do lado ucraniano na guerra

Max foi acolhido após derrota russa na região de Mykolaiv, segundo a Guarda Nacional da Ucrânia



**Livia Marra**

Max, um pastor belga malinois de três anos, lutava com as tropas russas, mas foi abandonado, resgatado por militares ucranianos e agora atua do outro lado no conflito.

Fonte - Folha de São Paulo (2022)

Diante do exposto podemos relatar que nesta categoria, os dois veículos de comunicação dão prioridade para os animais que apresentam algum vínculo emocional com o ser humano, como os cães e gatos. Encontramos nesta categoria pouca evidência da Função Informativa, no entanto, tivemos um maior destaque para a voz da população e da Função Política, onde a



população acaba tendo o papel de mobilizador em relação ao resgate desses animais. O apelo emocional das matérias prevalece em muitos momentos.

#### 4.1.3 – Fontes de Energia

Nessa categoria se obteve o maior número de matérias com cerca de 123 reportagens, dessas, 26 do site G1 e 97 da *Folha de São Paulo*, o equivalente a 39,54% do montante total. O que podemos observar em relação a isso é que os dois sites, principalmente *Folha de São Paulo*, consideram importante questões relacionadas a Fontes de Energia, entretanto, em geral, grande parte das matérias foca na questão do preço do combustível e seu aumento.

Foram inseridas nessa categoria as seguintes materiais do site G1: *“A gasolina vai subir no Brasil com a guerra na Ucrânia”*; *“Alemanha pode ficar sem gás russo se for necessário, diz ministro”*; *“Após donos de postos atribuírem aumento na gasolina à Guerra na Ucrânia, sindicato nega relação direta com o conflito; entenda”*; *“Chernobyl- o que é, onde fica e por que a região é importante”*; *“Chernobyl-usina nuclear apreendida pela Rússia na Ucrânia tem pico de radiação”*; *“Com guerra na Ucrânia, bolsas europeias caem e petróleo passa de US\$ 110”*; *“Da gasolina ao pãozinho, invasão da Ucrânia pode elevar inflação no Brasil; entenda”*; *“EUA proíbem a importação de petróleo russo; Rússia restringe comércio de matérias-primas”*; *“Exército russo assume gestão da maior usina nuclear na Europa; agência manifesta preocupação”*; *“Gigantes do petróleo deixam a Rússia após invasão da Ucrânia”*; *“Guerra entre Rússia e Ucrânia pode fazer preço da gasolina aumentar até R\$ 0,84 por litro no DF”*; *“Guerra na Ucrânia pressiona o preço do petróleo no mercado internacional”*; *“Rússia enfrentará teto de preço para importação de petróleo”*; *“Guerra na Ucrânia\_ veja os principais acontecimentos do 13º dia de conflito”*; *“Há risco de radiação após corte de energia em Chernobyl, diz empresa da Ucrânia; para Aiea, é possível controlar a temperatura”*; *“Mapa mostra onde ficam usinas nucleares da Ucrânia”*; *“O custo da Guerra”*; *“O que China tem a perder ao apoiar Rússia”*; *“Postos de combustíveis em Teresina aumentam preço da gasolina comum para R\$ 7,29 e alegam invasão russa”*; *“Rússia tem interesse em desativar reatores nucleares na Ucrânia, e não destruí-los, diz ex-embaixador do Brasil na Aiea”*; *“Russos começaram a se retirar da área de Chernobyl, diz Pentágono”*; *“Russos tomam a maior usina nuclear da Europa; níveis de radiação não se alteram”*; *“Russos tomam a região de Chernobyl, onde há um depósito de resíduos nucleares”*; *“Russos tomam cidade de funcionários da usina de Chernobyl”*; *“Tropas russas atravessam zona de exclusão de Chernobyl para se reagruparem em Belarus, diz Ucrânia”*; *“Veja quais medidas já foram*

*tomadas pelos países ocidentais contra a Rússia” e “Zaporizhzhia- conheça a maior usina nuclear da Europa, que os russos tomaram”.*

Em uma das matérias analisadas do site G1 com o título: “A gasolina vai subir no Brasil com a Guerra da Ucrânia?” ocorre aproximação do conflito ao indivíduo brasileiro. Tal questão acaba sendo muito visível no jornalismo em geral, com objetivo de informar de que forma tal guerra pode prejudicar a população, consequência da globalização.

Em um mundo cada vez mais conectado - desdobramento natural dos avanços da globalização - essas relações tendem a traçar um caminho de intensificação. Isso ocorre porque, agora, fluxos de comércio são internacionais e economias adotaram, cada qual com seu grau de abertura, modelos comerciais que dependem em outras nações, seja pelo lado exportador, seja pelo lado importador. Dessa forma, entende-se que a globalização trouxe consigo uma teia de conexão entre nações do globo todo (SALERNO, 2022, p.12)

Em relação às fontes usadas, G1 acaba optando novamente por determinadas fontes, enquanto o restante da população acaba não sendo ouvida. Sendo assim, mesmo em assuntos nos quais o cidadão acaba sendo o mais prejudicado, o meio de comunicação não leva isso em consideração, pois restringe as falas ao sócio-diretor da corretora de commodities Pine, Alê Delara, para falar sobre o preço do combustível e do então presidente, Jair Bolsonaro.

O que se nota em relação a essas matérias é que elas tratam de questões como a política de preço da Petrobrás, assim como algumas questões econômicas. Porém, o meio ambiente acaba sendo ignorado, mesmo porque a matéria não trata dos efeitos que a gasolina pode trazer ao ecossistema, tais como a intensificação do efeito estufa. Ressalta-se também que não são abordadas soluções sustentáveis e que não agridam tanto o ecossistema, apenas saídas para o problema econômico. Afinal de contas, como é afirmado por Loose e De Moraes (2018, p. 121) “[...] Jornalistas possuem normas profissionais, rotinas de produção e critério de noticiabilidade fortemente vinculados a um tempo presente (e não futuro) e às materialidades do cotidiano [...]” ou seja, a prioridade é dada à questão econômica, pois é algo que irá ser afetada de forma quase imediata, enquanto muitas vezes os prejuízos do ecossistema podem demorar a aparecer de forma tão intensa.

Figura 16 - Print da matéria “A gasolina vai subir no Brasil com a Guerra na Ucrânia?”

The image shows a screenshot of a news article from G1. The header includes the G1 logo, the word 'ECONOMIA', and a search bar. The main title is 'A gasolina vai subir no Brasil com a guerra na Ucrânia?'. Below the title is a sub-headline: 'Defasagem de preços da Petrobras chega a 40%, mas governo deve intervir para limitar repasse ao consumidor, segundo especialistas.' There is a 'Por BBC' badge and a timestamp '08/03/2022 20h02 - Atualizado há um ano'. A large photo of an oil refinery is featured. Below the photo is a caption: 'Estados Unidos proíbem importação de petróleo, gás natural e carvão da Rússia — Foto: JN'. The main text starts with: 'Numa semana em que o barril do petróleo bateu em US\$ 139, no maior patamar de preços em 14 anos, e os Estados Unidos anunciaram um boicote às importações de petróleo da Rússia, o consumidor inevitavelmente se pergunta: o preço da gasolina vai subir no Brasil?'. A second paragraph begins: 'Normalmente, a resposta seria direta e reta: sim, pois a Petrobras reajusta seus preços no mercado interno levando em conta a cotação do barril no mercado internacional e a variação do câmbio, já que o petróleo é precificado globalmente em dólares.' To the right of the text is a small advertisement for 'Volkswagen Amarok' with the text 'A picape mais potente da categoria' and a 'Comprar' button.

Fonte - G1 (2022)

Outra matéria observada é intitulada “*Russos tomam a maior usina nuclear da Europa; níveis de radiação não se alteram*”. Nesta matéria, o *G1* aborda o bombardeio russo ocorrido próximo a *Zaporizhzhia*, a maior usina nuclear da Europa, o que fez com que fosse necessário o desligamento do local para evitar um desastre nuclear. Por meio dela, também ocorre um resgate histórico do desastre que aconteceu em Chernobyl, visto que a fábrica também acabou sendo invadida pelos russos no início da Guerra, mesmo com a radiação ainda presente.

Em relação a essa matéria, nota-se o engajamento do repórter e o comprometimento com a temática por meio de outros recursos, por exemplo (BELMONTE, 2020). Há dois vídeos, onde um deles mostra o bombardeio que ocorreu próxima da maior usina da Ucrânia e o repórter contextualizando sobre o assunto para a população. Em outro, o destaque é dado para Chernobyl, onde se discute sobre o possível aumento de radiação no local, ele também faz um resgate histórico em relação ao maior desastre nuclear do mundo. Ainda são relatadas as consequências que a radioatividade trouxe para a cidade, como a criação da Zona de Exclusão e o abandono do local.

Contudo, apesar de usar de recursos com objetivo de tornar as informações mais claras ao leitor, a matéria se restringe a abordar as decorrências as quais afetaram diretamente o homem, como o desenvolvimento do câncer e a morte. A visão antropocêntrica, como é explicado por Solder (2011), coloca o homem como ser privilegiado divinamente,

consequentemente ele deverá ter o destaque sobre todos os demais seres não divinos, como a natureza.

Em uma das partes da matéria é descrito: “Há seis reatores, cada um pode gerar cerca de 950 Megawatts —no total, são cerca de 5,7 Gigawatts (como comparação, a usina hidrelétrica de Itaipu, na fronteira do Brasil com o Paraguai, tem capacidade instalada de 14 Gigawatts)” (G1, 2022). Com isso, o G1 acaba se aproximando do leitor, ao fazer uma comparação com o objeto mais próximo da sua realidade. De acordo com Cicília Peruzzo (2005, p.76): “[...]O conceito de proximidade pode ser explorado a partir de diferentes perspectivas, mas, quando se trata de mídia local e regional, ele se refere aos laços originados pela familiaridade e pela singularidade de uma determinada região, que têm muito a ver com a questão do locus territorial”.

Em outro trecho da matéria, G1 escreve em relação a *Zaporizhzhia* “O complexo fica perto da cidade de Enerhodar, na beira de uma represa no rio Dnieper”. Desta forma, por meio dessas informações, podemos compreender que caso ocorresse algum desastre nesse local em decorrência da invasão russa, não seria apenas o ser humano os prejudicados, mas sobretudo o ecossistema daquele local.

Figura 17- Print da reportagem “Russos tomam a maior usina nuclear da Europa”

The image shows a screenshot of a news article from G1. The header includes the G1 logo, a menu icon, the word 'MUNDO', and a search bar. The main headline is 'Russos tomam a maior usina nuclear da Europa; níveis de radiação não se alteram'. Below the headline, there is a sub-headline: 'A AIEA disse que essa é a primeira vez que há uma guerra em um país que tem uma rede de energia nuclear grande e estabelecida.' The article is attributed to 'Por g1' and dated '04/03/2022 09h06 - Atualizado há um ano'. There are social media sharing icons for Facebook, WhatsApp, and Telegram. The main image is a circular graphic with the G1 logo in the center, surrounded by concentric circles and a red arc. Below the image, there is a caption: 'Veja momento em que prédio da usina de Zaporizhzhia pega fogo após ataque russo'. The article text below the image reads: 'Um bombardeio russo atingiu nesta sexta-feira (4) a região da central nuclear de Zaporizhzhia, a maior da Europa, localizada no centro da **Ucrânia**. Houve um incêndio em um prédio onde os funcionários da usina eram treinados, informou o porta-voz da usina.'

Fonte - G1 (2022)

Em outra reportagem “*Zaporizhzhia: conheça a maior usina nuclear da Europa, que os russos tomaram*”, diferente da matéria anterior, há a explicação de que forma esse tipo de usina

costumava funcionar, o que faz com o que o leitor possa ter mais entendimento sobre o assunto. Chama a atenção ainda o engajamento do repórter, por meio de um vídeo onde são disponibilizadas algumas informações das usinas. Além disso, o G1 expõe um infográfico mostrando a localização da usina atômica tomada pelos russos, fazendo com que ocorra uma aproximação com o leitor, já que por meio dele o leitor pode se localizar.

Apesar de trazerem informações sobre Chernobyl e de outra usina, o G1 mais uma vez descarta os impactos ambientais que podem ocorrer na região, fazendo com que ocorra uma superficialidade da Função Informativa. Em um dos trechos assim é descrito:

O Greenpeace também afirma que há alguns riscos no local que não são relacionados ao conflito: Vulnerabilidade nas perdas de energia elétrica; Armazenamento de elementos combustíveis usados; risco de enchentes e de estouro de barragem. (GUTIERREZ, 2022)

Ou seja, mesmo trazendo elementos como o ‘armazenamento de elementos combustíveis usados; risco de enchentes e de estouro de barragem’, não são descritos os prejuízos ambientais que tais questões podem trazer ao ecossistema, o site apenas faz uma descrição simples, sem tanta informação. Importante observar que a destruição de uma barragem pode trazer resultados negativos, como a contaminação de solo e da água com o derramamento de substâncias como o óleo, o qual pode afetar inclusive animais e vegetações. Sobre isso, Borges (2016) já havia enfatizado que em geral em conflitos armados os danos ambientais são tratados de forma superficial ou simplesmente descartados.

Nessa reportagem, ocorre a predominância de vozes de especialistas. Tal questão se torna notória logo no início da reportagem, quando o jornalista descreve na linha fina:

Para especialistas, o ataque a um prédio perto dos reatores é altamente irresponsável até mesmo em situação de guerra. Na pior das hipóteses, o impacto poderia ser equivalente a 10 vezes o do acidente de Chernobyl, mas a usina de Zaporizhzhia é mais segura. (GUTIERREZ, 2022)

Em geral, o que se observa em relação a reportagens como essas é que as fontes ditas como especialistas acabam se tornando importantes para dar credibilidade a determinadas informações. Ao colocar Ricardo Guterres, o diretor de Radioproteção e Segurança da Comissão Nacional de Energia Nuclear do Brasil para comentar sobre o fato de determinada usina ser mais segura, conseqüentemente, traz mais segurança para a questão, fato que provavelmente não aconteceria ao colocar qualquer outra fonte. Muniz sobre isso explica que (2009, p. 9): “A amplitude do Jornalismo Ambiental manifesta-se na interdependência que estabelece entre os mais diversos conhecimentos e saberes: sua complexidade não permite reduzir os acontecimentos a descrições e análises simplistas.”

No veículo de comunicação *Folha de São Paulo* foram colocadas as seguintes matérias: “*A Alemanha pode se libertar do gás russo*”; “*Ações da Petrobras sobem 3,5% após anúncio do aumento da gasolina*”; “*Ajuste na globalização*”; “*Além de invadir Ucrânia, Rússia pode usar exportações de energia como arma*”; “*Alta de preços de combustíveis poderá inviabilizar rotas, dizem companhias aéreas*”; “*Alta do petróleo deve continuar com sanções à Rússia*”; “*Ataque russo inicia incêndio na maior usina nuclear da Europa, diz Ucrânia*”; “*Ataques russos destroem gasoduto e depósito de combustível na Ucrânia, dizem autoridades*”; “*Biden chama Putin de agressor e anuncia novas sanções contra a Rússia*”; “*Biden proíbe importação de petróleo da Rússia como sanção à guerra na Ucrânia*”; “*Bolsa sobe com altas de petróleo e aço provocadas pela guerra na Ucrânia*”; “*Bolsa tem nova queda e Petrobras sobe após EUA proibir petróleo da Rússia*”; “*Bolsas asiáticas e europeias caem após incêndio em usina nuclear na Ucrânia*”; “*Bolsas nos EUA sobem após Biden anunciar mais sanções contra a Rússia*”; “*Bolsonaro defende que Petrobras reduza lucro para evitar alta nos combustíveis*”; “*Bolsonaro diz que projeto que altera ICMS reduz diesel em R\$ 0,60*”; “*Brasil evita críticas à Rússia em reunião sobre ataque à usina nuclear na Ucrânia*”; “*CNI deve revisar previsão de crescimento para baixo com efeitos da guerra*”; “*Com alta do petróleo por guerra, Pacheco pauta projetos que tentam conter preço de combustíveis*”; “*Com dividendos de mais de R\$ 100 bi, Petrobras se apresenta como 'vaca leiteira'*”; “*Com guerra na Ucrânia, bolsas europeias caem e petróleo passa de US\$ 110*”; “*Comissão do Senado aprova convite para presidente da Petrobras explicar preços do gás*”; “*Como a guerra entre Rússia e Ucrânia afeta a economia do Brasil*”; “*Como a invasão da Ucrânia pela Rússia atingirá a economia global*”; “*Covid na China e guerra derruba petróleo abaixo de US\$ 100 e faz Bolsas recuarem*”; “*Diesel e gasolina da Petrobras têm maior defasagem em 10 anos, diz entidade*”; “*Diesel volta a ter defasagem com nova disparada do petróleo*”; “*Dólar dispara e Bolsa do Brasil cai com guerra na Ucrânia*”; “*É hora de substituir gasolina por etanol*”; “*Entenda as principais sanções do Ocidente contra a Rússia*”; “*EUA atacam empresas da Rússia, mas liberam negócios de petróleo e comida*”; “*EUA aumentam importações de petróleo da América Latina*”; “*EUA avaliam sanções a fluxos de petróleo e gás da Rússia*”; “*EUA e UE discutem proibição de importações de petróleo russo*”; “*EUA pedem à indústria de petróleo aumento na produção para frear inflação*”; “*F1 diz ser impossível manter GP da Rússia em meio à guerra com a Ucrânia*”; “*G7 pede que países produtores de gás e petróleo 'aumentem suas entregas'*”; “*Gás natural vendido a distribuidoras deve subir 30% até agosto*”; “*Gasolina passa de R\$ 10 no interior do Acre*”; “*Gasolina sobe pela segunda semana e já chega a R\$ 8,77 na Bahia*”; “*Gasolina-Preço bate novo recorde e chega a R\$ 8,40 no Maranhão; veja seu estado*”;

*“Gigantes do transporte marítimo se afastam da Rússia e TotalEnergies não vai mais financiar projetos”; “Governo quer cortar tributo de frete para reduzir custo de combustíveis e fertilizantes”; “Europa acerta embargo de petróleo russo”; “Guerra e ano eleitoral são testes para política de preços da Petrobras”; “Guerra econômica contra a Rússia começa a afetar Ocidente”; “Guerra faz equipe econômica temer populismo de Bolsonaro e Congresso nos combustíveis”; “Guerra na Ucrânia agrava inflação e desaceleração econômica no Brasil”; “Guerra na Ucrânia pode encarecer painel solar, diz setor”; “ataques da Rússia afetam cotação do petróleo”; “Kiev corta gás russo pela primeira vez”; “reunião sobre o imposto acaba sem acordo”; “Ministros acusam Guedes de 'enrolar' e cobram medidas para baixar combustível por guerra na Ucrânia”; “Na pior crise do petróleo desde 2008, Petrobras segura reajuste”; “'Não defino preço da Petrobras', diz Bolsonaro pouco antes do anúncio de aumento”; “O que fazer com o aumento dos combustíveis”; “Passagens aéreas poderão subir com dólar e petróleo sob efeito da guerra”; “Petrobras aplicou reajustes 13 vezes desde janeiro de 2021, e atual aumento é o maior”; “Petrobras aumenta preço da gasolina em 18,8; diesel sobe 24,9%”; “Petrobras não decidiu sobre ajuste de preços de combustíveis, diz Luna”; “Petróleo dispara mais de 5% e chega a US\$ 102 com guerra na Ucrânia”; “Petróleo é commodity com maior efeito sobre inflação no Brasil”; “Petróleo passa de US\$ 105 após invasão russa à Ucrânia”; “Petróleo sobe para nível de inflação séria, mas boicote americano não causa colapso”; “Petróleo tem forte queda com avanço no diálogo entre Rússia e Ucrânia”; “Petróleo volta a disparar com novas sanções contra a Rússia no radar do mercado”; “Petróleo, gás e ouro disparam e Bolsas tombam por guerra na Ucrânia”; “Poluição verde”; “'Por que preocupação é com petróleo e não com trigo', questiona ex-diretor da ANP”; “Preço da gasolina chega a quase R\$ 8 na Bahia”; “Preço da gasolina é alvo de fiscalização do Procon nesta sexta em São Paulo”; “Preço da gasolina volta a subir nos postos brasileiros, diz ANP”; “Preço do combustível de navegação dispara e deve pressionar frete de cargas”; “Preço do petróleo vai continuar subindo com crise inédita”; “Preços da Petrobras afetam importação de combustíveis, indústria recua e o que importa no mercado”; “Presidente da Latam diz que guerra na Ucrânia vai elevar preço de passagem aérea”; “Reino Unido taxa setor de energia para ajudar famílias”; “Rússia ameaça cortar gás para Europa e fala em barril a US\$ 300; preços disparam”; “Rússia anuncia corte no fornecimento de gás à Finlândia”; “Rússia x Ucrânia-quais sanções estão sendo impostas à Rússia e o que mais pode ser feito”; “Saiba como economizar gás de cozinha após o aumento da Petrobras”; “Saiba o que outros países fazem para segurar o preço dos combustíveis”; “Sanções internacionais contra a Rússia dificilmente salvarão a pátria”; “Senado inclui em*

*MP benefício para empresa de fertilizante que usa gás natural*”; *“Será que a guerra na Ucrânia tirará dos trilhos a transição para a energia verde*”; *“Shell deve faturar US\$ 20 milhões com negócio polêmico de petróleo russo*”; *“Subsidiar preço dos combustíveis prejudica abastecimento, dizem petroleiras*”; *“Técnicos do TSE rejeitam responder a consulta de governo sobre redução de combustíveis*”; *“Teremos menos voos com esse aumento no preço do combustível, diz presidente da Azul*”; *“Tropas da Rússia tomam maior usina nuclear da Europa, na Ucrânia*”; *“UE aprova novo pacote de sanções contra Rússia*”; *“UE se prepara para garantir energia em meio a guerra na Ucrânia*”; *“UE subsidiará preços de combustíveis em meio a crise na Ucrânia”* e *“Unidade da UE contra Rússia 'começa a ruir', diz ministro”*.

Na matéria *“Ataques russos destroem gasoduto e depósito de combustível na Ucrânia, dizem autoridades”*, o veículo apresenta uma reportagem limitada, afinal de contas, o que temos são apenas informações sem tanto aprofundamento sobre a temática, se limitando a trazer o conhecimento do fato. Ou seja, o site de notícias não explica ao leitor o que seria o gasoduto e nem mesmo como ele funciona e suas consequências ambientais. Bianco (2019, p.23) em sua monografia *“Planejamento, implantação e operação de gasodutos: impactos ambientais e medidas mitigadoras”* relata alguns impactos sobre esse sistema, como podemos observar a seguir:

Os impactos mais frequentes durante a fase de implantação foram observados o desencadeamento de processos erosivos, a redução da cobertura vegetal, a perturbação da fauna, a pressão em serviços públicos e equipamentos sociais, a dinamização econômica no local e o aumento da oferta de empregos [...]. A perturbação da fauna e flora ocorre pelos ruídos emitidos durante as obras, pela possível supressão da vegetação e também pelo aumento de pressão de caça, devido aos trabalhadores e pelos gasodutos facilitarem o trânsito de caçadores. Além disso, a implantação dos gasodutos pode ocasionar alterações no setor de turismo, pela degradação da paisagem, por exemplo.

Desta forma, embora possam ocorrer diversos impactos negativos ao meio ambiente, sobretudo no processo de destruição, a *Folha de São Paulo* não explica o fato. Em outro momento, descreve:

Já em Vasilkov, a cerca de 30 km ao sul de Kiev, grandes explosões atingiram um depósito de combustível. Um disparo de míssil russo provocou o incêndio, disse em publicação no Telegram o assessor do Ministério do Interior Pravda Gerashchenko, de acordo com a Agência Nacional de Notícias da Ucrânia.

Ou seja, em nenhum dos episódios o veículo se atenta para a importância de discutir sobre as consequências que tais questões trarão ao ecossistema. No entanto, diferente de muitas matérias, a *Folha de São Paulo* não aborda nem sobre feridos, apenas faz um relato sobre a situação de forma superficial.



Figura 18 - Print da matéria “Ataques russos destroem gasoduto e depósito de combustível na Ucrânia, dizem autoridades”

## Ataques russos destroem gasoduto e depósito de combustível na Ucrânia, dizem autoridades

Ações no quarto dia da guerra sugerem estratégia do Kremlin de danificar infraestrutura energética do vizinho



**SÃO PAULO** Ataques realizados pela Rússia atingiram um gasoduto e um depósito de combustível na [Ucrânia](#) na madrugada deste domingo (27, noite de sábado no Brasil), segundo autoridades ucranianas.

Fonte - Folha de São Paulo (2022)

Já na reportagem “*Saiba o que outros países fazem para segurar o preço combustíveis*”, *Folha de São Paulo* faz uso da Função Informativa de forma bastante tímida no início da matéria, como podemos observar no trecho a seguir:

O aumento do preço do petróleo e seu efeito no preço dos combustíveis e da energia tem provocado uma onda de medidas de contenção ao redor do mundo: governos estão cortando impostos da commodity em um momento em que a opinião pública se sensibiliza em relação aos combustíveis fósseis, um dos responsáveis pela crise climática.

Esse ponto se torna importante em nossa análise, afinal de contas, embora não ocorra com muito aprofundamento, a *Folha de São Paulo* relata que o uso desse tipo de energia traz consequências ao ecossistema, como a crise climática e o aquecimento global.

O destaque da matéria mais uma vez é dado a um especialista, o Reuters Ben Cahill, membro sênior do Programa de Segurança Energética e Mudanças Climáticas do Centro de Desenvolvimento Estratégico e Estudos Internacionais, o qual tem propriedade para falar sobre o assunto. De acordo com Loose, Girardi (2017, p.167):

O entendimento de como o meio ambiente está interconectado e é interdependente já possibilita que pautas mais amplas e complexas possam ser propostas. A incorporação do saber ambiental – e de outros aspectos epistemológicos do campo ambiental – na construção da notícia climática, de forma específica, e de meio ambiente, de forma ampla, permitem que haja aprofundamento das questões, além de despertar os profissionais para sua responsabilidade com a disseminação de um outro olhar – no qual o homem não seja apenas o dominador da natureza.

Outro ponto que nos chama atenção em relação a essa matéria é que as soluções dos problemas são dadas como papéis das autoridades políticas, contudo, é importante mencionar que como é retratado pela Função Política, o cidadão também tem o papel de executar essas tarefas: propondo soluções e debatendo questões que são necessárias no seu cotidiano. Porém, a *Folha de São Paulo* dá voz apenas aos posicionamentos políticos, tratando a questão como exclusiva desse segmento.

Figura 19 - Print da matéria “Saiba o que outros países fazem para segurar o preço dos combustíveis”

## Saiba o que outros países fazem para segurar o preço dos combustíveis

Maioria das medidas é anterior à guerra na Ucrânia, que elevou o preço do barril



**SÃO PAULO** O aumento do preço do petróleo e seu efeito no preço dos combustíveis e da energia tem provocado uma onda de medidas de contenção ao redor do mundo: governos estão cortando impostos da commodity em um momento em que a opinião pública se sensibilizava em relação ao uso de combustíveis fósseis, um dos responsáveis pela crise climática.

Fonte - Folha de São Paulo (2022)

Em outra matéria “*Por que preocupação é com petróleo e não com trigo?*”, *questiona o ex-diretor da ANP*” temos a ligação de duas categorias: a de energia e a de alimentos. Nessa reportagem, a *Folha de São Paulo* faz uma crítica em relação à importância dada ao aumento do preço do combustível, o qual não é visível em relação ao aumento dos preços dos alimentos:

Ele questiona por que não se discute criar mecanismos semelhantes para amenizar o impacto da alta de outras commodities, como soja e trigo, que também subiram por causa do conflito na Ucrânia e afetam mais diretamente as pessoas de menor renda. Zylbersztajn calcula que seriam necessários cerca de R\$ 50 bilhões para reduzir em R\$ 1 o preço da gasolina e mais R\$ 50 bilhões para ter o mesmo resultado no diesel. O valor supera os R\$ 89 bilhões destinados em 2022 ao Auxílio Brasil, substituto do Bolsa Família. Para ele, a única política que se justifica, do ponto de vista social, é um subsídio ao gás de cozinha, ainda assim, focado apenas nas pessoas de baixa renda

É importante observar que, apesar da fonte enfatizar a necessidade de o Governo dar prioridade a questões que envolvem a população de classe mais baixa, a elas não dão prioridade

de fala, pois a única pessoa que apresenta espaço reservado é David Zylbersztajn, professor do Instituto de Energia da PUCRio e ex-diretor-geral da Agência Nacional de Petróleo (1998-2001). Sobre isso Belmonte, Steigleder, Motter (2014, p.9) evidenciam que: “[...]O jornalista deve estar atento a uma abordagem equilibrada em que as vozes acionadas em seu discurso possam ter espaços iguais e, dessa maneira, não corra o risco de se distanciar do interesse público”.

Em um trecho da reportagem, é descrito:

Vamos pegar gasolina a R\$ 7. É o preço de uma passagem de trem no Rio. Ninguém está preocupado com o cara que anda apertado no trem. Em vez de tratar disso, está tratando de quem está sozinho andando de carro. Mesmo no caso do diesel, mais de 80% do transporte rodoviário está nas mãos de grandes transportadoras. Essas empresas têm condições de absorver neste momento esse aumento episódico do diesel. O que eu chamo de fetiche do petróleo tem muito a ver com atendimento eleitoreiro, claramente. É 90% isso, e o resto é boa-fé de algumas pessoas mal-informadas

A matéria em si é focada no aspecto econômico, assim como nos impactos gerais em relação ao homem. *Folha de São Paulo* não aborda, por exemplo, os impactos que o uso do carro traz ao ecossistema, se limitando a discutir outras questões, como a falta de conforto do usuário de transporte coletivo. É importante observar, como é explicado por Dos Santos (2012, p.155), este é um dos inúmeros problemas que a exploração de petróleo pode trazer para o ecossistema;

Os problemas ambientais relacionados à exploração geram impactos ambientais, tais como: riscos de acidentes e derramamentos de óleo; vazamentos; catástrofes; desastres; poluição ambiental; degradação ambiental; desmatamento; impacto sobre ecossistemas marinhos e terrestres; potencial poluidor de praias, de costões rochosos, de manguezais, de águas oceânicas, das águas, dos rios; poluição do ar; estresse ambiental; alteração dos ecossistemas vizinhos; mudanças no ecossistema marinho/ costeiro; superexploração de recursos naturais; impactos na colocação de dutos; pesquisas sísmicas; riscos de vida[...]

Figura 20 - Print da matéria “Por que preocupação é com Petróleo e não com trigo?, questiona ex - diretor da ANP”

## 'Por que preocupação é com petróleo e não com trigo?', questiona ex-diretor da ANP

David Zylbersztajn afirma que benefício tributário deveria ir para área social, não para combustíveis fósseis



Eduardo Cucolo

**SÃO PAULO** As propostas do Congresso e do governo federal para suavizar a alta dos preços do diesel e da gasolina no Brasil mostram um fetiche em relação ao petróleo que é incompreensível em termos de prioridade de gastos e refletem uma preocupação puramente eleitoral.

Fonte - Folha de São Paulo (2022)

Já na última reportagem analisada da *Folha de São Paulo*, intitulada “*Bolsonaro defende que Petrobras reduza lucro para evitar alta nos combustíveis*” temos mais uma vez os impactos que prejudicam diretamente o ser humano tendo uma maior importância midiática. Essa matéria acaba sendo atribuída à Guerra da Ucrânia, pois lista o conflito como um dos motivos pelo qual o combustível tem o seu aumento de preço.

Aqui temos aquilo que Bueno (2007) classifica como a “Síndrome do Zoom ou do Olhar vesgo”. De acordo com o autor, “tem a ver com o fechamento do foco da cobertura, a fragmentação que retira das notícias e reportagens ambientais a sua perspectiva inter e multidisciplinar”. (BUENO, p.37). Com essa retirada, tem-se muitas vezes pouca ênfase no aspecto ambiental, como nessa matéria, onde o foco acaba sendo atribuído apenas em aspecto econômico.

Além disso, novamente, podemos observar que a *Folha de São Paulo* usa de fontes consideradas especializadas e autoridades, enquanto não leva em consideração aqueles que mais serão prejudicados com o aumento do preço do combustível: a população.

Figura 21 - Print da matéria “Bolsonaro defende que Petrobras reduza lucro para evitar alta no combustível”

# Bolsonaro defende que Petrobras reduza lucro para evitar alta nos combustíveis

Presidente alega que medida poderia ser tomada diante de cenário de crise causado por guerra na Ucrânia



**Ricardo Della Coletta**

BRASÍLIA [O presidente Jair Bolsonaro \(PL\)](#) defendeu, nesta quinta-feira (3), que a [Petrobras reduza lucros](#) para evitar uma alta brusca de combustíveis, diante da crise geopolítica causada pela guerra na Ucrânia.

Fonte - Folha de São Paulo (2022)

Portanto, em relação a essa categoria, apesar de ela ser considerada a que apresentou o maior número de matérias quando somados os dois periódicos, o excesso de notícias a respeito pode ser justificado pelo aumento do preço do combustível no país, onde uma das principais causas listadas era a Guerra da Ucrânia. Sendo assim, o que se nota em relação a essa categoria é o pouco destaque dado aos aspectos ambientais e uma maior evidência ao aspecto econômico. Porém, ressalta-se nessa categoria que algumas reportagens abordam a crise climática e o aquecimento global, chamando a atenção para o fato de que o uso intenso do combustível pode trazer grandes impactos ao meio ambiente.

#### 4.1.4- Poluição

Entre as categorias observadas, a poluição foi a segunda mais explorada quando somados os dois sites, com cerca de 28,29% do montante total. Entre as 88 matérias, 35 foram do site G1 e 53 da *Folha de São Paulo*. Nessa categoria ainda foram colocadas as armas usadas no conflito, afinal de contas, essas armas trazem poluição para o ecossistema. Contudo, como será visto posteriormente, tal elemento muitas vezes foi desconsiderado nas reportagens.

As reportagens do site G1 inseridas nessa categoria foram as seguintes: “*Caças russos invadem espaço aéreo da Suécia; EUA advertem contra guerra nuclear*”; “*Entenda o que são as bombas de fragmentação*”; “*‘Este é um ato de guerra’, diz Embaixada da Ucrânia no Brasil*”

sobre invasão russa”; “Estratégia militar da Rússia na Ucrânia- o que já aconteceu até aqui”; “EUA anunciam envio de US\$ 200 milhões em armas e equipamentos à Ucrânia”; “Exército da Ucrânia está respondendo a ataques russos, diz Zelensky; militares dizem que há pelo menos 50 soldados russos mortos”; “Governo americano anuncia ajuda militar de US\$ 350 milhões para a Ucrânia”; “Guerra na Ucrânia completa 1 mês”; “Guerra na Ucrânia: Veja fotos”; “Guerra na Ucrânia -como sobrevivi a bomba de 500 kg que atingiu teatro de Mariupol”; “Guerra na Ucrânia-especialistas citam perigo das armas nucleares táticas”; “Guerra na Ucrânia- Minha cidade está sendo bombardeada, mas minha mãe na Rússia não acredita em mim!”; “Guerra na Ucrânia- Putin pode apertar o botão nuclear”; “Guerra na Ucrânia-Rússia invade o país por terra, ar e mar; 137 foram mortos, e 316 estão feridos”; “Guerra na Ucrânia-veja os principais acontecimentos do 22º dia de conflito”; “Guerra na Ucrânia-veja os principais acontecimentos do 27º dia de conflito”; “Jornalista brasileiro faz relato sobre os primeiros momentos do ataque russo à Ucrânia”; “Mapa mostra locais da Ucrânia que foram bombardeados pela Rússia”; “Mariupol-4 motivos que explicam importância da cidade ucraniana para Putin”; “‘Não podemos entrar em uma guerra mundial e com armas nucleares’, diz ex-secretário geral da Otan”; “O que é a bomba termobárica, arma que Rússia pode ter usado na Ucrânia”; “O que são armas químicas e biológicas que Rússia e Ucrânia se acusam mutuamente de possuir”; “Otan se prepara para cenário em que a Rússia use armas químicas, biológicas ou nucleares na Ucrânia; G7 amplia sanções”; “Pesquisadores alertam sobre o perigo das armas nucleares táticas ‘têm urânio, plutônio, emitem radiação’”; “Por que Putin ainda não dominou o espaço aéreo ucraniano”; “Qual é a chance de um desastre nuclear em meio à guerra na Ucrânia”; “Resolução da ONU- por que China, Índia e Emirados Árabes se abstiveram”; “Rússia atacou a Ucrânia com 56 foguetes e 113 mísseis, diz Zelensky; tropas russas estão a 30 km de Kiev”; “Rússia bombardeia escola de arte onde estavam abrigadas 400 pessoas, diz conselho municipal de Mariupol”; “Rússia inicia operação de invasão à Ucrânia”; “Rússia invade Ucrânia\_ 10 questões para entender a crise”; “Rússia x Ucrânia, uma disputa desigual”; “Rússia x Ucrânia\_ entenda o conflito”; “Rússia x Ucrânia\_ quais as chances de conflito se transformar em Guerra Mundial”; “Tropas russas cercam Kiev, e Rússia se diz disposta a negociar”; “Ucrânia divulga novo balanço de soldados russos mortos durante invasão” e “Veja como era Mariupol antes dos bombardeios russos”.

Em uma das matérias analisadas do site que apresenta o título “Entenda o que são as bombas de fragmentação” podemos observar novamente que os impactos ambientais não são entendidos como prioridade. Esta questão pode ser vista no tópico a seguir, onde o site, ao

conceitualizar o que seriam essas armas, não informa se o seu uso causa prejuízo ao ecossistema e, se causa, quais são:

De acordo com o Comitê Internacional da Cruz Vermelha, as bombas de fragmentação (também chamadas de "cluster") são armas compostas por uma caixa que se abre no ar e espalha inúmeras submunições explosivas ou sub-bombas. Elas têm capacidade de serem dispersadas por amplas áreas. [...]A grande preocupação é que a maior parte das submunições deveria explodir no momento do impacto. Porém, um alto número de submunições falha e não explode. E, então, as submunições não detonadas explodem quando manuseadas ou deslocadas, representando um grave perigo aos civis. Essas munições menores podem ficar adormecidas, e são capazes de serem detonadas muitos anos após o fim do conflito.

Desta forma, se constata que G1 acaba focando nas consequências que o uso de tal arma pode trazer ao ser humano, como observado quando a matéria dá ênfase em um trecho que ela (a arma) apresenta um grande perigo aos soldados civis. É inegável que questões como estas acabam sendo necessárias e importantes, sobretudo devido à sua contextualização. Porém, chama a atenção o fato de que não foram encontrados relatos e informações sobre as consequências ambientais que tal arma traz ao meio ambiente nem mesmo nos sites de buscas.

Em relação à fonte, se percebe que G1 opta em usar Steve Goose, diretor da divisão de armas da Human Rights Watch e presidente da Coalizão Contra Munições Cluster. Ou seja, mais uma vez o destaque é dado a especialistas sobre o assunto, como enfatizado por Loose e de Moraes (2018, p.115): “No caso específico de riscos, as fontes com expertise dominam as vozes das notícias que envolvem ameaças ou incertezas[...].”

Figura 22- Print da matéria “O que são as bombas de fragmentação, que os EUA fornecerão para a Ucrânia”

Munição é proibida em mais de 110 países por seu alto poder de destruição.

Por g1  
07/07/2023 17h53 · Atualizado há 3 meses

Edição das 17h  
444 views

**GUERRA NA UCRÂNIA: CONFLITO COMPLETA 500 DIAS**

LEIADAM NO GRANDE RECIFE | EUA MANDAM PARA UCRÂNIA BOMBAS FRAGMENTADAS

Guerra na Ucrânia: EUA quer enviar arma proibida em mais de 100 países

Após semanas de ponderações, os Estados Unidos anunciaram nesta sexta-feira (7) que **irão fornecer bombas de fragmentação** para o exército da **Ucrânia**. O equipamento, conhecido por sua alta capacidade de destruição, pode ser um diferencial poderoso na contraofensiva do país contra a Rússia.

Fonte - Folha de São Paulo (2022)

Em outra matéria, "*Guerra na Ucrânia: como sobrevivi a bomba de 500 kg que atingiu o teatro de Mariupol*" o foco é dado aos sobreviventes do ataque ao teatro Mariupol, com relatos sobre o que eles estavam fazendo no momento, o que sentiram e fizeram posteriormente ao desastre. Uma das primeiras fontes é uma professora de 27 anos chamada Mariia Rodionova, que fugiu do seu apartamento com dois cachorros e estava abrigada no local há cerca de 10 dias. Em um dos seus relatos é assim descrito:

Naquela manhã, ela pegou alguns restos de peixe de uma cozinha ao ar livre para alimentar seus cães, mas depois percebeu que eles não haviam bebido água. Então, por volta das 10h, ela amarrou seus cachorros nas suas malas e foi em direção à entrada principal, onde uma fila estava se formando para água quente. Foi quando a bomba caiu. Ouviu-se o som de um estalo alto. [...]

Ou seja, por meio dessa reportagem, vimos a importância dada à professora e aos seus animais. Dessa forma, apesar de inicialmente se acreditar que o meio de comunicação não iria nos informar sobre o que houve com os cães, quase no final da matéria, intercalado com outros relatos é dito: “Após as explosões, ela não conseguiu encontrar seus cães, o que foi desesperador: "Para mim", disse ela, "meus cães eram mais importantes do que tudo””. Portanto, apesar do final trágico onde a professora foi obrigada a fugir sem informação sobre os cachorros, ao fazer isso, a notícia veiculada pelo G1 rompe um pouco com a ideia do



antropocentrismo defendido por Pedro Maia (2011), onde em contextos armados apenas o homem deve ter prioridade.

Em relação às fontes usadas nessa reportagem se observa que elas são focadas nas pessoas comuns, ou seja, nos cidadãos que viveram o desastre e em seus relatos. Não foram encontrados posicionamentos de autoridades políticas e especialistas, algo pouco comum em relação a grande parte das análises.

Figura 23- Print da matéria “Guerra na Ucrânia: Como sobrevivi a bomba de 500kg que atingiu teatro de Mariupol”

The image shows a screenshot of a news article from G1. The header includes the G1 logo, the word 'MUNDO', and a search bar. The main title is 'Guerra na Ucrânia: como sobrevivi a bomba de 500 kg que atingiu teatro de Mariupol'. Below the title is a sub-headline: 'A BBC fala com sobreviventes do ataque ao teatro Mariupol, que descrevem pela primeira vez o que aconteceu.' There is a small red 'BBC NEWS' logo and a timestamp '24/03/2022 16h22 - Atualizado há um ano'. A photo shows a woman with glasses and a dark jacket looking towards a body of water. Below the photo is a caption: 'Maria, que era voluntária na Cruz Vermelha Ucraniana, tentou ajudar os feridos no ataque, mas seu kit médico dentro do teatro — Foto: BBC'. To the right of the photo is a small graphic with a grid pattern. Below the photo is a paragraph of text: 'Enquanto a cidade portuária de Mariupol estava sendo reduzida a escombros por bombas russas, centenas de civis, principalmente mulheres e crianças, foram se esconder em um teatro perto da orla, um grande edifício da era soviética.'

Fonte - G1 (2022)

Em outra matéria analisada veiculada pelo site G1 intitulada “*O que são armas químicas e biológicas que Rússia e Ucrânia se acusam mutuamente de possuir?*”, o meio de comunicação aborda elementos importantes para a contextualização do leitor, tal como sua funcionalidade, seu surgimento e outros momentos em que esses armamentos foram usados historicamente. De acordo com Loose (2010, p.38)

Quando se fala sobre os fatores atualidade e instantaneidade, características pontuais do jornalismo, também se devem fazer ressalvas: a pauta ambiental é complexa, exige investigação de conceitos, problemáticas e conflitos; portanto não deve ser baseada só no factual. O imediatismo e a corrida pelo 'furo jornalístico' limitam as possibilidades da construção de uma matéria contextualizada, deixando - as focadas apenas no evento esporádico, ou, nas consequências [...]

Além de se atentar em uma boa contextualização, garantido o melhor conhecimento daqueles que não entendem sobre o assunto, o G1 explica que as armas biológicas, que

normalmente são vírus ou fungos, podem ser usadas para contaminar alguns elementos naturais como a água e o ar. Entretanto, em relação às armas químicas, por outro lado, são descritas apenas as ações que elas podem causar sobre o ser humano, mesmo que os agentes químicos sejam colocados em bombas, mísseis ou dentro de artilharia mais leve. Devemos observar que tais armamentos acabam se tornando prejudiciais ao ecossistema, sendo, muitas vezes, necessários vários anos para que o meio ambiente consiga se recuperar.

Figura 24- Print da matéria “O que são armas químicas e biológicas que Rússia e Ucrânia se acusam mutuamente de possuir?”

The image shows a screenshot of a news article from G1. The header includes the G1 logo, the word 'MUNDO', and a search bar. The main title is 'O que são armas químicas e biológicas que Rússia e Ucrânia se acusam mutuamente de possuir?'. Below the title is a sub-headline: 'Devido aos terríveis efeitos no corpo humano e a facilidade com que atingem civis, a produção, estocagem e uso de armas químicas são proibidos por acordos internacionais.' The article is attributed to 'Por BBC' and dated '12/03/2022 07h38 - Atualizado há um ano'. There are social media sharing icons for Facebook, WhatsApp, and Telegram. Below the text is a video player showing a news anchor speaking. The video has a red 'URGENTE' banner and a subtitle: '16º DIA DE GUERRA NA UCRÂNIA - FRIO AGRAVA CRISE HUMANITÁRIA; KHARVIV TEM PREVISÃO DE -19°'. Below the video is a small text box: 'Brasil pede verificação independente de denúncias russas sobre armas químicas na Ucrânia'. To the right of the text box is a placeholder image with a grid pattern and a vertical scrollbar.

Fonte - G1, 2022

As reportagens colocadas nessa categoria pertencentes a *Folha de São Paulo* são as seguintes: “*A agressão russa*”; “*Ação russa na Ucrânia avança pouco, mas bombardeios persistem em dia de negociações*”; “*Acordei com o barulho das bombas, diz brasileiro na Ucrânia; veja vídeo*”; “*Alemanha, França e Holanda vão enviar armas para Ucrânia se defender da Rússia*”; “*Ataque da Rússia a base militar da Ucrânia perto da Polônia deixa 35 mortos*”; “*Bomba termobárica, acordos de Minsk-Veja glossário da guerra na Ucrânia*”; “*Bombardeios em Donestk, cidadãos em fuga de Kiev e o drama dos refugiados; veja fotos da guerra na Ucrânia*”; “*Bombardeios russos atingem Kiev no 19º dia da guerra na Ucrânia; veja fotos do conflito*”; “*Brasileiros na Ucrânia ouvem explosão, vão para abrigo antibomba e tentam sair do país*”; “*Caças russos invadem espaço aéreo da Suécia; EUA advertem contra guerra nuclear*”; “*China evita criticar Rússia, e relação entre Putin e Xi será cobrada*”; “*China faz manobra militar como 'alerta solene' aos EUA*”; “*Como as armas doadas por*

*outros países chegarão à Ucrânia”; “Compare o arsenal nuclear de Rússia, EUA e outros em meio à guerra na Ucrânia”; “Conheça as armas usadas por Rússia e Ucrânia na guerra”; “Dependência militar leva Índia a se abster de críticas à Rússia na guerra da Ucrânia”; “EUA rejeitam caças da Polônia para a Ucrânia e fazem patrulha com bombardeiro nuclear”; “Europa oferece caças à Ucrânia depois de Putin colocar forças nucleares em alerta”; “Guerra da Ucrânia -Pacote militar alemão prioriza caças”; “Guerra da Ucrânia\_ quão factível é o uso de arma nuclear”; “Guerra da Ucrânia-Rússia e China dão recado a Biden”; “Guerra na Ucrânia entra na 4ª semana sem trégua em bombardeios”; “Guerra na Ucrânia muda de estágio com novas armas e ataque hacker”;” Guerra na Ucrânia tem dia mais destrutivo para Kiev; veja fotos do sexto dia de conflito na Europa”; “Guerra na Ucrânia-EUA ganham com nova corrida armamentista”; “Guerra na Ucrânia -O que são mísseis hipersônicos, que a Rússia diz ter usado”; “Imagens mostram impacto de bombardeios russos na Ucrânia; veja antes e depois”; “Invasão da Ucrânia é ilegal, imoral e burra”; “Kiev amanhece com bombardeios russos no 21º dia da guerra na Ucrânia; veja fotos do conflito”; “Líderes do Leste Europeu viajam à capital da Ucrânia, alvo de novos bombardeios”; “Maratona de tatuagens arrecada dinheiro para Forças Armadas da Ucrânia”; “Moscou tem calma, policiamento reforçado e restrições no mercado financeiro”; “‘O Bombardeio’ cruza histórias da Segunda Guerra e lembra conflito na Ucrânia”; “O engole-vento, o bicho-preguiça e os bombardeios russos a Kiev”; “O que sabemos sobre a guerra na Ucrânia”; “Os 3 erros cometidos pelo Ocidente”; “Por que Ucrânia abriu mão de arsenal nuclear nos anos 1990”; “Putin anunciou ataque à Ucrânia enquanto ONU debatia a crise”; “Putin avança para isolar Ucrânia do mar, e Kiev volta a ser bombardeada”; “Putin inicia guerra contra a Ucrânia; Kiev e Otan falam em invasão total”; “Putin pode usar uma arma nuclear tática na guerra contra a Ucrânia”; “Quando Putin colocou arsenal nuclear em alerta, Biden escolheu não provocar”; “Rússia ameaça atacar envio de armas para a Ucrânia e diz que garantias exigidas antes não valem mais”; “Rússia bombardeia centro de Kharkiv, e comboio ameaça capital da Ucrânia”; “Rússia diz usar nova arma a laser na Ucrânia”; “Rússia e EUA trocam acusações sobre armas biológicas na Ucrânia em sessão da ONU”; “Rússia faz exercícios com forças nucleares após ordem de Putin de alerta máximo”; “Rússia faz novo teste de míssil hipersônico Zircon; vídeo”;” Russos atacam centro de Kiev e começam batalha para dominar a Ucrânia”; “Tigre de papel”; “Ucrânia acusa Rússia de bombardear maternidade no sul do país”; “Ucrânia- 7 mapas para entender a guerra” e “Veja qual o tamanho das forças militares de Rússia, Ucrânia e Otan”.*

Uma das matérias analisadas é intitulada “*Brasileiros na Ucrânia ouvem explosão, vão para abrigo antibomba e tentam sair do país*”, o site se atenta a trazer reportagens com relatos de brasileiros que estavam naquele local. Ao fazer isso, a *Folha de São Paulo* aproxima o conflito da realidade dos brasileiros, pois faz com que imagine o que faria caso fosse a pessoa ou algum familiar naquele ambiente. Tal questão acaba sendo observada sobretudo em jornais regionais, que tem como uma das funções, como é apontado por Dornelles (2012, p.28): “Constituir-se como complemento à experiência cotidiana dos seus leitores, completando-a através da informação disponível, quer sobre a realidade mais próxima, quer sobre os acontecimentos mais distantes”.

Como explicado anteriormente, o foco da matéria é dado sobre a vivência dos brasileiros no local. Este tipo de fonte é importante, afinal de contas, em geral, o Jornalismo de Guerra foca em fontes da elite e oficiais, onde se nota o reforço em falas com o objetivo de determinar o lado certo e errado no conflito. Ao colocar a ênfase em testemunhas, se destacam efeitos invisíveis da violência, como traumas, danos à estrutura e à cultura em relação aos afetados pelo conflito. (CABRAL, SALHANI, 2017)

Figura 25- Print da matéria “Brasileiros na Ucrânia ouvem explosão, vão para abrigo antibomba e tentam sair do país”

GUERRA NA UCRÂNIA · RÚSSIA

# Brasileiros na Ucrânia ouvem explosão, vão para abrigo antibomba e tentam sair do país

Postos de gasolina, supermercados e estradas estão lotados; paraense acordou com barulho de bombas



**Flávia Mantovani**

SÃO PAULO "Começou a guerra". Brasileiros que vivem na Ucrânia acordaram na manhã desta quinta-feira (24) com mensagens como essa, [barulhos de explosões](#) e sirenes de alarme de bombardeio.

Fonte - Folha de São Paulo(2022)

Em outra matéria observada da *Folha de São Paulo*, “*Rússia e EUA trocam acusações sobre armas biológicas na Ucrânia em sessão da ONU*”, encontramos o mesmo foco daquela do G1, onde são destacados o uso de armas consideradas ilegais no conflito armado. Assim como visto na matéria veiculada pelo site do grupo O Globo, foram encontradas poucas evidências da Função Informativa descrita por Bueno (2007), como podemos observar no seguinte trecho:

Durante a sessão, a diplomacia russa afirmou possuir documentos que comprovariam a existência de 30 laboratórios nos quais armas biológicas seriam desenvolvidas no território ucraniano, em cidades como a capital Kiev e Odessa, importante área portuária. Neles, estariam sendo armazenados e desenvolvidos patógenos causadores de doenças como a cólera. Os espaços também fariam parte de um programa militar introduzido por Kiev com apoio do governo americano, segundo o representante russo na ONU, Vasili Nebenzia. A ideia, disse ele, seria disseminar os patógenos por meio de hospedeiros como morcegos e aves migratórias.

Ou seja, embora uma das autoridades políticas enfatize que estão sendo desenvolvidas armas biológicas, onde a sua disseminação ocorreria por meio de morcegos e aves migratórias, não é descrito o que poderia ser causado nestes animais, por exemplo. Temos uma cobertura simplista, focada em acusações de autoridades políticas, enquanto se descartam as consequências que o uso dessas armas poderia ter sobre o ecossistema. Em contraponto, diferente do que ocorreu na cobertura do site G1, não são explicadas o que seriam as armas químicas e biológicas, que muitas vezes é usada como sinônimo pela *Folha de São Paulo*. Para Belmonte, Steigleder e Motter (2014), o Jornalismo Ambiental deve contextualizar o fato e explorar diversas opiniões, mostrando o seu envolvimento com o fato.

Ressalta-se, no entanto, um infográfico disponibilizado pela *Folha de São Paulo* como complemento da opinião de uma autoridade política, que aborda a tomada das tropas russas das usinas nucleares de Tchernóbil e Zaporíjia, como preocupante. Nele, encontramos o engajamento do repórter, pois é possível observar a preocupação do jornalista em trazer informações de forma mais compreensível, fazendo uma retomada de alguns elementos importantes e necessários para o entendimento até daqueles que não acompanham a guerra. Também é disponibilizado outro aspecto visual com o objetivo de contextualização de quais áreas já foram afetadas pelo conflito, o que faz com que o leitor possa se localizar geograficamente. Bacchetta (2000), nesse contexto, traz o engajamento do repórter como necessária, onde ele demonstra a sua preocupação com a temática e contribui com mudanças ambientais.

Em um dos trechos da matéria, encontramos a Função Informativa descrita por Bueno (2007) de forma superficial, em uma opinião de uma autoridade política, como podemos

observar no trecho a seguir: "Qualquer acidente envolvendo as usinas teria consequências sérias para a população e o ambiente. É preciso que aqueles no controle das estruturas assegurem sua manutenção e operação segura". Ou seja, não é descrito o que isso causaria ao ecossistema, no entanto, ainda assim não podemos dizer que o meio ambiente acabou sendo totalmente desconsiderado, mas que foi relatado de forma que pudesse levantar a discussão e consequente reflexão sobre o tema.

Figura 26 - Print da matéria “Rússia e EUA trocam acusações sobre armas biológicas na Ucrânia em sessão da ONU”

GUERRA NA UCRÂNIA · RÚSSIA

## Rússia e EUA trocam acusações sobre armas biológicas na Ucrânia em sessão da ONU

Conselho de Segurança debateu assunto; Brasil se esquivou de críticas a Moscou, tecidas por países como França e Reino Unido



**GUARULHOS** As constantes acusações do governo de Vladimir Putin de que os EUA estariam usando a Ucrânia como território para testes de armas químicas —[algo descrito por Washington como absurdo](#)— chegaram às altas esferas da ONU. A pedido de Moscou, o Conselho de Segurança debateu o assunto em sessão nesta sexta-feira (11).

Fonte - Folha de São Paulo, 2022

Na matéria “*Imagens mostram impacto de bombardeios russos na Ucrânia; veja antes e depois*” temos o comprometimento do repórter com a temática, afinal de contas, a *Folha de São Paulo* disponibiliza materiais para que o leitor possa compreender elementos importantes sobre o conflito como as motivações por trás da guerra. Além disso, são disponibilizadas fotos comparativas entre alguns locais antes da guerra.

Apesar disso, o que se nota é que a *Folha de São Paulo* dá prioridade apenas para as consequências que determinado conflito trará para o homem. Em um dos trechos da matéria, por exemplo, está escrito: “Kharkiv, segunda maior cidade da Ucrânia, fica a 450 km de Kiev.

O centro foi atingido por mísseis na terça (1º), dia em que o saldo registrado pelo governo ucraniano foi de 10 pessoas mortas e 35 feridas.”

Apesar da matéria trazer alguns bombardeios que ocorreram por alguns locais do país, assim como a quantidade de morte, em nenhum ponto da matéria é abordado os impactos ambientais que esses bombardeios podem trazer para o ecossistema e nada é dito sobre os animais. Segundo Loose (2010, p.23):

Por meio de técnicas do campo jornalístico, das circunstâncias de produção da informação (pautadas sempre pelo curto tempo), dos julgamentos feitos pelos jornalistas sobre o que é importante e o que pode ser desprezado, esses profissionais rotinizam a elaboração das notícias e divulgam as representações de um grupo seletivo, rodeado por interesses econômicos, políticos e de ascensão e reconhecimento profissional, moldados por critérios de noticiabilidade, normas editoriais e repertórios de conhecimento pessoais. Tais construções, por circularem cotidianamente e a todo momento, são assimiladas - umas com mais e outras com menos força - pelos seus receptores, que acabam por entendê-las como resultado de uma realidade.

Figura 27- Print da matéria “Imagens mostram impacto de bombardeios russos na Ucrânia”

GUERRA NA UCRÂNIA

## Imagens mostram impacto de bombardeios russos na Ucrânia; veja antes e depois

Guerra passa de uma semana com operações militares de Moscou em diversas cidades do país vizinho



**SÃO PAULO** A [guerra na Ucrânia](#) entra em sua segunda semana com um rastro de destruição [das cidades portuárias de Mariupol e Kherson, ao sul, à capital Kiev, mais ao norte](#). Além de bombardeios diários dos russos, os combates deixam tanques em chamas pelo caminho, infraestruturas desabilitadas pelos próprios ucranianos, na tentativa de retardar o avanço dos invasores, e mortes.

Fonte - Folha de São Paulo, 2022

Na última matéria analisada intitulada “*Conheça as armas usadas por Rússia e Ucrânia na Guerra*”, *Folha de São Paulo* traz alguns armamentos usados pelos dois países, alguns herdados na época da União Soviética. Nesse contexto, são apresentados os mísseis usados pelos países e seus alcances, os tanques blindados com a sua velocidade, as artilharias e os navios de guerra.

Em um dos trechos da matéria ainda é dito: “[...] Aqui, a linha vermelha do conflito parece ser a presença do TOS-1, que lança temidos foguetes termo básicos, armas que destroem tudo com uma forte onda de pressão e fogo”, contudo, novamente nada é relatado sobre quais seriam as consequências desses armamentos para o ecossistema. Sobre isso, Bolzani, Leves e Camargo (2023) afirmam que, muitas vezes, os danos ambientais acabam sendo desconsiderados, principalmente quando envolvem disputas por questões estratégicas de poder e de geopolítica.

A *Folha de São Paulo* ainda disponibiliza um infográfico com imagens dos armamentos presentes na Rússia e na Ucrânia com algumas informações sobre eles, contribuindo para um melhor entendimento para o leitor.

Figura 28 - Print da matéria “Conheça as armas usadas por Rússia e Ucrânia na Guerra”

GUERRA NA UCRÂNIA • RÚSSIA • FORÇAS ARMADAS

# Conheça as armas usadas por Rússia e Ucrânia na guerra

Países têm origem comum soviética, mas há diferenças importantes de equipamento

[f](#) [whatsapp](#) [twitter](#) [print](#) [F](#) [comment](#) [more](#)

**Igor Gielow**

**SÃO PAULO** Entrando em sua segunda semana, [a invasão russa da Ucrânia](#) tem um cardápio de itens a serem observados por quem é interessado em minúcias militares.

Fonte - Folha de São Paulo (2022)

Portanto, o que podemos enfatizar sobre as reportagens analisadas nesta categoria é que, embora se tornem destaque devido a sua quantidade, o meio ambiente acaba sendo desconsiderado em muitos cenários. Desta forma, embora seja evidente que tenhamos a poluição atmosférica e a sonora produzidas pelas armas usadas nesse conflito, por exemplo, nenhuma das matérias aborda tais questões. Temos, de forma geral, reportagens focadas em consequências que irão afetar o homem diretamente, como a quantidade de mortes em determinado conflito, enquanto outras questões importantes, como o aquecimento global,



acabam sendo enfocadas de forma muito superficial. Entretanto, ressalta-se a intensa contextualização com objetivo de informar aqueles que não entendem muito sobre o assunto.

#### 4.1.5 – Mineração

Por meio dos números em relação às matérias categorizadas, podemos constatar que essa categoria foi a que apresentou o menor número de matérias, com apenas oito - sendo equivalente a 2,57% do montante total. Destas, sete são pertencentes a *Folha de São Paulo* e uma ao site G1, evidenciando o pouco destaque dado à temática.

A incorporação da categoria mineração nesse trabalho pode ser justificado por Mechi e Sanches (210, p.209):

[...]Muitas vezes, os locais de ocorrência são ambientalmente sensíveis e importantes para a preservação da biodiversidade, dos recursos hídricos, da paisagem ou de demais recursos naturais com função ambiental de grande importância. Por esses aspectos, além da necessidade frequente de escavações vultosas para a retirada do bem mineral, que resultam em grandes volumes de rejeito, é que se vincula a mineração a impactos negativos significativos para o meio ambiente.

É importante observar ainda que no Brasil grandes desastres ambientais foram consequências de atividades mineradoras, como no caso de Mariana, em Minas Gerais, no ano de 2015, local que até hoje não teve sua biodiversidade e seus recursos naturais recuperados.

A única matéria a qual pode ser analisada no site G1 tem como o título “*Guerra na Ucrânia faz disparar cotação do ouro*”. No entanto, assim como acontece em outras reportagens observadas nesta dissertação, o destaque é dado apenas para a questão econômica, não se falando em questões ambientais. Devemos observar que, em relação à mineração, segundo Portella (2015, p. 269):

Uma série de impactos pode ocorrer: aumento da turbidez e consequente variação na qualidade da água e na penetração da luz solar no interior do corpo hídrico; alteração do pH da água, tornando-a, geralmente, mais ácida; derrame de óleos, graxas e metais pesados (altamente tóxicos, com sérios danos aos seres vivos do meio receptor); redução do oxigênio dissolvido dos ecossistemas aquáticos; assoreamento de rios; poluição do ar, principalmente por material particulado; perdas de grandes áreas de ecossistemas nativos ou de uso humano etc

Com isso, o G1 não se atenta à importância de se discutir e debater os riscos ambientais da mineração. Em geral, o que se observa é que realmente só se fala sobre esses riscos quando ocorrem tragédias ambientais. Segundo Loose (2010, p.33)

O drama, o desespero, a perda, a dor e a esperança são elementos que sempre fizeram vender jornais e revistas. Portanto, os desastres ambientais acabam por se mostrar uma bela oportunidade para arrecadar mais lucros e aumentar a visibilidade dos veículos. Não restam dúvidas que esse tipo de cobertura incita o debate público[...]

As fontes usadas pelo site de notícias são Fernando Ferreira, estrategista-chefe da XP Investimentos e a gerente da loja, Camila Silva, ou seja, novamente, o G1 não leva em

consideração a opinião da população. É importante observar que de acordo com Bueno (2007, p.37):

O Jornalismo Ambiental, como o saber ambiental, não diz respeito apenas a questões complexas, que reclamam tecnologias de última geração, mas incorpora soluções simples, de dimensão local. Ele tem a ver com o dia-a-dia das pessoas e, na verdade, só faz sentido quando as inclui no debate, quando possibilita e promove a sua participação no processo de tomada de decisões. O Jornalismo Ambiental não pode, como tem acontecido com relativa frequência, ser veículo dos vendedores de produtos e serviços, quase sempre antagônicos à idéia de proteção e de respeito à qualidade de vida

Consequentemente, podemos constatar que em relação a categoria “mineração”, *GI* apresenta uma matéria tida como superficial, afinal de contas, ele descarta alguns elementos necessários ao Jornalismo Ambiental, como a cidadania ambiental. Sendo assim, mesmo que ele use de articulação de outros campos com a temática, a sua matéria é focada apenas nos impactos econômicos, não relatando, por exemplo, as consequências ambientais que a mineração traz para o ecossistema, assim como dá voz apenas aos especialistas do setor, desconsiderando a posição da população.

Devemos sempre observar a natureza holística do Jornalismo, onde há a interação com diversos outros campos de informação. Porém, deve-se ter cuidado para que ao fazer isso não ocorra apenas a predominância de um setor, enquanto ocorre o descarte do outro. Tal ponto é enfatizado por Loose (2010, p.16) “O Jornalismo Ambiental partindo de um tema específico - mas que é global e abrange todas as demais áreas - visa ser de igual modo transformador, mobilizando seu público por meio de informações qualificadas para a manutenção de um espaço social mais justo e sustentável”.

Figura 29 - Print da matéria “Guerra na Ucrânia faz disparar cotação do ouro”



Fonte - G1(2022)

Em contraponto, na *Folha de São Paulo* foram encontradas sete notícias desta categoria, também se observando o pouco destaque em relação à temática, mas não tanto quanto em relação ao G1. Sendo assim foram colocadas nessa categoria as seguintes matérias pertencentes ao site do Grupo Folha: “*Bolsonaro usa possível falta de fertilizantes da Rússia para defender mineração em terras indígenas*”; “*Grandes empresas do agro condenam o avanço nas terras indígenas*”; “*Guerra na Ucrânia aumenta demanda por ouro*”; “*Cotação avança com guerra; entenda como investir*”; “*Projeto de mineração em terra indígena é crime e chance perdida, dizem empresários*”; “*Projeto favorece empresa acusada de cooptar indígenas para explorar potássio na Amazônia*” e “*Protagonismo de fertilizante na guerra movimenta indústria de mineração no Brasil*”.

A matéria analisada no site é intitulada “*Bolsonaro usa possível falta de fertilizantes da Rússia para defender mineração em terras indígenas*”, onde ocorre uma articulação com diversos campos, entre elas a política, a econômica, entre outras. Em vários momentos, inclusive, Folha de São Paulo em suas reportagens dá maior ênfase na parte econômica.

O jornalismo pode ter seu viés ambiental, sendo agregador de conhecimentos, complexo na essência, responsável na elaboração e didático para a recepção. Não se sustenta apenas com um sistema perito, fragmentado ou cartesiano. As matérias precisam ser integradas e compreensíveis, pois abrangem sempre um público heterogêneo, mesmo em espaços especializados. Numa visão global estes poderiam ser pressupostos da ação jornalística na sociedade e parece não haver outro caminho uma vez que a Comunicação tem, em sua definição, em caráter social. O olhar holístico remete à totalidade, chamando - nos a olhar a realidade articulando as partes

no todo, no qual tudo é um processo dinâmico e único (GIRARDI;MASSIERER;SCHWAAB,2006, p.10)

No entanto, embora o meio ambiente, assim como sua preservação, seja entendido como uma obrigação de todos, como é defendido por Loose (2019), nesta matéria, podemos observar que nem sempre isso acaba sendo um consenso, afinal de contas, o então presidente Jair Bolsonaro defendeu a mineração de terras indígenas como medida necessária. Porém, esta questão traria consequências sérias ao ecossistema, como é relatado pela matéria:

Apesar da fala de Bolsonaro, especialistas no setor apontam problemas na proposta do presidente. Eles dizem que, embora a possível incidência de potássio na Amazônia esteja registrada há décadas, ele se encontra em condições de difícil extração. A atividade de extração na Amazônia representaria danos ambientais de grande impacto.

Ou seja, mesmo que ocorra uma presença tímida da Função Informativa da matéria, afinal de contas, a *Folha de São Paulo* apenas relata que tal ação apresentaria impactos ambientais enormes sem adentrar na questão, o site de notícias interliga essa notícia à matéria “*Avanço de destruição no coração da Amazônia preocupa pesquisadores*” de forma complementar, onde são relatados os impactos ambientais de forma mais complexa. Em um dos trechos é dito “No coração da Amazônia, veias têm sido abertas, cada vez em maior escala, com exploração de madeira, desmatamentos e queimadas. Essa destruição coloca em risco o bloco da floresta amazônica até então mais preservado”. Com isso, podemos entender que a medida defendida por Bolsonaro poderia prejudicar ainda mais a Amazônia.

Retomando a matéria “*Bolsonaro usa possível falta de fertilizantes da Rússia para defender mineração em terras indígenas*”, o qual é o nosso foco nesse momento, se constata que a matéria é focada em autoridades políticas e especialistas, enquanto nem mesmo a opinião de indígenas (um dos prejudicados em relação ao fato) é levado em consideração.

O protagonismo no jornalismo ambiental, como de resto em qualquer campo do jornalismo, não se limita ao pesquisador ou ao cientista, mas inclui, obrigatoriamente, os que estão fora dos muros da Academia (muitas vezes excluídos em virtude de uma situação social injusta), como o povo da floresta, o agricultor familiar, o cidadão da rua” (BUENO, 2007, p.37)

Figura 30- Print da matéria “Bolsonaro usa possível falta de fertilizantes da Rússia para defender mineração em terras indígenas”

# Bolsonaro usa possível falta de fertilizantes da Rússia para defender mineração em terras indígenas

Governo teme impacto da escassez de fertilizantes na agricultura e pressão inflacionária



Ricardo Della Coletta

BRASÍLIA [O presidente Jair Bolsonaro \(PL\)](#) utilizou nesta quarta-feira (2) a possível escassez de fertilizantes causada pela [guerra na Ucrânia](#) para defender a mineração em terras indígenas.

Fonte - Folha de São Paulo (2022)

Portanto, nessa categoria tivemos o menor número de matérias, quando somados os dois periódicos. Ela equivale a apenas 2,57% do montante total. No entanto, apesar de ser pouco explorado pelos meios de comunicação, devemos compreender que a mineração pode trazer muitos prejuízos ao ecossistema, afinal de contas, um possível desastre poderá demorar anos para que o meio ambiente se recomponha. Nessa categoria ressalta-se a natureza holística no Jornalismo Ambiental em relação à matéria da *Folha de São Paulo*, enquanto no site G1 temos a ênfase apenas no aspecto econômico.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta dissertação teve como objeto analisar as características do Jornalismo Ambiental disponíveis nas reportagens sobre os possíveis impactos ambientais na Guerra da Ucrânia nos dois meses iniciais do início do conflito, usando como objetos de pesquisa a *Folha de São Paulo* e o *Site G1*, do grupo *Folha* e do *O Globo*, respectivamente, usando como metodologia a Análise de Conteúdo (AC) de acordo com Bardin.

Ressalta-se a importância dessa pesquisa sobretudo pela pouca evidência dada ao meio ambiente em conflitos armados, onde o foco é são as consequências que afetam diretamente o homem, como questões econômicas e políticas. Em geral, os impactos sobre ecossistema são tratados como poucos relevante e, muitas vezes, descartáveis, devendo ser discutidos apenas posteriormente ao conflito imediato.

Em relação ao Jornalismo Ambiental, entendemos ser como mais do que uma simples especialização. Ele tem como objetivo conscientizar o ser humano a desenvolver hábitos sustentáveis. Dessa forma, é importante que o ser humano compreenda que o meio ambiente é um recurso esgotável e, por isso, não deve ser tratado como algo sem prioridade. Além disso, o Jornalismo Ambiental acaba rompendo com o modelo ideal de imparcialidade, afinal de contas, o seu posicionamento deve ser a favor da preservação do ecossistema.

Levando isso em consideração, foram analisadas 311 matérias, sendo 95 pertencentes ao site *G1* e 216 da *Folha de São Paulo*, que distribuimos nas seguintes categorias: Alimentos, Fauna, Fontes de Energia, Poluição e Mineração. Posteriormente, foram analisadas quatro reportagens de cada um dos sites em cada uma das respectivas categorias, com exceção da “Mineração”, que usou apenas uma reportagem de cada veículo de comunicação devido ao número escasso de matérias, com objetivo de se observar os preceitos do Jornalismo Ambiental.

Em relação à categorização, se constatou que o maior destaque foi dado à categoria *Fontes de Energia*, com cerca de 123 matérias, o equivalente a 39, 54% do montante total, sendo 26 pertencentes ao site *G1* e 97 da *Folha de São Paulo*. A grande quantidade de reportagens associadas a esse assunto é justificada pelo fato de o aumento do preço do combustível ser uma das consequências do conflito entre a Rússia e a Ucrânia. Em relação às *Fontes de Energia*, se observou a importância dada em relação aos aspectos econômicos, assim como prioridade dada às autoridades políticas e especialistas sobre o assunto. Se deve observar que *Folha de São Paulo* acaba dando muito destaque aos aspectos econômicos em suas reportagens.

A segunda categoria mais explorada foi *Poluição*, com 88 matérias, o equivalente a cerca de 28,29% do momento total, sendo 53 da *Folha de São Paulo* e 35 do site *G1*. Nessa categoria foi encontrado grande número de materiais que abordaram os armamentos usados pela Rússia e Ucrânia em contexto de guerra. Contudo, o destaque é dado às consequências que irão afetar diretamente o ser humano, enquanto não são levados em conta os impactos sobre o ecossistema. É importante observar que o uso desses armamentos pode trazer grandes prejuízos para o meio ambiente, como a intensificação do aquecimento global. Por sua vez, poderá demorar anos para que o ecossistema se recomponha, assim como o uso de bombas que contribuirá para o desmatamento. Por fim, ressalta-se que nessa categoria foi observada a importância da contextualização e de informações precisas em relação aos armamentos, assim como a prioridade da fala de testemunhas que estavam em locais de bombardeios.

A terceira categoria com maior número de matérias no período analisado foi *Alimentação*, com 81 reportagens, ou seja 26, 04% do total, sendo 54 pertencentes a *Folha de São Paulo* e 27 ao site *G1*. Em relação a essas reportagens, se constatou muitos materiais que tratavam sobre a falta de fertilizantes devido à guerra. Porém, nos chamou atenção a ausência em relação às consequências desse produto para o ecossistema. Apesar disso, nessa categoria, foram englobados alguns elementos como aquecimento global e mudanças climáticas como motivos do aumento do preço dos alimentos, o qual se torna um elemento importante em nossas análises, pois evidenciam ao cidadão que ele depende do ecossistema e que o cuidado com ele se torna necessário.

Em penúltimo lugar aparece a categoria *Fauna*, com cerca de 11 matérias no total, o equivalente a 3,53% do montante total das análises, sendo seis matérias no site *G1* e cinco na *Folha de São Paulo*. Nas matérias sobre os animais, se observou uma maior evidência dos animais domesticados, dessa forma, os dois sites acabaram dando destaque para a voz da população, assim como a Função Política, onde o cidadão se torna mobilizador em relação ao resgate desses animais.

Em último lugar temos a categoria “*Mineração*” com oito reportagens, o equivalente a 2,57% do montante total, sete pertencentes a *Folha de São Paulo* e uma ao site *G1*. Ou seja, entre as temáticas, essa foi a que apresentou menos destaque quando somados os dois periódicos, porém engana-se aquele que pensa que tal atividade não pode trazer prejuízos ao ecossistema. Desta forma, em relação à mineração destaca-se a pouca evidência em relação ao meio ambiental na reportagem produzida pelo site *G1* onde a ênfase se dá no aspecto econômico, enquanto na *Folha de São Paulo* encontramos a sua interação com diversas áreas, como a política, e elementos como desmatamento e queimadas.

Assim, das 311 matérias analisadas, percebe-se que o esverdear da pauta jornalística proposta por Girardi ainda tem muito a evoluir. Das nossas análises sobre notícias veiculadas nos periódicos analisados sobre a Guerra da Ucrânia, a preocupação com o meio ambiente ainda se encontra em um segundo plano, apesar de que nos surpreendeu em poucas matérias a preocupação com os fatores climáticos e o aquecimento global, frutos do meio ambiente.

Percebemos matérias centradas mais nos critérios de noticiabilidade, como bombardeios imediatos, medo de explosão de usinas nucleares, e notícias que se aproximavam do cidadão brasileiro como aumento do combustível, do pão e relatos de brasileiros na guerra, mostrando a importância do jornalismo de proximidade proposto por Peruzzo e Dornelles.

Mesmo assim, vimos indícios do Jornalismo Ambiental na prática jornalística. A preocupação com o aquecimento global, os fatores climáticos e a visão holística em algumas matérias já nos apontam indícios de que, ainda que timidamente, os traços do “esverdear a pauta” já aparecem no noticiário de mídia nacional.

Como características dominantes na maioria das matérias, percebemos aspectos como o econômico e político se sobressaindo sob as demais especialidades, assim como a concentração de falas em fontes oficiais.

No entanto, em um âmbito geral, finalizamos o trabalho com dados positivos de que, aos poucos e de forma tímida, a mídia nacional têm olhado para as questões de meio ambiente mesmo em um cenário de guerra, onde critérios de noticiabilidade como morte, medo, fatores políticos e econômicos ainda se sobressaem. Há esperanças! E este trabalho nos mostra que o caminho holístico existe e é possível na pauta jornalística.



## 6 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABREU, Miriam Santini. Quando a palavra sustenta a farsa: o discurso jornalístico do desenvolvimento sustentável. **Estudos em Jornalismo e Mídia**, v.3,n.2, Florianópolis : Editora da UFSC, 2006
- AGNEZ, Luciane Fassarerlla. O jornalismo internacional entre mudanças e permanências. **Estudos em Jornalismo e Mídia**, v.12, n.2, p. 314-328, jul/dez. 2015.
- ALMEIDA, Carlos Roberto de Melo. A Grande Guerra (1914-1918) e os Boletins de Júlio Mesquita. *In*: Simpósio Nacional de História, 28, Santa Catarina. **Anais...** Florianópolis:2015. Disponível:[http://www.snh2015.anpuh.org/resources/anais/39/1439572666\\_ARQUIVO\\_AGrandeGuerraeosBoletinsdeJulioMesquita-ANPUH2015.pdf](http://www.snh2015.anpuh.org/resources/anais/39/1439572666_ARQUIVO_AGrandeGuerraeosBoletinsdeJulioMesquita-ANPUH2015.pdf)
- ANTHES, Emily. Atingida pela Guerra na Ucrânia, natureza é vítima silenciosa. **Folha de São Paulo**, 2022. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/ambiente/2022/04/atingida-pela-guerra-na-ucrania-natureza-e-a-vitima-silenciosa.shtml>
- APARECIDO, Julia Mori; AGUILAR, Sergio Luiz Cruz. A guerra entre a Rússia e a Ucrânia. **Observatório de conflitos internacionais**, v.9, n.1, pág 1- 19, 2022
- BACCHETTA, Victor. El periodismo ambiental. *In*: BACCHETTA, Victor (Org.) **Ciudadanía planetaria**. Montevideo: IFEJ/FES, 2000. p. 18
- BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2002.
- BARRAS, Colin. O misterioso destino da vida selvagem em torno de Chernobyl. *In*: **BBC News Brasil**, 2016. Disponível em: [https://www.bbc.com/portuguese/revista/vert\\_earth/2016/04/160426\\_vert\\_earth\\_chernobyl\\_e\\_cologia\\_ml](https://www.bbc.com/portuguese/revista/vert_earth/2016/04/160426_vert_earth_chernobyl_e_cologia_ml)
- BASSANI, Paulo; DE CARVALHO, Maria Aparecida Vivan. Pensando a sustentabilidade: um olhar sobre a Agenda 21. **Desenvolvimento e meio ambiente**, n.9, p. 69-76, jan./jun. 2004.
- BELMONTE, Roberto Villar. **O Jornalismo ambiental**: Três perspectivas em cinco décadas de especialização no Brasil megadiverso.2020. Tese (Doutorado pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Informação) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2020, 257-f.
- BELMONTE, Roberto Villar. Uma breve história do jornalismo ambiental brasileiro. **Revista Brasileira de História da Mídia**, v.6.n.2, 2017, p. 110-125
- BELMONTE, R.; STEIGLEDER, D.; MOTTER, S. Jornalismo ambiental: um discurso sobre risco e limite. C
- BIANCO, Sara. **Planejamento, implantação e operação de gasodutos**: impactos ambientais e medidas mitigadoras. 2019. Monografia (Graduação em Gestão Ambiental) - Instituto Três Rios da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, 2019, 47-f.
- BIATO, Márcia Fortuna. Convenção-Quadro das Nações Unidas sobre Mudança do Clima. **Revista de informação legislativa**, v. 42, n. 166, p. 233 - 252, abr./jun. 2005.

BOLZANI, Bruna MAGUIAREdeiros; LEVES, Aline Michele Pedron; DE CAMARGO, Gabrieli. Vítimas silenciadas: a guerra na Ucrânia e a questão ambiental. **Confluências**, v.25, n.1, pág 169-193 2023

BORGES, Daniel Moura. Léon Ferrari, a Guerra e o Meio ambiente. **Revista de Direito, Arte e Literatura**, v.2, n.1, p.182-198, 2016.

BORGES, Lorena Araújo Oliveira. **Entre a informação e a censura no front**: a guerra perdida dos correspondentes. 2005. Monografia (Graduação no curso de Comunicação Social - Jornalismo) - Faculdade de Comunicação Social e Biblioteconomia, Universidade Federal de Goiás. Goiânia, 2005, 77.f. Disponível em: <https://repositorio.bc.ufg.br/bitstream/ri/4141/5/TCCG%20-%20Jornalismo%20-%20Lorena%20Ara%3%20bajo.pdf>

BUENO, Wilson da Costa. Jornalismo Ambiental: explorando além do conceito. **Desenvolvimento e Meio Ambiente**, n. 15, p. 33-44, jan./jun. 2007

CABRAL,Raquel; SALHANI, Jorge. Jornalismo para a paz: conceitos e reflexões. **E-Compós**, v.20,n.3,2017.

CARDOSO, Márcia Regina Gonçalves; DE OLIVEIRA, Guilherme Saramago; GHELLI, Kelma Gomes Mendonça. Análise de conteúdo: uma metodologia de pesquisa qualitativa. **Cadernos da Fucamp**, v.20, n.43, p.98-111/2021.

CARLOMAGNO, Márcio C; DA ROCHA, Leonardo Caetano. Como criar e classificar categorias para fazer análise de conteúdo: uma questão metodológica. **Revista Eletrônica de Ciência Política**, v.7, n.1, p.173-188, 2016.

CARVALHO, Élvio da Silva. **Jornalismo de Guerra: O caso da imprensa portuguesa**, 2013.Dissertação (Mestrado em Jornalismo) - Artes e letras, Universidade da Beira Interior. Covilhã, 2013, 117f.

CASTILHO, Maria Augusta; SUGUIMOTO, Djmes Yoshkikazu. Chernobyl: a catástrofe. **Vale**, v.12,n.2, 2014.

DA SILVA, Livia Maria Rosa; DE FIGUEIREDO, Vinicius Pereira. Ucrânia: conflito como herança da “cortina de ferro” na Rússia contemporânea. **Observatório de conflitos internacionais**, v.5, n.4, pág 1-7, 2018

DE AGUIAR, Leonel Azevedo. Representações da crise do meio ambiente no jornalismo científico. *In*: Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 28, Rio de Janeiro. **Anais...** Rio de Janeiro, 2005.

DE HOLANDA, Juliana Sampaio Pedroso; KAAPA, Pietari; COSTA, Luciana Miranda. Jornalismo ambiental: características e interfaces de um campo em construção. **Intercom - Revista Brasileira de Ciências da Comunicação**, v. 45, 2022.

DE LIMA, Ivysson Humberto Santos; MELO, Gabriela Tereza Pinheiro; CARNEIRO, Paula Frassinetti Pereira; ANDRADE, Marcos Ely Almeida. Acidente nuclear de Chernobyl: os efeitos biológicos da radiação. **Ciências Biológicas e de Saúde Unit**, v.6, n.1, p.107-120, 2020.

DE MORAES, Cláudia Herte; FANTE, Eliege Maria. Sustentabilidade: do que estamos falando? entender os paradigmas para complexar a pauta. **Jornalismo ambiental: teoria e prática**. Porto Alegre: Metamorfose, 2018, p.51-68

DE MORAIS, Lucas Andrade. Discurso midiático e meio ambiente: análise de discursos ambientais em capas da revista Veja. **Educationis**, v.9, n.2, 2021.

DE SOUZA; Gustavo Henrique Heluane. Nord Stream: o gasoduto russo e sua influência geopolítica na Europa. *In: Politize*, 2023. Disponível em: <https://www.politize.com.br/nord-stream/>

DORNELLES, Beatriz. O futuro dos jornais no interior. **INTRATEXTOS**, Rio de Janeiro, v. 4, n.1, 2012.

DOS SANTOS, Jonathan Christian Dias. O conflito Russo-Ucraniano, disputas geopolíticas e o espaço geográfico: a competição pela hegemonia global. **Boletim de Conjuntura**, v.9,n.27,2022.

FERREIRA, Jociene Carla Bianchini. **Docência universitária: elementos norteadores da prática pedagógica no curso de Jornalismo**. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Uberlândia. Uberlândia, 2013, 254f.

FLICK, U. **Desenho da pesquisa qualitativa**. Porto Alegre: Artmed, 2009a.

GIRARDI, I. M. T.; LOOSE, E. B.; STEIGLEDER, D. G.; BELMONTE, R. V.; MASSIERER, C. A contribuição do princípio da precaução para a epistemologia do Jornalismo Ambiental. **Revista Eletrônica de Comunicação, Informação & Inovação em Saúde**, [S. l.], v. 14, n. 2, 2020.

GIRARDI, I.M.T; MASSIERER, C. SCHWAAB, R.T. Pensando o Jornalismo Ambiental na ótica da sustentabilidade. **UNIrevista**, v.1, n.3, 2006.

HENN, Leonardo Guedes. Os correspondentes de Guerra e a cobertura jornalística da Segunda Guerra Mundial. **Sociais e Humanas**, v.26, n.03, p.670-686, set/dez 2013.

KIRBY, Paul. Guerra na Ucrânia: por que o Dia da Vitória, em 9 de maio, é tão importante para a Rússia. *In: BBC News Brasil*. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-61358320>

LIBERI, Maria Eduarda dos Santos. **Hollywood e Soft Power: O cinema americano como instrumento de propaganda anti-nazista uma análise da Segunda Guerra Mundial**. Monografia (Graduação em Relações Internacionais) - Centro Universitário Curitiba. Curitiba, 2022.52-f.

LOOSE, Eloisa Beling; CAMANA, Ângela. **Observatório Journal**, v.9, n.2, p.119-132, 2015.  
LOOSE, Eloisa Beling; BELMONTE,Roberto Villar. **ACTIVISM IN ENVIRONMENTAL JOURNALISM: how four key moments helped shape an engaged practice in Brazil**. SciELO Preprints, 2023.

LOOSE, Eloisa Beling. Cobertura das mudanças climáticas: percepções de fontes de informação e jornalistas. **Comunicação e inovação**, v. 18, n. 38, p.1-15, set-dez 2017.

LOOSE, Eloisa Beling; DE MORAES, Cláudia Herte. Mudanças do clima (e de pauta!). **Jornalismo ambiental: teoria e prática**. Porto Alegre: Metamorfose, 2018, p.111-124

LOOSE, Eloisa Beling, GIRARDI, Ilza Maria Tourinho. Jornalismo Ambiental sob a ótica dos riscos climáticos. **INTERIN**, v. 22, n. 2, jul./dez. 2017.

LOOSE, Eloisa Beling. **Jornalismo ambiental em revista: das estratégias aos sentidos**.2010. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Informação) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2010, 158-f.

LOOSE, Eloisa Beling. Jornalismo de soluções e mudanças climáticas: estudo sobre a cobertura da mitigação no site brasileiro G1. In: Fernández-Reyes, D. Rodrigo-Cano (Ed.), **La comunicación de la mitigación ante la emergencia climática** (pp. 89-108). Sevilla: Egregius, 2019

MAIA FILHO, Romero Gonçalves. **Conflito entre a Convença sobre a Diversidade Biológica e o Acordo TRIPS**. Brasília: Funag, 2010.

MECHI, Andrea; SANCHEZ, Djalma Luiz. Impactos Ambientais da mineração no Estado de São Paulo. **Estudos avançados**, v.24, n.68, 2010,p.209-220.

MIELNICZUK, Fabiano. **A Identidade como Fonte de Conflito: Ucrânia e Rússia no pós URSS**. In: Contexto Internacional. Rio de Janeiro, vol. 28, nº1, janeiro-junho/2006

MINAYO, M. C. S. O desafio da pesquisa social. In: DESLANDES, S. F.; GOMES, R.; MINAYO, M. C. S. (Org.). **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. Revista e atualizada. 25. ed. Petrópolis: Vozes, 2007. p. 9-29

MORAES, R. Análise de conteúdo. **Revista Educação**, Porto Alegre, v. 22, n. 37, p. 7-31, 1999.

MORETTI, Marco Aurélio Morrone. A ética no jornalismo: o jornalismo em tempos de guerra. **Cenários da Comunicação**, v.3, n. 2004, p.82-102.

MUNIZ, Cristiano dos Santos. **Jornalismo ambiental: conceitos e especificidades**. 2009. Monografia (Graduação em Comunicação Social - Jornalismo) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2009. 77-f

NETO, Antônio Martins de Araújo. O Jornalismo Na Guerra Do Iraque: A Relação Entre Jornalistas, Militares Na Era Dos Repórteres Embutidos. *In*: Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 28, Rio de Janeiro. **Anais...** Rio de Janeiro, 2005.

OLIVEIRA, Kátia Okumura. O discurso dos protetores dos animais e sua imagem na mídia. Dissertação (Mestre em Comunicação e Semiótica) – Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, 2010, 156-f.

PEDRO, Vanessa. **Direto da guerra**: Uma análise da cobertura da Guerra do Iraque no jornal Folha de S. Paulo. Tese (Doutorado em Literatura) – Universidade Federal de Santa Catarina. Santa Catarina, 2007. 209-f.

PEIXOTO, Ana Carolina da Silva. História do Jornalismo de Guerra em importantes conflitos históricos. **Revista Discente Uniflu**, n. 1, v. 1, jul./dez. 2020.

PEREIRA, Bárbara Benedetti; PINHEIRO, Thaina Soares; LUQUE, Vinicius da Costa. **Anexação da Crimeia**: motivações e a operacionalização da crise de 2014. 2021. Monografia (Graduação em Relações Internacionais) - Universidade São Judas Tadeu. São Paulo, 2021. 23-f

PEREIRA, Micael Ferrari; FEISTEL, Mariana dos Santos. Meio ambiente: Guerras e o Meio ambiente. *In*: Mostra Interativa da Produção Estudantil em Educação Científica e Tecnológica. **Anais...** Unijuí, 2022.

PERUZZO, C.M.K.. Mídia regional e local: aspectos conceituais e tendências. **Comunicação & Sociedade**, São Paulo, v. 43, p. 67-84, 2005.

PORTELLA, Márcio Oliveira. Efeitos colaterais da mineração no ambiente. **Revista Brasileira de políticas públicas**, n.3, v.5, 2015.

POTY, Italo Barreto. A Ucrânia independente após a o fim da Guerra Fria: uma análise geopolítica. **Conjuntura Austral**, n.52,v.10, 2019.

SALERNO, Isabella Macchia. **A relação de conflitos militares com os fluxos internacionais de comércio**: uma interpretação do papel da globalização e dos efeitos da guerra da Ucrânia. Monografia (Graduação em Economia) - Insper Instituto de Ensino e Pesquisa. São Paulo,2022,28-f.

SHINAR, Dov. Jornalismo de Guerra e da Paz no Oriente Médio. **Líbero**, n.24, v.12, p.9-20, 2009.

SHINAR, Dov. Reflexões sobre cobertura de guerra pelas mídias: dissonâncias, dilemas e a necessidade de melhorar. **Líbero**, n.32, v.16, p.9-28, jul./dez. de 2013.

SILVEIRA, Denise Tolfo; CORDOVA, Fernanda Peixoto. Unidade 2: pesquisa científica. **Métodos de pesquisa**. Porto Alegre: UFRGS Editora, 2009.

SUGUIMOTO, Djmes Yoshikazu de Lima; DE CASTILHO, Maria Augusta. Chernobyl - A catástrofe. **Revista da Universidade Vale do Rio Verde**, v. 12, n. 2, p. 316-322, ago./dez. 2014.

TANNOUS, Simone; GARCIA, Anice. Histórico e evolução da educação ambiental, através dos tratados internacionais sobre o meio ambiente. **Nucleus**, v.5, n;2, pág 183-196, 2008.

TRIVIÑOS, A. N. S. Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: **Atlas**, 1987.